



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin















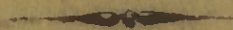
BIBLIOTHECA DO GLOBO

# MARÁBA

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

SALVADOR DE MENDONÇA



RIO DE JANEIRO

EDITORES, COMES DE OLIVEIRA & C.

Typographia do — GLOBO — rua dos Ourives n. 51

—  
1875



Ao Sr. Conego Francisco de Paula Rodrigues, —  
ao Amigo e ao sacerdote que si nas virtudes  
e nas letras tivesse mais imitadores, ha-  
veria de menos algumas paginas neste livro, —

off.

Como testemunho de affectuosa  
admiração

Salvador de Indonea

Rio, 10 de Março de 1875.

MARÁBA

el red

Padre Chico

300,00



Mendlin

BIBLIOTHECA DO GLOBO

---

# MARÁBA

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

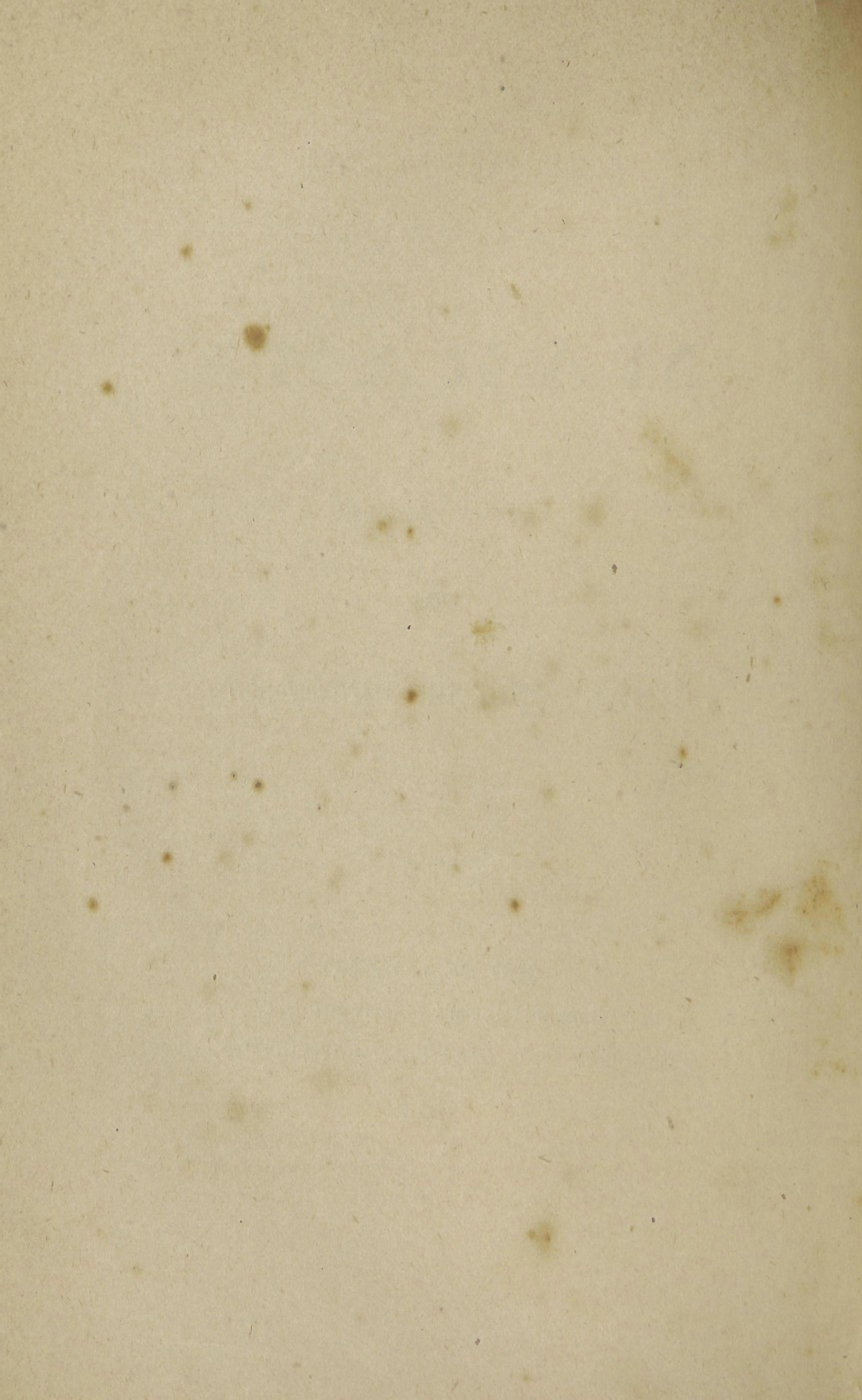
SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

EDITORES, GOMES DE OLIVEIRA & C.

Typographia do — GLOBO — rua dos Ourives n. 51

—  
1875



## AO LEITOR

Embora delineado ha tres annos, foi o presente livro escripto quasi á proporção que ia apparecendo no *Globo* em folhetins.

Não se diz isto no só intuito de attenuar as faltas do auctor, que é elle o primeiro a i-las conhecendo; mas principalmente por amor da arte e culto sincero do bello que certo requeriam trabalho mais assentado.

Emquanto os pensamentos, vestidos como Deus queria e o permittiam os recursos paternos, enfileiravam-se amparados uns aos outros nas columnas do jornal, onde sem voltar a pagina o leitor enfasiado tinha meio de seguir apenas o entrecho, ainda o peso da responsabilidade era minorado pela certeza da existencia fugaz de qualquer producção estampada nas folhas diarias.

Mas no dia em que se tractou de reunir sob a fórma de livro os capitulos dispersos, e reuni-los sem o tempo indispensavel para modificá-los, ou pelo menos desbastar-lhes as asperezas, dar neste ponto mais luz, naquelle mais sombra, communicando ao todo mais harmonia e remediando os senões que afeiam uma obra que aspira aos fóros de obra de arte, cresceu o receio do auctor, cujo maior consolo era até hoje nada ter publicado sob esta fórma de livro.

Ha tanto escriptor de bom nome que desejára poder supprimir da sua bagagem litteraria volumes editados prematuramente que do alheio exemplo tirava o auctor proveitosa lição.

Talvez para castigo seu e do seu egoismo, succedeu que o seu primeiro livro sahisse, ao menos na fórma, sem a imprescindivel collaboração do tempo.

Natural é, porém, que concorram todos, na proporção de suas forças, para o desenvolvimento da litteratura nacional, e é muito provavel que, no meio da geral indiferença por taes commettimentos, o presente romance nunca viesse a lume, si tivesse de esperar mão mais detida, e não nascesse da propria necessidade de expansão que é dote do espirito humano.

Portanto, si foi assim melhor, si peor, di-lo-ha o acolhimento que o livro deparar.

Nas paginas que se vão lêr não espere o leitor encontrar, como de viva voz já se disse ao auctor, a sustentação de uma these : que para decisão de certos casos de ordem moral são insufficientes todas as leis que se preestabeleçam, sendo que para cada temperamento ou para cada individuo se houvera de fazer legislação peculiar.

Este livro não pretende provar cousa alguma : nem siquer que os homens são os mesmos em todos os tempos e com as mesmas paixões.

Não tem em mira propagar, reformar, emendar, nem ao menos discutir.

Aspira, quando muito, a que o leiam com deleite e nobre emoção.

Tudo o mais é extranho ao fim da arte, embora por amor della se venha a cogitar nas mais uteis e ponderosas questões com que aliás a arte nada tem.

Para rematar este breve *confiteor*, confessa ainda o auctor que este seu ensaio no romance já lhe está dizendo que em tempo algum virá a ser o que se chama um romancista popular, condição de que o affastam a sua indole litteraria, o modo de concepção e a propria fórma.

Mas tambem o auctor declara com toda a franqueza que não pretende, nem deseja sé-lo, por mais discordante que á primeira vista pareça esta declaração com as suas conhecidas convicções democraticas.

Não repetirá aqui a palavra de um bom espirito : « o direito do publico vae quando muito até ao ponto de ler-nos » ; mas acrescentará por conta propria que em tempo algum o depravado paladar do vulgo lhe dictará a norma de escrever.



Para que o auctor persevere na senda encetada, será bastante que os espiritos cultos o entendam e o acoroçoem, porque desses nasceu em todos os tempos a luz da opinião, cujo reflexo apparece na turba ignorante, salvo ainda á turba a liberdade de reflectir mal.

Não quer isto dizer que ao auctor seja indifferente o voto das almas sensiveis, amigas ignoradas do escriptor, echos fraternos que a sua voz desperta sem que ao menos o saiba; verdadeiras urnas de ouro em que, no dizer do poeta, qualquer moeda tine como si fôra rico thesouro. Não, para esses corações privilegia-dos é que de preferencia a tudo e a todos se escreve e trabalha.

E aqui, para abrir este livro com bons auspicios, transcreve o auctor a carta honrosa, quasi as suas credenciaes, com que a munificencia do grande romancista nacional lhe sahiu ao encontro, exactamente quando escrevia estas linhas preliminares.

« Meu charo collega,

« Felicito-o por seu romance, que li com extremo prazer.

« Escripta no meio de graves preoccupações que lhe repartiam o espirito; e sob a desagradavel influencia da frieza de que a indifferença publica entre nós cerca aos que trabalham; a *Marãba* não mostra todo o quilate de sua inspiração, nem dá a medida de seu talento, conhecido e provado em outras provincias litterarias.

« Mas ahi está o seu *anch'io*. Póde soltar as redeas ao grypho, e deixar que elle remonte-se ás serenas regiões do idéal, fugindo desses afans mésquinhos em que nós os brazileiros, incorrigiveis prodigos, exaurimos tamanho cabedal de intelligencia.

« O drama physiologico de seu romance suscitou-me duvidas e reparos, que lhe exporei quando nos encontrarmos. E' possivel que se desvançam com a sua critica; pois ninguem conhece melhor o livro do que o auctor que o escreveu, com a consciencia de sua arte.

« Ha na critica um sestro intoleravel. E' o de querer que o auctor não seja o proprio, mas um titere do censor, obedecendo ao seu menor gesto, ou antes adivinhando seus caprichos.

« Ponha esse pedagogo em face da natureza com o systema de querer tudo amoldar á sua feição ; e verá que disparates não surdem. Pois a inspiração é tambem uma natureza ; e carece de toda a espontaneidade.

« Apreciei muito suas descripções ; nem sobrias a ponto de se tornarem seccas ; nem minuciosas e prolixas que fatiguem. Poucos traços, e os toques necessarios para imprimir-lhes o vigoroso colorido.

« Como desenho de costumes a azafama caseira de D. Florinda é perfeita ; e deu-lhe quadros de encantadora naturalidade. Acho, porém, que foi prodigo de sua riqueza. Eu si achasse um veeiro como esse, havia de aproveitá-lo ; e em vez de o esgotar em rapida narrativa, buscaria animá-lo com o dialogo, que você maneja com a facil elegancia, que é o realce dessa filigrana do romance.

« Aperto-lhe, pois, cordialmente a mão. Infelizmente o tempo é de industria e não de arte.

« O que hoje se lê é a bibliotheca de caminho de ferro. Os grandes carapetões da sciencia, vestidos com a libré da fabula.

« Resurgiram os gigantes com botas de sete leguas ; os anãos endemoniados ; mas sem os encantos das ingenuas credices daquelles bons tempos.

« Por isso, felicitando-o por seu livro, não creio que elle abra, como devia, uma senda brilhante a seus generosos esforços.

« Sou com estima

« Seu amigo e collega

« J. DE ALENCAR.

« S. C. 12 de Fêvereiro de 1875. »

# MARÁBA

## I

Abrupta e selvatica dilata-se á margem do Atlantico a Serra do Mar, fechando como uma trincheira cyclopica a provincia de S. Paulo.

Embaixo o littoral estreito, coalhado de pantanos ou coberto de areias, donde levanta-se o immenso véu de nevoeiro que cobre a fronte da Parapiacaba.

Emcima os campos patentes do grande taboleiro, dous mil e quinhentos pés ácima do nivel do mar, com seus grupos de vegetação a simularem vedetas alli postadas para transmittirem ao continente a senha do Oceano nas horas das grandes convulsões da natureza.

E entre os dous planos deseguaes, degráu do templo da criação erguido na America, nenhum accesso facil, nenhuma subida practicavel.

Apenas no ponto mais alto da cordilheira intro-mette-se um desfiladeiro alpestre, fechado ao fundo pela cachoeira que despenha-se da cumiada;

a uma e outra parte do aditô temeroso travam-se os contrafortes da serra, como enormes maxillas da bocca do monstro.

Que poderosa força volcanica não rompeu as entranhas da terra, para soerguer o dorso do gigante e deixá-lo alli exposto á colera dos tempos!

Vermes pequeninos daquelle immenso Titão, rojaram sobre elle os aborigenes, seguindo pela mata cerrada o carreiro da anta, escalando penhas e fraguedos, transpondo barrocaes por sobre a ramagem que bracejava ácima das torrentes.

Entrou a raça invasora e cortou na epiderme do colosso a senda sinuosa, por onde subiram durante mais de dous seculos os seus descendentes.

Hoje o monstro está totalmente domado: os nervos de aço da industria atravessaram-lhe as carnes, e arrastam-lhe sobre o dorso rendido os comboios velozes do caminho de ferro.

De ambos os lados da estrada arvores seculares tecem festões e grinaldas de enredigas ou escondem os galhos sob as folhas e bulbos das orchideas. As bromelias varias memoram ainda os cocáres dos guerreiros autocthones. Mal percebido do viajante de vias ferreas, em cuja retina succedem-se rapidamente as imagens dos objectos, quasi sem tempo de se fixarem, ha até em uma deveza da serra, juncto a uma lapa, um tronco esgalhado, com uma

corôa de epiphytas, que semelha o derradeiro guayanaz, soturno e merencorio, visitando o tumulto do filho.

Abrindo prodiga as entranhas, dir-se-hia que a terra ostenta alli todos os prodigios da vegetação.

Ácima de um accumululo de nevoas, no fundo do desfiladeiro, está ainda de pé uma arvore morta: cipós, tesos como cabos, prendem-se-lhe ás grimpas, onde oscilla ao vento a barba de velho; dir-se-hia o mastro grande de uma náu sossobrada.

Deixando apoz si, no horizonte a linha esbatida do Oceano, sobre a cabeça o céu puro, sob os pés o abysmo torvo, e o ambiente perfumado do perfume acre do sertão e o espaço pejado do fragor longinquo das torrentes, transpõe o viajor os planos inclinados e dentro em breve entra nos campos da extensa esplanada.

Ahi o scenario muda: o solo argilloso e secco cobre-se de pastagens que recuam até ao fundo do quadro, a perder de vista. Erguem-se então os capões de mato; alguns tão regulares e symetricos que dir-se-hiam cortados ao sabor da tesoura impiedosa de algum jardineiro. Vê-se que não funcionou alli espontanea a vegetação, que um reino da natureza immiscuiu-se no trabalho de outro reino.

Comeffeito, si a mão do homem não dispoz os grupos daquelle immenso parque, outro animal pequeno trabalhou alli.

O campo era continuo: veio o cupim e lavrou-o. O solo era liso e rijo: o animalzinho furou-o, solapou-o, levantou-lhe uma empola. Era arido: veio a chuva, pôde humedecê-lo; veio a semente com o vento ou com o passaro, pôde germinar. Germinou, cresceu, floriu, fructificou, conservou a humidade sob a cópa, cobriu de humus o chão, protegeu nova sementeira, perfilhou quanto desvalido bateu-lhe á porta em noite tormentosa, deu-lhes agasalho e abrigo, ensinou-os a proceder de modo identico, e a lavra do animalzinho tornou-se bosque.

Fóra da acção do ignorado e obscuro agente da creação, a esplanada corre despida de arvores, mas cóberta da rasteira gramminea que não raro renasce como a phenix das cinzas do incendio que a devora.

Quem vinga o alto da serra e penetra nesses campos, sente expandir-se-lhe o coração; a circulação do sangue accelera-se, as narinas dilatam-se, olfateam com volupia, sorvem a largos haustos o ar vivificante.

Era o que succedia no anno da graça de 1871, em pleno mez de Dezembro, pouco depois do meio dia, a um viajante commodamente sentado em um

vagão de 1.<sup>a</sup> classe da estrada de ferro de Santos a Jundiahy.

O seu traje elegante e cuidado contrastava com o vestir negligente e bonacheirão de mais dous passageiros que iam no mesmo compartimento do carro, um cabeceando a um canto, presa mais do somno que da belleza da paizagem, outro a olhar de esguelha para o leão fluminense, que suspeitava ter deante de si.

Si o traje do turista era elegante, o physico resentia-se-lhe de tal ou qual adiposidade que, no distender das costuras do artista em córtes, deixava transparecer a pretensão ridicula de parecer mais esbelto e mais moço do que realmente era.

Desde as pontas voltadas do collarinho a milord até ás pontas demasiado largas das botinas de verniz, editadas na Côrte sob a responsabilidade de Méliès, as differentes peças da moderna armadura dos conquistadores tinham neste quasi todas as côres do prisma.

Gravata azul-celeste, abotoadura e cadeia de co-raes, luvas amarellas, collete e chapéu côr de perola, paletot côr de pinhão, calças de côr indefinivel pela multiplicidade e contraste dos matizes que a compunham, vestiam um rapagão viajado, cheio de experiencia do mundo e de confiança nos seus quarenta annos, que o não faziam chorar como os

quarenta annos de Cesar ao lembrar-se que com menos idade já o Macedonio conquistára meio-mundo ao passo que elle nada fizera, porque attestavam-lhe de modo irrecusavel ter já feito o que bastava ao seu amor-proprio.

Uma ponta de calvice insinuava-se-lhe por entre os cabellos louros, que parecia estarem presos ao rosto um tanto flacido pelas duas costelletas ruivas, por sua vez quasi unidas ás guias do bigode da mesma côr.

Barba e cabellos ornamentavam-lhe a fronte e davam-lhe uns ares marciaes e triumphantes de couraceiro allemão.

Trouxera esse aspecto, por influencia ou memoria da campanha franco-prussiana, de volta da sua viagem á Europa.

Respirando o ar livre da esplanada, o viajante com os pollegares mettidos nas cavas dos collete, cabeça alta, olhos e charuto accesos, satisfeito comsigo mesmo e com a companhia ingleza, via valsarem as arvores do caminho.

Dansa phantastica é essa do arvoredos á beira das estradas de ferro! As arvores mais proximas e esbeltas, apanhadas pelo raio visual mais curto, volteiam rapidas; as mais distantes ou mais copadas gyram como pesadas matronas, receiosas de intrometterem-se no doudejar do bando vertiginoso.



Quando, depois de atravessar os campos do Ypiranga, o comboio desfilou pelos pictorescos arrabaldes da Moóca, do Braz e da Luz, envolvendo a velha capital paulista no seu semi-circulo de ferro, a physiognomia do viajante abriu-se ainda mais e perguntou em tom communicativo ao desconfiado companheiro de carro qual a demora do trem na estação de S. Paulo.

A resposta secca do interrogado não conseguiu perturbar a expressão expansiva do rosto do viajante. Alguma remota lembrança enchia-lhe talvez a mente; talvez a simples passagem por aquella cidade donde cada moço traz para a vida practica um romance, cujo numero de volumes varia com a indole mais ou menos imaginosa do auctor; talvez, quem sabe, o mero attractivo que possui um campo de batalha para todo o esforçado cabo de guerra que applaude tanto as proprias como as alheias façanhas, verdadeiros Corações de Leão que não desdenham de apertar a mão dos Saladinos infieis; talvez tudo isso e nada disso enchesse de secreto jubilo o coração do nosso viajante.

O que é certo é que conservou as mesmas felizes disposições até á estação de Jundiahy, onde saltou de mala em punho como qualquer viajante illustre com proposito democratico, e onde recebeu-o um

pagem vistosamente fardado, creoulo esbelto e bem fallante que sahiu-lhe ao encontro.

— A bençã, seu Amancio, disse-lhe o pagem quasi com intimidade; a conducção está ahi; senhor está esperando vosmecê na fazenda. Hontem quando recebeu o seu telegramma, deu ordem que se apromptassem os animaes e queria vir hoje buscá-lo; mas appareceram uns sucios, e lá ficou ás voltas com a orelhada sota. Esperam com o jantar, ainda que vosmecê chegue de noite.

— E sinhá tambem está á minha espera? perguntou Amancio sacudindo a poeira da roupa e estendendo o pé ao pagem para que lhe puzesse as esporas.

— Este seu Amancio!... Oh seu Amancio, accudiu o pagem com vivacidade, olhe que depois do casorio eu quero ir para o Rio com vosmecê.

— Qual casorio, pateta, não sejas bôbo; penso lá em casar-me!

— Pois lá em casa não se falla noutra cousa. Havemos de vêr só. Seu Julio, seu tio, disse que vosmecê estava um rapagão. E eu vi Nha Lu estar vendo no album o seu retrato.

E o moleque, abaixado a atar-lhe as esporas, levantou a cabeça e olhou sorrateiro para Amancio.

— Vosmecê lembra-se ha dous annos na Côrte daquella moça do bond?

— Tractante... disse o viajante lisongeador, mettendo dous dedos no bolso do collete e dando-lhe algumas moedas.

O. pagem guardou o dinheiro, saltou da plataforma e segurou no estribo para Amancio montar.

Puzeram-se a caminho. O sol dardejava raios abrazadores sobre a terra incandescida: os córtes avermelhados da estrada desprendiam evaporações quentes que nas arestas das barrancas parecia ateiares na vegetação rasteira chamma semelhantes ás que produz o alcohol. A luz immergia nas vezes mais escusas, dourando o insecto e fazendo emmudecer o habitante alado das capoeiras: cada folha de arbusto recortava no horizonte e no chão a fórma e a sombra vária e distincta.

Ácima da paizagem exuberante de luz e de vida, erguia-se o cone volcanico do Jaraguá, envolto em uma como aureola.

Era um formoso dia de verão, claro e ardente como a paixão do amor, mas do amor que vive como a salamandra do mytho, da chamma que a anima e que a devora.

Horas depois, Amancio e o pagem, tendo galgado uma pequena collina, descortinavam um valle pictoresco, fechado por montes pouco elevados atraz dos quaes escondêra-se havia pouco o sol poente.

Castellos de nuvens brancas, pejudas de electricidade, davam ao crepusculo um tom diffuso.

Apoz um dia abrazador, não corria a menor vibração: o unico movimento que havia na folhagem onde já se aninhavam as sombras era, no mais cerrado das moutas, o agitar das azas dos vagalumes, que dir-se-hia o offegar da vegetação sedenta.

No fundo do valle avistavam-se as casas da fazenda, donde coavam sobre o arvoredado visinho as primeiras e indecisas resteas de luz.

O viajante parou um momento no tope do morro, estendeu os olhos para aquella terra da promissão, deu de novo redeas ao animal, e, seguido pelo pagem, desapareceu em uma volta do caminho.



## II

O valle amanhecêra risonho e festivo.

Do leve accidente do terreno onde a quadra de senzalas e paióes fechava o terreiro de fazenda de Fortunato Alves, desciam escravos e mucamas com as roupas de claro algodão, as saias e os lenços de chita, uns encaminhando-se para o engenho juncto ao açude, outros dirigindo-se para a casa de vivenda meio escondida no pomar, todos denunciando a ausencia do pesado serviço da roça, trocado pela faina alegre dos raros dias de descanso.

Juncto da tronqueira do curral, proximo do engenho, um grupo de creoulinhos vestidos de camisola assistia a tirarem leite das vaccas e embargava o passo com alta vozeria á meia duzia de bezerros de bornaes á bocca, que impacientes barafustavam atraz do alimento que lhes roubavam.

O gado carreiro, deitado pelo campo, ruminava paciente o repasto matutino e embalsamava o ar com o bafo salubre.

Carneiros brincões saltavam o rego que ia ter ao açude e desciam em fila para o fundo da varzea.

As janellas da casa, nem todas abertas ainda, voltadas para o nascente, recebiam atravez das frondes do arvoredó, rosciado de perolas, os primeiros raios do sol.

Cada trilha, cortada no campo da pequena encosta pelo transitó diario, vinha terminar á varzea pela alluvião de terra acarretada de cima pela chuva torrencial da noite anterior e espalmava-se embaixo como a planta dos palmipedes que recortavam na face do açude os seus angulos caprichosos.

Ao longo de uma cerca de espinheiros que pelo valle dentro fechava a estrada que passava pelo campo da fazenda, corriam montados em fogosos cavallos um cavalleiro e uma dama.

Si o cavalleiro manejava as redeas de possante cavallo russo como consummado sportman, a dama soffreava com difficuldade uma egua de raça, negra como o ebano, de orelhas e cabeça pequenas, pernas seccas e nervosas, cauda e clinas abundantes.

Si os tivera visto passar á desfilada ao lado um do outro, no cavalleiro reconheceria o leitor o nosso viajante da vespera, e na dama adivinharia a Nha Lu do curto dialogo da estação do caminho de ferro, Lucia, a formosa filha do fazendeiro.

Lucia teria vinte annos : alta, esbelta, senhoril, tinha a cavallo o porte de uma amazona ; os cabel-

los negros e bastos sahiam-lhe de sob um chapéu de cópa alta e voavam de envolta com o comprido véu.

Morena, mas desse moreno rosado, que é a côr da saude, cerrava com a velocidade da carreira, e talvez com a fixidez de um pensamento occulto, os dous olhos mais negros e mais assassinos que já possuiu creatura humana.

Eram uns olhos singulares : portas do paraizo e abysmos de tentação : grandes, limpidos, um tanto levantados para as temporas ; languidos e avelludados como uns olhos de corsa, nas horas da scisma ; procellosos quando incendia-os a colera ; máus quando, velados pelos compridos cilios, a dona agitava o pézínho impacienté. Nesse momento possuiam a expressão indizivel, entre graça e malicia feminina, que ia desde o desejo de vêr saltar da sella o companheiro de passeio, ao transpor um valado, cobrindo-se de lama e de ridiculo, até á insania do maior attentado contra si propria, em que o vencedor fosse elle.

Quem jámais traduziu a vaga aspiração de uns olhos de mulher, no momento em que elles mesmos não sabem o que querem ?

As maçãs um tanto salientes que perturbavam-lhe a pureza das linhas do oval do rosto, davam-lhe ao semblante esse typo paulista, mescla

remota do sangue indigena e do sangue europeu.

Nariz correcto e de azas arqueadas em graciosas curvas, labios um tanto grossos e rosados, com um buçozinho apenas visivel a disfarçar a altura excessiva do labio superior, mento cheio e redondo, formavam um perfil ideal, embora despido da calma tranquillidade do perfil grego.

— Não sabe, meu charo senhor, com que vontade estou de vê-lo dar uma quéda, disse a moça a rir.

— Que maldade a sua, D. Lucia. Mas não ria-se assim, que póde virar-se o feitiço contra a feiticeira.

Lucia açoutou a egua que transpôz de um salto um boeiro da estrada.

— Que cavalleira! disse Amancio alcançando-a.

— Pelo menos, capaz de vencê-lo, disse a moça encarando-o com ar petulante, e cerrando ainda mais os olhos, postoque diminuisse a velocidade do galope.

— Apostemos uma corrida, accrescentou ella.

— Que temos nós feito sinão isso?

— O senhor não tem feito cousa alguma, disse a moça dando-lhe com a chibatinha na anca luzidia do animal.

Durante alguns minutos os cavallos devoraram o solo humido e plano. Depois de haver distan-



ciado o companheiro, a moça parou de improviso e cortou-lhe o caminho.

— Então? perguntou-lhe estirando o pescoço com uma graça de cysne e envolvendo-o com o olhar.

— Devo confessar-lhe, D. Lucia, disse Amancio um tanto confuso, que tenho feito uma fraca figura.

— Poltrão! disse a moça em tom entre colerico e jovial, com as sobrancelhas carregadas e as narinas offegantes pela carreira.

E seguiu a passo na frente do cavalleiro.

O busto airoso inclinava-se agora indolente e langue, como se procurasse repousar do cansaço.

O moço acompanhou-a mudo á pequena distancia.

Quem os visse assim, di-los-hia castellã e pagem em passeio matutino pelas cercanias de um castello.

O cavalleiro pensava em uma andaluza que havia apenas mezes vira a cavallo, no bosque de Bolonha. A moça não sabemos em que pensava.

Pouco adeante uma estiva arrebatada pela enxurrada, ficára com os madeiros presos de encontro á cêrca; apenas um páu roliço, detido por dous moirões, transpunha o correjo lodacento que atravessava a estrada e embargava o passo.

Lucia adeantou o animal, que enterrou ambas as mãos no lodo até á altura dos joelhos; de subito fê-lo voltar nos pés, tirou-o do atoleiro e apeiou-se de um salto.

— E agora? perguntou Amancio, depois de tentar nova passagem por outro ponto, e profundamente impressionado, como si aquelle inesperado obstaculo viesse decidir do seu destino.

A moça atirou as redeas ao gancho do sellim e açoutou rijamente o animal á beira do correjo.

A egua margeou a cerca, junctando os pés sobre os pequenos tesos que formavam um archipelago na superficie espraçada do brejo, e, chegando ao outro lado, entonou o pescoço e nitriu.

O cavallo de que Amancio já se havia apeiado levantou a cabeça, aspirou o ar da manhã e seguiu o mesmo caminho.

— Dê-me a sua mão, disse a moça em tom incisivo.

Amancio estendeu-lhe a mão e a moça precedeu-o no passadiço. Quasi em meio do madeiro, Lucia embarçou-se na saia de montar, que desenhou-lhe as fórmulas como as de uma estatua antiga sob o pannejamento artistico, e houvera ido á agua, si Amancio, erguendo-a rapido nos braços, não a segurasse com mais firmeza do que lha supportariam.

Nenhuma matilha perseguia o nosso centauro; depoz a salvo a nympha na margem opposta.

Lucia desprendeuse com um gesto brusco dos braços de Amancio e antes que elle a ajudasse a

montar, cavalgava de novo a egua e partia a galope.

O cavalleiro seguiu-a.

Dobrando o ultimo monte no fim do valle havia uma encosta suave em meioda qual a natureza reunira um grupo de negras penhas, quasi todas de fórma arredondada, umas ao alto, outras tombadas, simulando ao longe uma manada de elephantes.

Sobre a penha mais alta uma urostigma distendia as raizes até enterrá-las no solo, e com a folhagem coriacea formava um como docel á entrada de uma gruta ampla e tortuosa, tunel natural que abria passagem para o outro lado do monte.

Deixando a estrada e encaminhando-se para o fraguedo, sitio obrigado de parada e reunião em taes passeios, tinham ambos a physiognomia agitada; o sol dourava os cabellos louros de Amancio e enchia de reflexos azues as madeixas negras de Lucia.

No entanto Amancio estava pallido e Lucia com as faces em fogo.

— Aposto que a senhora não é agora capaz de transpor a gruta a galope sem cahir.

— Tópo, disse Lucia estendendo-lhe a mão e re-tendo-a na sua. Upa, Deborah! bradou ao animal.

E arrancaram junctos para a entrada do tunel, onde penetraram de mãos dadas.

Dahi a instantes sahiam ambos do outro lado do monte e retrocediam á de sfilada por dentro do campo da fazenda, saltando corregos e vallas e levantando deante de si os amorosos bandos de rolas que mariscavam na relva.

Quando o tropel dos cavallos perdeu-se ao longe, um vulto informe moveu-se no chão da gruta e arrastou-se para a bocca por onde haviam penetrado os cavalleiros.

Ao vê-lo, difficil fôra decidir si a massa indistincta que rojava pela caverna seria algum monstro desalojado do antro pela investida dos passeiantes, si uma misera velha coberta de andrajos, com os cabellos corredios da raça indigena a cahirem-lhe pastosos sobre a cara encarquilhada pelos annos.

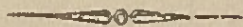
Chegando á bocca da gruta, a velha apegou-se ás anfractuosidades da rocha, distendendo as phalanges engelhadadas dos dedos; e desenvolvendo a espinha dorsal, poz-se de pé hirta e medonha com o espirito máu daquella brenha.

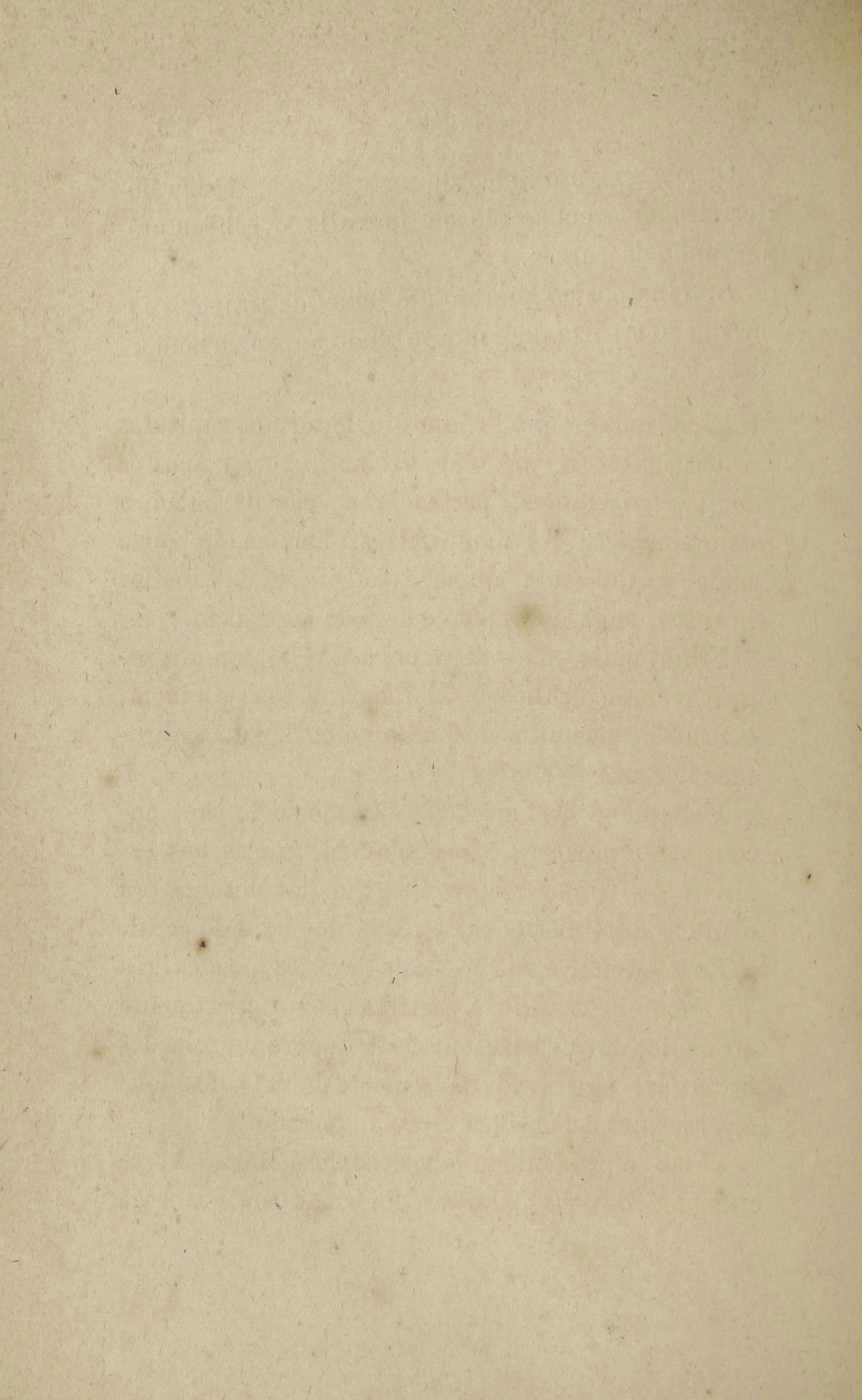
Na zona luminosa do nascente desenhavam-se distante os perfis movediços e esbrazeados dos dous cavalleiros.

Um riso alvar arregaçou os labios finos e contrahidos da velha, que retirou lentamente a mão descarnada que levantára ácima dos olhos encovados para olhar contra a luz.

O som grave e rouco de uma bosina, tocada no terreiro da fazenda, reboou no valle e echoou até ao fundo da varzea.

A velha poz ao hombro um feixe de gravetos já arrimado á porta da gruta, e rindo e resmoneando, desceu a encosta.





### III

A fazenda a que levamos o leitor nos capitulos antecedentes e por onde fizemo-lo correr apoz os moços passeiantes, pertencia ao pae de Lucia, o commendador Fortunato Alves, homem de pouco mais de quarenta annos e já coberto de cabellos brancos, meio hydropico e de todo arruinado.

Filho mais moço de uma casa rica, tentára seguir o curso juridico da faculdade de sua provincia, e apenas conseguira desbaratar em S. Paulo algumas dezenas de contos de réis.

Voltando á fazenda depois da morte do pae, encontrara-a prospera e augmentada, graças aos esforços do irmão mais velho, que havia annos era o unico administrador e gestor dos bens do casal.

Encetou mal a sua segunda carreira, pois exigiu do irmão inventario e partilhas com impertinente atropello, de que resultou certa quebra de relações fraternas, aggravada pela morte da mãe dos dous moços, que pouco sobreviveu ao marido.

Então o prudente e laborioso José Maria Alves entendeu dever separar-se do irmão mais moço e

no extremo opposto das terras da fazenda, perto de Itupeva, edificou casa sua e foi abrir novas culturas.

O ponto foi separarem-se os dous irmãos para lhes correr adversa a fortuna.

José Maria Alves accumulou novos haveres, mas elevado de simples alferes da guarda nacional a tenente-coronel pelo gabinete Paula Souza, por serviços prestados no seu municipio ao partido liberal, atirou-se em corpo e alma á politica e viu sahirem-lhe os bens mais depressa do que haviam entrado, de tal arte que salvou apenas os immoveis da sua situação.

Conservava no entanto, ao tempo desta veridica historia, a aurea mediocridade do poeta, de par com uma nobreza e magnificencia de character que deram-lhe talvez a alcunha de Marialva, com que era conhecido e que assentava com toda a propriedade no seu apparente aspecto de velho fidalgo.

Apparente aspecto, fica dito, pois no fundo daquelle coração arraigava-se dia a dia o mais decidido sentimento democratico, uma das duas molas unicas da sua existencia.

A outra era o amor de pae,— e amor estreme-cido de quem nunca amára por outra fórma,— que votava á filha do irmão, a formosa Lucia.

Fortunato Alves seguira por diverso caminho,



verdadeira aresta de abysmo, sobre a qual é difficil voltar atraz.

Ao inverso do irmão que nunca se casára, casou cedo, e por mero interesse, com uma excellente senhora, mais edosa que elle, mas tambem mais rica, e conseguiu dissipar a propria fortuna e a fortuna della antes de casar a filha.

A instancias da mulher, a respeitavel Sra. D. Florinda, convidou o irmão para padrinho de Lucia.

Si este passo não trouxe a reconciliação total dos dous, foi só porque os conselhos repetidos de Marialva agastavam o perdulario, que fugia áquella fiscalisação.

Por ultimo, ao cabo de argumentos, declinára Fortunato da competencia do irmão, lançando-lhe em rosto o dispendio da fortuna com a politica que nada lhe dera, ao passo que elle gastava, mas divertia-se, e si não divertia conjunctamente a mulher era pela simples razão de que a boa senhora só se entendia com a direcção do interior da sua casa, em que vivia atarefada dia e noite.

Embalde retorquiou-lhe Marialva que se lhe ia o dinheiro em serviço publico,—e o que é verdade é que devia dizer em publica beneficencia, pois era o pae da pobreza, um mãos-largas para os necessitados, e até para os que o convenciam de que o eram sem o serem;—ao passo que o jogo princi-

palmente, os prazeres licenciosos depois, exauriam ao irmão duas fortunas, nenhuma das quaes ganhára.

Fortunato limitara-se dahi em deante a esconder do companheiro de infancia os seus crescentes desregramentos.

Marialva notara-o, e só por amor da afillhada fôra por algum tempo assiduo á Fazenda Velha, como nos arredores a conheciam, em contraposição á fazenda nova, aberta pelo primogenito da casa do outro lado do valle paterno, a poucas milhas de distancia.

Lucia era uma creança encantadora: cobriram-na de mimos a mãe, o pae, o padrinho.

Quando fez sete annos, fallou o pae em mandá-la para um collegio na Côrte: oppuzeram-se a isso o amor da mãe e a prudencia do tio.

Mas na educação de Lucia enxergára Fortunato ensejo propicio para frequentar o Rio de Janeiro, e removeu a reluctancia materna que afinal só desejava a felicidade da filha, sem conseguir dobrar a obstinação com que o padrinho amontoava argumento sobre argumento, para provar o descabido do passo. Propôz a Fortunato incumbir-se da educação da afillhada, mandar buscar uma professora ao Rio; nada foi acceito: o designio paterno estava assentado: por traz das grades do jardim do col-

legio patenteava-se-lhe á imaginação um jardim de Armida, um palacio encantado para os seus desvarios.

Trouxe a filha para a Côrte, onde demorou-se dous mezes a pô-la no collegio, e quando tornou á fazenda parecia muito mais leve das algibeiras e do sizo.

Disse ao irmão e á mulher, que o esperavam anciosos, que mettêra a filha, como interna, no collegio da Immaculada Conceição, dirigido pelas irmãs de charidade.

A mulher, senhora de muitas devoções, tinha tambem essa das irmãs de charidade: nadou em jubilo com o avisado passo do marido, cuja alta philosophia e profunda experiencia faziam-no considerar a religião como freio unico das paixões mundanas, talvez por argumento tirado do seu nenhum sentimento religioso.

O padrinho empallidecêra, tomára o irmão á parte e propuzera, nú e crú, comprar-lhe a filha por cincoenta contos, pagos no praso de trinta dias, com a condição de encarregar-se da educação e instrucção della.

Ao pae revoltaram-se-lhe os pios instinctos, de que não era ainda de todo erma a sua alma, e virou as costas ao irmão.

Mariaiva não tornou á Fazenda Velha sinão dez

annos depois, quando o irmão foi invocar a sua amisade pela afillhada para arrancá-la das mãos das educadoras, que haviam resolvido Lucia a entrar para a sua congregação.

Foi então sincera a dôr do misero. Esses dez annos passara-os a esbanjar quanto possuia: por vezes a imagem da filha surgia-lhe como um anjo redemptor, mas pensava com criminosa fraqueza na fortuna do irmão, e contando com esse amparo para Lucia, deixava-se arrebatár pela torrente impetuosa dos seus vicios e paixões. A imagem da esposa nunca se lhe appresentou: nunca tivera amor á triste senhora, nem ella soubera inspirar-lho: exhausta a fortuna, laço unico que os prendêra, tudo estava acabado: a mulher era apenas uma mucama graduada, senhora das chaves da dispensa e da rouparia dos pretos, e nunca lhe tecêra outro elogio além de chamá-la um dia, á vista de uns hospedes da Côrte, « a melhor doceira da provincia ».

Vendo-se ameaçado de ficar orpham do amor da filha, depois de tamanhas dissipações de dinheiro e de affectos, — e as destes são as mais dolorosas no dia do primeiro remorso, — Fortunato Alves ficou aterrado.

Olhou pela primeira vez para dentro de si e teve medo: a sua vida tempestuosa varrera-lhe tudo: bens da fortuna, amigos, felicidade, paz do lar

domestico; o proprio torvelinho da sua existencia atordoara-o; mas ao arrancarem-lhe o amor da filha, sentiu que lhe arrancavam a sua taboa de naufrago, e entrou em casa do irmão como um homem que se afoga.

Marialva recebeu-o com frieza, mas quebrou-se-lhe tambem o animo ao saber da nova. Sem trocar uma palavra com o irmão, mandou sellar os animaes, vestiu-se, partiu para o Rio, onde só estivera uma vez em moço a negocio do pae, e tres dias depois hospedava-se na Côrte em casa da familia de um amigo, a quem conhecêra na provincia. No dia seguinte sahiu á rua apenas para duas cousas: primeiro para tomar duas passagens na agencia dos vapores de Santos, depois para ir a Botafogo ao collegio da Immaculada Conceição buscar a afilhada. Entrou no estabelecimento, mandou chamar Lucia, tomou-a pelo braço, com grande alarido dos chapéus brancos, cuja alvura é comparavel á dos sepulchros na phrase das sagradas escripturas, metteu-a no carro comsigo e passados tres dias entrava com ella na Fazenda Velha.

Lucia durante dous mezes mostrou-se surda aos charinhos maternos, ás lagrymas do pae, ao amor dedicado do tio.

Encerrada em uma camara, chorava longas horas, prostrava-se e rojava aos pés de uma imagem da

Virgem, pedindo-lhe em altas vozes que a libertasse do captiveiro em que a tinham.

Juncto daquelle aposento e daquella dor sem conforto, velou dous mezes o padrinho, andou e desandou dous mezes a trefega e desvelada D. Florinda, que entremeiava a lida diaria da casa com um bom cento de suspiros, e chorou ainda umas duas vezes Fortunato Alves.

Passados sessenta dias, Marialva conseguiu passeiar á tarde pelo campo da fazenda com a sobrinha; repetiu os passeios e os consoladores colloquios durante alguns dias mais, e o que é verdade é que no fim da semana Lucia cobrara a alegria perdida, ao menos por intermittencias, e com a volta do seu riso apagaram-se de todo as lagrymas do pae e os suspiros da boa D. Florinda.

Decorrido um anno, soube-se que Marialva promettêra trazer a afilhada ao Rio, e a promessa foi cumprida.

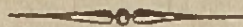
De volta dessa viagem com o padrinho, Lucia chegou á casa com um sortimento de joias, vestidos, livros, musicas e quinquilharias, e tão outro do que se fôra, que a Fazenda Velha não pôde deixar de sentir-lhe o influxo jovial.

A pretexto de que a sobrinha o exigia para Deborah, que figurava entre as prodigalidades do recente passeio á côrte, mandou Marialva

concertar os caminhos da fazenda e limpar-lhe o campo, pintando-lhe demais a mais as casarias e dando-lhe emfim essa feição prasenteira que desaparecia sob os testemunhos da incuria do desolado fazendeiro.

Re nasceram então os dias felizes para aquelle valle: Lucia enchia-o com o seu esplendor, desabrochando para a vida com o ruidoso desabotoar da flôr do Amazonas. Os dous irmãos não se tornaram a separar, sinão nos poucos dias em que o mais velho tinha de ir pôr boa ordem na sua fazenda, que afinal era tambem de Lucia. A Sra. D. Florinda ralhou mais cem vezes por dia para substituir os suspiros e remendou mais dez peças de roupa; o que quer dizer que foram esses os seus melhores tempos.

Nos tres annos de roça, porêm, que succederam á sahida do collegio, passou por tamanha transformação o character de Lucia que está o leitor convidado, e a leitora tambem si quizer honrar-nos, a lêr a historia do seu coração.







#### IV

O coração de Lucia era como todo o coração humano : capaz de boas ou más paixões, conforme o affeição com a lição da virtude ou com o exemplo do vicio. E si de uma e de outro recebe o influxo, torna-se mixto incoherente de ambos, affirmando e negando a um tempo a origem sublime da obra suprema do Creador.

Nos primeiros annos, Lucia foi apenas uma creança mal educada : o minimo desejo seu era satisfeito ; adivinhavam-lhe as vontades ; quando não as tinha, despertavam-lhas ; e tal era o seu imperio no animo de quantos a rodeavam, que proclamaram-na « a princezinha ».

E' sabido até onde vae a tyrannia dos despotasinhos que se vêem obedecidos pela cegueira dos paes.

Si apparecia na fazenda um velho e dyspeptico aggregado que ia tractar negocio com o fazendeiro, para fazer a vontade á menina, comia em jejum uma penca de bananas, porque ella trazia-lha, pedia, instava, flagellava-o para que comesse, e o misero via-se afinal reduzido a ceder.

Si estava em casa algum hospede ceremonioso, emquanto conversava com o pae, via acercar-se-lhe a interessante creança, apoiar os cotovellos nas côxas, amarrotando-lhe as calças, e começar a desenhá-lhe a lapis, no lustroso collete branco, uma colleccção de bonecos, homens, cavallo, passaros, tudo enredado afinal com os mais caprichosos arabescos.

O hospede enfiava, mas o pae ria-se.

Si a propria mãe tentava pôr paradeiro alguma perigosa traquinada, lá vinha a intervenção paterna acoroçoar as felizes disposições do diabrete.

— Ora, deixe a menina, senhora; para que ha de ser com ella tão rabugenta?

E a creança fazia taes progressos que, aos sete annos, cada dia era assignalado por alguma travessura digna de ser commemorada. Uma manhã enterrava na palma da mão um anzol com que pescava no correjo. Uma tarde cahia com febre, por haver apanhado sol abrazador, a armar laços atraz da casa ás gallinhas do terreiro.

Um dia trouxeram-na sem sentidos: tinha cahido de um cavallo em que montára em pello no campo da fazenda.

A mãe arrePELLou-se, revolveu meia casa, applicou-lhe um cento de mézinhas e só descansou quando a viu tornar a si, livre de perigo. O pae e o tio

concordaram que era preciso mudar de vida, mas dissentiram na mudança: reconheceram ambos a necessidade de chamar a instrucção em seu auxilio, para occupar aquella natureza irrequieta e indomavel; mas opinava o tio pela permanencia na roça, ao passo que o pae pensava em trazê-la para a Côrte, pelas rasões que os leitores já conhecem.

Transplantada do ar livre da fazenda para a estufa monacal do collegio, da plena liberdade para a total subjeição, rebellou-se a indole intractavel da menina, não contra as preceptoras que lhe impunham severos castigos a cada infracção disciplinar, mas, com a logica das creanças intelligentes, contra a familia que para alli a atirára.

Do padrinho que vira empenhado em conservá-la na fazenda, tinha ainda grata lembrança; á lembrança do padrinho associava a de um menino, seu companheiro de brincos infantis, filho de uma fazendeira visinha; mas dos paes chegava a recordar-se com raiva, imputando-lhes a reclusão em que definhava e soffria.

Cahiu doente, atravessou entre a vida e a morte largos dias, e mais largas noites, durante as quaes apparecia-lhe, por entre o delirio da febre, uma velha enfermeira, amortalhada em compridas vestes, a quem as collegiaes chamavam Tia-Morte. Em vez dos charinhos maternos, teve as practicas ater-

radoras da Tia-Morte, que lhe fallava do outro mundo como de cousa que conhecia. Ao cabo de alguns dias manifestou-se uma crise, em que a vitalidade do seu organismo afinal venceu.

Convalescente, convenceram-na de que só um milagre de Nossa Senhora a arrancára da sepultura, e essa alma ardente consagrou-se desde então ao culto da sua divina protectora, primeiro por gratidão, depois por necessidade de amar.

Passou dez annos na practica dos mais falseados principios de moral, cuja doutrina via diariamente desmentida pelo exemplo; mas como era dotada de indole altiva e individualidade propria, a educação que recebeu alli não produziu os resultados que commummente produz.

Onde outras bebem lições de hypocrisia, pôde o coração de Lucia abraçar-se no amor da Divindade; não foi uma beata, foi uma crente. A's preceptoras, desviadas da senda da virtude, chegou a desdenhar com toda a altivez de sua alma. Mediu dia por dia aquella abjecção que fazia voto annual de castidade e aquella fraqueza que pretendia ser uma força só porque velava sob vestes sagradas as suas torpezas. Um movimento de dignidade irritada fez arraigar-se-lhe no espirito o pensamento de vir um dia a restaurar em toda a sua pureza a obra de Vicente de Paula.

Que magnifico papel para a mulher desherdada da familia, adoptar a humanidade! ser mãe de desvalidos e enfermos! consoladora de afflictos, balsamo para todas as feridas!

Esse papel seduzia-a, essa idéa dominava-a com o fervor da crença dos primeiros annos.

Mas de par com o seu viver ascetico, uma aspiração indefinida, um querer sem alvo, a principio quasi imperceptivel, vago, indeciso, cresceu-lhe na alma com a idade.

A' hora do crepusculo da manhã, quando reunidas na capella entoavam a prece matutina, e cravava os olhos no Crucificado cujo corpo divino parecia mover-se á luz tremula dos cirios do altar frouxamente allumiado, passava-lhe pela mente essa onda de amor que fez de Sancta Cecilia a artista inspirada e de Sancta Thereza a sublime poetiza.

Desejára que a incarnação divina tornasse á vida para poder amá-la viva, lavar-lhe as feridas com as suas lagrymas ardentes, oscular-lhe as plantas trespassadas pela ponta buida dos cravos do supplicio com os labios frementes de apaixonado ardor.

Tinha quinze annos, quando uma tarde viu passar montado em um garboso pony o vistoso moço que em começo desta historia encontramos em viagem. Seguiu-o com a vista até ao ponto em que o

muro do jardim escondeu-o de subito. Pouco depois um carro descoberto passava na mesma direcção com uma formosa mulher, vestida com exaggerada magnificencia. Um como clarão abriu-se-lhe no espirito. Invejou aquella mulher que parecia seguir aquelle homem.

Os ultimos raios do sol douravam a corôa dos penedos que se interpõem entre a pictoresca bahia de Botafogo e o Oceano : uma poeira dourada levantava-se da encosta dos montes e parecia subir até ao pincaro do Corcovado, metade sombra, metade luz.

Lucia dirigiu-se meditativa para o fundo do jardim, e olhando para o pincaro do monte disse comsigo : — Tal qual o meu coração.

Nos ultimos dous annos que passou no collegio, recusando acceder ao pedido do pae que lhe escrevia convidando-a a marcar o dia em que viesse buscá-la, Lucia confundiu muita vez na sua adoração a imagem do Senhor com a reminiscencia quasi apagada do seu antigo companheiro de folguedos da infancia e com a lembrança viva daquella visão do cavalleiro seguido pela dama.

Consultada pelas preceptoras ácerca de uma carta que tinham recebido do pae, Lucia respondeu-lhes que não sahiria do collegio, porque estava

resolvida a entrar para a congregação e dedicar-se no anno seguinte ao professorado.

A nova foi motivo de geral regosijo na casa, onde o talento real e a supposta riqueza da moça eram applaudidos e cubiçados. De improviso o padrinho de Lucia arrebatou-a ás piedosas irmãs.

Como varreu-se-lhe da idéa o intento de fazer-se irmã de charidade, ouviram os leitores no capitulo anterior; o que não ouviram foi o que se passou um anno depois na Côrte, quando a sobrinha e o tio aqui vieram a passeio.

Dentro de um bond da linha de Botafogo encontrou Lucia o seu cavalleiro da tarde de outomno, e com tamanha curiosidade o observou que o fatuo não pôde forrar-se ao desejo de travar conversa com um pagem que na plataforma acompanhava os dous provincianos, e que lhe forneceu todas as informações para nessa mesma noite apresentar-se na casa em que Marialva estava hospedado e que acertou de ser a casa de um amigo commum.

Lucia convidou Amancio a ir passar alguns dias na provincia, não de todo desconhecida do moço, porque fôra um anno estudante de preparatorios em S. Paulo, donde viera recambiado, quando tinha ainda pae que lhe puzesse embargos á existencia desenfreada que agora levava a seu salvo.

Tres semanas depois Amancio foi divertir-se na Fazenda Velha durante a festa do Anno Bom; apenas porém demorou-se tres dias por estar de passagem tomada para a Europa no primeiro paquete de Janeiro. De volta dessa viagem, decorridos dous annos, foi que o vimos pela primeira vez, reincidindo na tentativa de conquistar o coração de Lucia.

Tentaria algum trabalho de Hercules?

Nos dous annos de ausencia, o coração da moça fôra seu caminho de transformação.

A febre da juventude enchia-lhe as veias com o sangue quente dos tropicos que a educação monacal suppunha ter enchido de agua benta.

A volta á liberdade e á terra natal, ao passo que lhe desenvolveu a belleza physica e lhe aprimorou as fórmas, operou tal reacção no seu character que só o trabalho intelligente, a acção continua e desvelada de um coração de mãe que possuisse a sua plena confiança, podê-la-hia desviar da senda perigosa em que entrára.

A boa D. Florinda mal sabia da sua lida diurna, e assistia extasiada ao que suppunha crescente vivacidade do espirito da filha.

Aquella natureza potente vingou se dos dez annos de ascetismo: phenomeno physiologico, digno de ser estudado pelo philosopho e pelo ob-



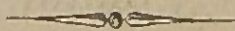
servador, a justa medida da liberdade da educação da mulher parece de pender do seu temperamento : sem a obra lenta e proficua do amor materno, demonstrado na correspondencia do primeiro sorriso trocado juncto ao berço, inoculado com os proprios seios que alimentam a creança, consagrado de anno a anno pelo zelo vigilante da maternidade, capaz de conquistar em qualquer tempo a confidencia mais embaraçosa, por mão de estranhos levantar diques á torrente impetuosa das paixões, é preparar o transbordamento que tudo alaga e devasta, derribando os obices postos por zelo inexperto e levando a desolação e a dôr ao lar da familia.

Aos vinte annos Lucia já não tinha devaneios ; tinha aspirações, mas definidas, claras, exuberantes.

O mesmo character, mantido em toda a sua integridade, desenvolvendo-se gradualmente, podia ser porventura demovido a tempo, ainda á beira do abysmo. Houvera talvez dado como resultado a castidade feroz em alma varonil, que naquella terra classica da liberdade tem formado mais de uma mãe de Gracchos. Mas refreiado durante annos por uma educação falsa, que nenhum principio solido lhe dera, ao passo que lhe roubára o affecto da familia, no dia em que entreviu a voragem, preci-

pitou-se nella fatal, irresistivelmente, com a impetuosidade das resoluções nascidas do coração na idade em que o proprio perigo seduz.

O primeiro homem, menos que isso, o primeiro parvo que lhe appareceu naquelle ermo; entrevisto havia cinco annos pelas grades do jardim do collegio; encontrado depois fortuitamente em um bond; hospede em sua casa pela segunda vez; com quem apenas trocára na vespera algumas palavras banaes, e de cujo espirito desdenhava, reconhecendo a propria superioridade; foi quanto bastou para anniquilar em uma hora a sua existencia inteira.



## V

A bozina que soára no terreiro da fazenda annunciava aos moradores, livres e escravos, distraídos em logares e serviços diversos, que era chegada a hora do almoço.

A Sra. D. Florinda punha no exacto desempenho das suas funcções de dona de casa peculiar cuidado. Fôra mais facil deixar um dia de levantar-se o sol, do que a diligente senhora deixar de prover ao bom andamento dos actos domesticos.

A's oito horas da manhã punha-se invariavelmente na mesa o almoço e ás duas da tarde o jantar.

Mas que somma de esforços inuteis, que baldadas canceiras, que actividade negativa dispendia para isso a Sra. D. Florinda!

Ao raiar do dia estava de pé: antes de sahir do quarto gritava pelas mucamas, vestia-se, punha ao pescoço um lenço amarello e trocava-o por um lenço vermelho; para trocá-lo abria uma gaveta da commoda onde esquecia a boceta de rapé; a boceta de rapé era dahi a instantes a primeira roda viva do dia; dirigia-se para a dispensa, lembra-

va-se em caminho de tomar a primeira pitada, e, seguida do bando das escravas, corria atraz da boceta a casa inteira; já esbaforida lembrava-se da commoda, tirava a boceta, mas esquecia lá a cambada das chaves; investia pela segunda vez para a dispensa, dava pela falta da chave, e ahí recommaçava a procissão de sala em sala e de quarto em quarto, por onde havia andado, ralhando e maldizendo-se, até que ia ter de novo á gaveta já gasta e polida de tanto abrir e fechar.

Abria a dispensa, mandava tirar o necessario para o almoço; o que era da mesa da casa de venda, de uma vez; o que era do feitor, de outra vez; o que era de trabalhadores brancos, de outra; o que era de escravos de casa, do terreiro e do engenho, de outra; o que era dos escravos da roça, ainda de outra.

Fechava a dispensa; recordava-se, porém, de que na vespera entrára um camarada que vinha trabalhar nos reparos do engenho, chamava a cozinheira, abria de novo a dispensa, mandava adicionar mais uma tamina á secção de trabalhadores brancos, e tornava a fechar a dispensa.

Tornava a abrir a dispensa para tirar milho para as gallinhas, mettia-se no gallinheiro, contava-as, pensava-as, apalpava-as, separava as poedeiras, mandava molhar as que não tinham deixado o chôco,

soltava as outras, ou melhor, levava-as apoz si e apoz o milho, e só as largava de mão quando de papo cheio limpavam o bico e cacarejavam contentes, dispersando-se pelo terreiro.

Entrava na rouparia, escolhia as peças de roupa para a barrela e para o simples ensaboado, extremava o que era para remendar do que era para cirzir, voltava á dispensa para dar sabão ás lavadeiras, passava pela cosinha para examinar o ponto da tachada de azeite de mamona, e determinar o almoço.

Sentava-se á costura, procurava os oculos, formava a terceira procissão, corria de novo a casa, a gaveta da commoda, a cosinha, a dispensa, a rouparia e afinal o gallinheiro, onde effectivamente deixára os oculos, quando na practica da cirurgia atravessára uma penna no pescoço da franga mestiça que estava de gôgo.

Neste andar e desandar consumia o dia todo, de tal arte que ás oito horas da noite estava com um somno de pedra e tinha percorrido, por amor da caixa de rapé, das chaves e dos oculos, boas centenas de kilometros sem sahir de sob as beiras do telhado.

Quanto á instrucção, a Sra. D. Florinda sabia rezar de cór, contar por grãos de milho e escripturar com riscos de carvão as grandes paginas

do seu borrador, diário, razão e caixa—as paredes da dispensa, cosinha, rouparia e quarto de dormir.

Quanto ao mais, temente a Deus e ao marido, amando estremecidamente a filha, embora lá a seu modo, humana com os captivos, economica até á mesquinhez, salvo com os pobres e enfermos da redondeza, e crente em bruxarias.

De pé juncto a uma janella da sala de jantar concertava uma peça de roupa quando ouviu fóra tropel de cavallo:

— Minha Virgem da Aparecida! exclamou. Venha vêr, Sr. Fortunato.

Os dous irmãos que na sala proxima estavam lendo as folhas da Côrte chegadas na vespera, accudiram conjunctamente ao chamado da Sra. D. Florinda.

Olhando para fóra, Marialva soltou essa gostosa gargalhada que aos corações mais bem formados arranca uma quéda de cavallo, antes mesmo de verificarem-se as consequencias della; tanto é certo que toda a alma humana tem a sua ponta satanica.

Outra gargalhada respondeu fóra ao riso de Marialva; era o rir argentino e aperolado de Lucia.

Dirigindo-se para o terreiro da casa, a moça, para encurtar a distancia, galgára a banquetta do rego que levava agua ao açude: a banquetta era

larga e servia até de caminho aos carros da fazenda; mas tomando Amancio o lado de dentro, Lucia ao passar por uma goiabeira apertara-o de tal modo, e de tal modo distrahira-se o cavalleiro, que um galho mais baixo o arrancou do sellim e o lançou de costas dentro do rego.

— Ardilosa... disse Marialva sahindo ao encontro da afilhada no terreiro.

— Aquelle senhor vinha tão tolamente ardente, meu tio, disse a moça com pouca firmeza no tom da voz, que julguei acertado dar-lhe um banho de lodo; repare como uniformizou a côr da roupa.

E colhendo a saia de montar, entrou em uma camara que abria para a saleta de espera onde havia a mesa com os jornaes, um sophá e quatro cadeiras de balanço.

— O que foi isso, Sr. Amancio? Pois um homem que já correu em Epsom e em Longchamps, vem assim aboborar-se na roça? perguntou Marialva indo buscar á extrema do terreiro o cavalleiro enlameado.

— Machucou-se, Amancio? inquiriu Fortunato.

— Tome este cacheláu, accudiu a Sra. D. Florinda com um copo de vinagre, agua e assucar, que o malaventurado bebeu de uma assentada; para quédas não conheço cousa melhor: córta o sangue pisado.

— Não foi nada, não foi nada, aquella maldicta egua tomou-me o caminho...

— Não fosse ella judia ! Olhe, Sr. Amancio, neste endemoninhado animal não monta minha filha por vontade minha.

— Como se não machucou, venha mudar de roupa para irmos almoçar, disse o commendador.

A Sra. D. Florinda endireitou para dentro como um fuso, a mandar pôr um banho na casa dos hospedes. Amancio recolheu-se ao seu quarto sob o mal disfarçado riso das mucamas, enquanto os dous irmãos voltavam para juncto da mesa em que liam.

— Está bom, hei de dar-lhe hoje a compensação do tombo que levou, abrindo-me com elle ácerca do meu plano de casamento.

— Acho que o mano procede mal. Onde foi que se viu andar um pae a metter a filha á cara do noivo ? Vejo que Lucia está em idade de casar, que é prudente tractar disso ; mas que a torto e a direito queira você a garrar pelos cabellos o primeiro individuo que lhe apparece, como si não houvesse mais homens na terra, antes mesmo de saber si a menina gosta d'elle, é o que eu não entendo.

— Pois, homem de Deus, o Amancio não veio aqui pela primeira vez a convite della ? não voltou agora, — e em que circumstancias ? ao chegar da



Europa, — só por amor della ? O que mais quer você ? Amor, parece ter-lhe de sobra ; fortuna, é o que nós sabemos. E' um homem bem apessoado, com practica da vida, instruido, em idade de se ir esquecendo de loucuras e rapaziadas, bem relacionado, em summa o que se chama um bom partido. Porque não ha de casar com Lucia ?

— Já consultou ao menos sua filha ?

— Que mais tenho eu que consultar ? disse Fortunato com ar malicioso. Pois pelos olhos não se conhece quem tem lombrigas ? Hontem á noite Lucia cantou e tocou piano com uma expressão e sentimento que eu nunca lhe vi ; conversaram os dous por essa noite fóra e o mano ouviu o tom da conversa.

— O que eu ouvi foi a solemne batida que lhe deu Lucia, fallando de cousas que nunca viu, muito melhor do que elle que as conheceu, creio que só para dizer asneiras.

— Qual ! o mano está indisposto com Amancio lá por alguma rasão que eu ignoro.

— Você é que está disposto, disse Marialva levantando-se, a negociar sua filha por algumas centenas de contos de réis, pelas muitas rasões que sabemos.

Fortunato ficou pallido de colera, mas conteve-se : a fortuna do irmão era o dote unico que podia

levar a filha em casamento, e esse casamento era forçoso que se realisasse e breve, pois o correio da vespera trouxera-lhe cartas muito positivas dos seus correspondentes da Côrte e de Santos. Quanto possuía não bastava já para solver o seu debito, e só um genro opulento podia salvá-lo.

Demais, quem o privaria de combinar com esse genro uma viagem á Europa, onde ambos se fossem divertir na ausencia das senhoras? Que importa que se tractasse da esposa e da filha? Tambem a viagem não seria para sempre, não passaria de seis mezes, de um anno quando muito.

Marialva que conhecia bastante o irmão, não o conhecia bem. Esperava uma explosão, viu-o empallidecer, mas não lhe rastreou n'alma a passagem do calculo egoistico e indecoroso. Interpretou mal aquelle silencio, deu-se pressa em sahir ao encontro do irmão a quem ultrajára, e accrescentou em tom conciliador:

— Venha cá, mano. Você já pesou bem o que vae fazer? Dizem-me que este moço é um perdulário; o proprio commendador Julio, tio d'elle, que aqui esteve de passagem comnosco, não me fez do sobrinho boas ausencias; foi tutor d'elle, e disse-me que por mais miraculosa que fôsse a actividade do pae em ganhar a fortuna, não era siquer comparavel á actividade do filho em desbaratá-la.

Que futuro quer reservar á sua, á nossa Lucia? Pelo menos ouça-a, veja o que pensa a esse respeito; si você lhe nota alguma inclinação por Amancio, eu descubro nella até sentimentos hostis. Depois o sujeito só tem estampa: é um palerma.

— Está bem, dissé Fortunato, ouçamos a opinião de Lucia: ella é quem se casa, acho muito justo que decida. Mas tenho certeza de que pensa commigo. Você não conhece as mulheres, mano; exactamente quando desejam alguma cousa é que simulam não querer.

Amancio entrava na sala, encadernado de novo, mas um tanto desmontado ainda com a quéda.

— Tractavamos aqui do senhor, disse-lhe Marialva com grande pasmo do irmão.

— De mim? interrogou Amancio com certo sobresalto.

— Do senhor, sim. Ora diga-me uma cousa, já pensou em casar-se?

Apanhado assim de improvisó, o nosso conquistador perdeu toda a calma e balbuciou:

— Casar-me... eu?... com muito gosto.

— O que tem, Sr. Amancio; o senhor vae ter uma syncope. Comadre, disse Marialva para dentro, accuda aqui com a sua agua de flôr de lorangeira.

— Ora, mano, deixe-se de gracejos, disse Fortunato. Já que você adeantou-se em communicar a



## VI

Era pelo fim de uma tarde de Abril, quatro mezes depois das scenas já lidas desta veridica historia.

A' meia milha da cancella da Fazenda Velha, havia uma fonte á beira da estrada, ao sahir de um capoeirão. O sitio era ermo e alpestre. A estrada passava pela aba de um monte, do outro lado corria um campo accidentado, entre a grota e o caminho ficava a fonte.

Quem desembocava do capoeirão tinha deante de si a fonte onde o homem collaborára com a natureza. Velhas paredes de alvenaria, leprosas e esboroadas, fechavam um pequeno tanque. Ao lado esquerdo do tanque havia uma penha oval, rodada talvez do viso do monte e agora enterrada no solo. Ao lado direito do tanque sustinha-se ainda de pé um velho forno com abobada de tijolo que o declive do terreno punha na mesma altura da penha.

Havia não sei que singularidade naquella correspondencia de fórmias, juncto daquella fonte, marcos soturnos da solidão, cobertos de cardos e hervas

bravas, a penha negra como um pensamento funebre, o forno vermelho como uma idéa de sangue, ambos semelhando de longe craneos gigantes.

Um acervo de madeira e de telhas por entre as quaes lastrava a trapoerava, fechava o exiguo terreiro que da beira da estrada estendia-se pela frente do tanque, e indicava o logar em que se levantára outrora a habitação demolida.

O vento frio da tarde encaminhava pela grota tenue nevoeiro que accumulava-se no capoeirão, ácima do qual surgiam as umbellas enormes dos pinheiros.

No tanque, cheio de limo, vogavam algumas aquaticas; o tyrso da pontederia abria as suas flôres delicadas á fria garôa da tarde.

Sentada na borda do tanque e olhando para a agua em funda meditação, quedava a mesma velha andrajosa que o som da bozina chamára da bocca da gruta a que anteriormente levámos os leitores.

Os braços nús e descarnados apoiavam-lhe o corpo anguloso na beira do tanque, onde alguma cousa prendia-lhe a attenção.

A face era horrenda, ossuda, sulcada; luziam-lhe os olhos.

Ao vê-la áquella hora, naquelle sitio, dir-se-hia que alli viera esperar a noite para algum maleficio.

De subito a velha ergueu a cabeça: da bocca do

mato sahia na estrada um cavalleiro que, diminuindo a marcha do animal, entrava no terreiro e dirigia-se para a fonte.

— Minha velha, perguntou o cavalleiro, póde dizer-me por onde se vae á fazenda do Sr. José Maria Alves ?

A velha contrahiou o rosto como si quizera rir, e não respondeu, posto não abaixasse a cabeça.

O cavalleiro repetiu a pergunta ; como não obtivesse melhor resultado, suppoz tractar com alguma mentecapta, e ia tomar de novo a estrada quando a velha com um aceno chamou-o.

— Os olhos estão cansados de vêr tantos annos passarem sobre tantos annos, mas ao filho de sua filha ainda o espirito de Marába conhece por traz da noite comprida que lhe roubou a imagem d'elle.

O cavalleiro apeara-se de um salto, deixára as redeas do cavallo e num transporte de jubilo estreitára a misera nos braços.

— Coitada ! neste estado ! como podia eu conhecê-la?... e afagava-a com charinhos de filho, olhando-a e abraçando-a, até que lhe romperam as lagrymas a flux, copiosas, consoladoras, e reteve-a nos braços largo tracto de tempo.

O homem que se apeára podia ter vinte cinco annos : era de estatura mediana, moreno, olhos, barba e cabellos negros, rosto oval, formoso, mas

dessa formosura varonil, que imprime na physionomia o typo das almas fortes.

O cabello um tanto longo e a barba toda, separados ao meio da fronte e do mento, davam-lhe ao semblante a linha harmoniosa que, passando pelo nariz correcto, inspirára a Leonardo a cabeça de Christo.

Si lhe moldassem as fórmãs do busto, que se completava com o pescoço fornido e as espaduas largas, postoque um tanto cahidas, teriam nelle a imagem da bondade mascula.

A bocca bem rasgada denunciava a locução facil; as narinas moveis, o impeto das paixões.

Si estes dous traços, porém, estavam em tal ou qual desharmonia com o resto das feições, outro mais caracteristico formava com o conjuncto dellas perfeito contraste, muito para admirar naquella idade: era a ruga profunda que entre as sobran-celhas arqueadas sulcava-lhe a fronte calma e intelligente.

O chapéu de feltro dava-lhe á attitudo o ar dramatico que é o realce do homem grave e a ridiculacao mpostura dos parvos.

As roupas que trazia eram quaesquer roupas de viagem, occultas sob amplo cavour de côr escura.

As mãos e os pés pequenos calçavam-lhos umas luvas de camurça e botas curtas de couro da Russia.



A velha andrajosa tirou-se-lhe brandamente dos braços, mirou-o da cabeça aos pés e tomou-lhe a mão.

— Muito ha crescido o acaiacá da Casa Verde e o pinheiro grande do sitio em que nasceu o filho de minha filha; mas não cresceram mais depressa, nem têm mais belleza que o filho da mulher forte. Muitas bençams o hão de estar acompanhando, de dia quando o homem persegue o homem, e á noite quando os espiritos máus vagueiam na terra, para que assim appareça depois de tantos sóes, de tantos que já Marába os esqueceu, aos olhos que suppunham apagar-se sem tornar a vê-lo.

— Coitada! repetiu o moço e apoiou o braço direito á sella do cavallo, que parecia comprehender aquella scena.

— Depois que Agenor desceu a Paranapiacaba e atravessou as grandes aguas em demanda das terras onde nasce o sol, Marába velou cincoenta dias e cincoenta noites perto da filha de seu leite que se finava longe do filho. Quando a sua alma vôu, passou-lhe pela bocca e disse o nome de Agenor, passou-lhe pelos olhos e deu a Marába estes olhos com que Marába está vendo o filho de sua filha.

Duas lagrymas rolaram pelas faces immoveis do moço, qual si uma estatua chorasse. Na mesma

attitude continuou a ouvir a velha silencioso. Que saudades revoavam-lhe na mente! Mas ao peso dellas apenas inclinou a fronte e permaneceu meditativo.

— Vieram depois os estranhos e os filhos da emboaba enxotaram Marába da casa; depois o mais velho apiedou-se della e recolheu-a nas suas terras no campo de Itupeva; mas cresçam no coração de Marába maldades da carne como crescem no Itupeva as casas do cupim, si o coração de Marába ama aquella gente!

A velha fez um esgar medonho e soltou uma gargalhada que vibrou dolorosamente no coração do cavalleiro.

Depois de breve pausa, proseguiu:

— Mas já a filha dos filhos da emboaba tem nas carnes a ferida da setta hervada, que mata no fim de muitas luas. Durma muito embora como a creatura que bebeu a agua da raiz do manacá das cercas e jardins das tabas grandes; corra no dorso do demonio negro que relincha como a inubia dos homens que têm officio de matar; nas entranhas leva o anzol como o bijupirá do rio que por muito agil rouba a linha das mãos do pescador, mas nem assim escapa á morte.

— A quem te referes, ama? perguntou o moço com inquieta sollicitude, entrevendo no fallar con-

fuso da velha alguma desdita. Sabes dizer-me o que é feito de Lucia ? accrescentou com o instincto do coração.

— Repare o filho de minha filha, disse a velha tomando-o pela mão e levando-o para a borda do tanque. O aguapé é uma planta da agua socegada e não dá flôres que andem pelas salas dos brancos; quando abre o cacho côm das flôres da caróba põe-se a vogar na corrente, vem á praia esperar o sol e traz-lhe dentro das flôres a poeira de prata que a lua lhe atirou. Mas quando o sol bebe a prata das flôres do aguapé, elle fecha as flôres, torce o cacho e esconde-o debaixo d'agua para que nenhuns olhos vejam que ficaram feias e desbotadas, sem a poeira de prata que lhe atirou a lua. Veja o filho de minha filha si a bocca de Marába lhe está mentindo.

Inclinando-se para o tanque, viu o moço que a pontederia que alli boiava tinha um dos tyrsos já murcho, retorcido e immerso n'agua sob a folhagem lustrosa. Viu-o, mas não comprehendeu o apologo da mestiça.

— A filha dos filhos da emboaba não faz assim; mostra-se ainda á luz do sol, quando devêra esconder se.

Ao olhar interrogativo do moço respondeu a velha com outra gargalhada e calou-se.

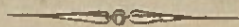
Embalde interrogou-a de novo, não obteve mais uma palavra.

O moço permaneceu pensativo largo tempo deante da velha, cujos beijos moviam-se como automaticamente.

Cerca de vinte annos passaram-lhe successivamente pela memoria; as suas mais gratas recordações haviam sido evocadas por aquella misera a quem a razão parecia ir fugindo, tão confuso era o que dizia.

Mas no intimo do coração começava a pungi-lo uma dor que elle mesmo não comprehendia, e em acertar com o motivo della demorou-se tanto, e tanto revolveu na mente idéa apóz idéa que, embevecido no seu meditar, não viu affastar-se a mestiça, que só em distancia tirou delle os olhos.

Cahiam já as primeiras sombras da noite e sobre as frondes do capoeirão surgia a lua, quando o moço, enfiando no braço as redeas do cavallo, tomou a estrada e proseguiu a pé.



## VII

Proximo á Fazenda Velha, aberta nas matas pelo avô de Lucia, paulista dessa raça activa e ousada que, havendo com as suas bandeiras descoberto quasi todo o interior do Brazil, faz ainda hoje recuar o sertão deante de si, dilatando a fertil zona do oeste da provincia natal, corriam na extensão de muitas leguas as terras de outra fazenda que, principiando no fecho do valle, estendiam-se até ás margens do Tietê.

Era a Fazenda do Capitão-Mór, começada pelo capitão-mór Andrade, homem que durante meio seculo foi o dono daquellas paragens, honrado, poderoso, e despota como senhor feudal que era. Entrando pelos sertões trouxera por duas vezes numeroso gentio que reduzira a verdadeiros servos da gleba, empregando-os no plantio da canna de assucar.

Um velho capellão da fazenda conseguira baptisar muitos indios que se foram coadunando com aquella condição semi-civilisada, para não dizermos semi-barbara. De um delles e de uma escrava

africana nasceu uma creança que a esposa do fazendeiro creou sob as suas vistas.

O capitão-mór não tinha filhos : quando a mestiça fez-se mulher, repetiu-se no opulento casal a velha historia de Agar, com a differença de que a escrava continuou em casa e veio em poucos mezes a amamentar a filha da Sara paulista, tendo morrido o novo Ismael. Disseram as velhas crendeiros que a esposa do fazendeiro concebêra em idade adeantada por arte da mestiça, que dos seus aprendêra mil bruxarias ; o que é verdade é que a filha do capitão-mór teve duas mães, qual mais extremosa.

Por morte dos paes achou-se essa menina de posse de avultados bens e casou em uma das melhores familias da provincia, de origem hespanhola, ainda hoje numerosa e importante.

Curto foi porém o enlace feliz da filha do capitão-mór Andrade : casada havia apenas dez mezes, vieram um dia dizer-lhe que o marido acabava de afogar-se no Tietê que tentára passar a váu, de volta de uma caçada. D. Maria de Andrade, que se casára por amor e encontrára a felicidade no casamento, mal pôde achar consolo no charo penhor dessa união assim cortada em flôr, que dous mezes depois dava á luz.

Essa creança chamou-se Agenor.

Durante doze annos a velha casa senhorial, outrora cheia da ruidosa existencia do homem mais poderoso daquella redondeza appresentou um espectáculo estranho: tres gerações representadas alli em duas mulheres e um menino viveram em uma tal concatenação de affectos que é quasi incrível que uns aos outros fossem bastantes.

A mestiça deixára que se ausentasse o pae com os seus irmãos que preferiram tornar á liberdade das selvas, e consagrou-se com verdadeiro charinho de mãe á senhora a quem amamentára.

D. Maria de Andrade conservara-se viuva e com a cultura do proprio espirito dava ao filho proficuo amor de mãe e preceptora.

Agenor crescêra sob aquelle duplo afago, correndo os campos e as florestas, atravessando o rio a nado e avigorando a saude do corpo, que é quasi sempre a saude da alma.

A' noite depois das faceis lições maternas, — e como já se nos affigura saber aquillo que os labios de uma mãe ensinam! — arregalava os seus grandes olhos pretos ao ouvir as historias e as lendas que lhe contava a mestiça.

Fóra disso, a sua unica distracção era passar alguns dias na Fazenda Velha brincando com a filha de Fortunato Alves, mais moça do que elle cinco

annos, ou trazê-la para a fazenda materna para ahí continuarem os brincos e folguedos da infancia.

D. Maria de Andrade acariciava a menina, e aos seis annos Lucia chamava-a—minha sogra, e chamava a Agenor—meu noivo.

Marialva acompanhava ás vezes as creanças á fazenda visinha, e pelos arredores boquejava-se ácerca do seu provavel casamento com a formosa viuva. Esta, porém, só vivia para o filho, depois que perdêra o marido.

Ou porque taes boatos chegassem aos ouvidos da sisuda senhora, ou porque no animo do menino se fosse naturalmente infiltrando a aversão que á ama de sua mãe inspirava a familia de Fortunato, só porque a avó materna de Lucia fôra uma senhora portugueza e lhe puzera a alcunha de Marába, designação vulgar de todo o animal mestiço no sertão, e porventura corruptela da locução indigena *marabá*; o que é certo é que as visitas á Fazenda Velha diminuíram, e, com a vinda de Lucia para a Côrte, Marialva deixou de ir á Fazenda da Capitão-Mór.

Tres annos depois,—completava Agenor quinze,—mandou-o tambem a mãe para a Côrte, pois affigurou-se lhe que, dahi em deante, retê-lo em sua companhia seria prejudicá-lo, porque o destinava



à carreira das lettras e não lhe podia dar o ensino secundario.

O que foi essa separação não ha palavras que o pintem: mãe e filho, separando-se pela primeira vez, tiveram a intuição de que se separavam para sempre. Mas suppuzeram que assim era preciso: a mãe que de tudo se privára na vida por amor daquelle menino, privou-se d'elle proprio por amor do seu futuro: o filho partiu.

Mas a natureza não tolera sinão o que é natural: aquella separação não o era: o facto de conservar a fortuna herdada para coroar com ella os nobres esforços de Agenor quando terminasse os estudos, não era rasão sufficiente para privá-lo do seu conselho e da sua companhia. O filho, a sua unica afeição na terra, o seu pensamento de todas as horas, partiu, e a mãe morreu. Os medicos disseram que succumbira a uma congestão; mas não é errado dizer que succumbiu á uma ausencia aguda.

Si os seres em que o organismo domina, morrem de uma apoplexia ou de uma gastrite, os outros em que o predominio é da alma por que não hão de morrer de amor em vez de morrer de hypertrophia, de melancholia em vez de hepatite?

Com que direito um conego indigesto figura no

obituario com a mesma molestia de um sonhador philosopho?

Pois perante a respeitavel classe que baptisa defuntos, Sancho e D. Quichote são uma e a mesma cousa?

Agenor soube da morte de sua mãe dez dias depois que a recebêra a terra: procurou o correspondente, entendeu-se com o tutor, e, sem tornar á provincia, embarcou.

Poucos souberam para onde elle foi: a Fazenda do Capitão-Mór arrendou-se a um abastado agricultor do sul de Minas, que se mudou para ella, e correram annos sem se ouvir fallar no herdeiro da poderosa casa.

Quando Marialva veio á Côrte buscar a sobrinha, ouviu em casa do hospede que Agenor estava nos Estados Unidos concluindo estudos de engenharia: a nova encheu-o de satisfação e transmittiu-a aos antigos conhecidos da familia.

Nos tres annos seguintes em lugar de faltarem noticias de Agenor, havia-as de sobra: pelo menos quando chegavam á provincia iam tão augmentadas com a distancia que o moço assumira proporções incriveis. Ora diziam que, tendo concluido o seu curso na universidade de Cornell, occupava um dos primeiros logares do pessoal technico da grande linha ferrea interoceanica;

ora davam-no como associado a uma importante firma de Boston; ora não tardava a chegar para tomar a direcção dos trabalhos de uma das linhas ferreas em exploração no oeste da provincia.

Em tudo isso, como quasi sempre succede com a chamada voz publica, havia seu fundo de verdade. E prevalecendo-nos da nossa vantagem de narrador bem informado, vejamos ao certo em que se occupava o nosso heróe, pois muito ingenuo será o leitor que não houver ainda adivinhado que o heróe desta historia ha de ser o Sr. Agenor de Andrade, si lho permittir a provavel heroína della, a Sra. D. Lucia Alves; cousa que o auctor não se mette a resolver porque, si consagra subido respeito á veneranda lei da unidade de acção, não o consagra menos á vontade das senhoras, sem licença das quaes acredita que o seu heróe não póde ser havido como tal.

Agenor embarcára para os Estados Unidos por via da Europa, dias depois de receber a noticia da morte de sua mãe. Não ia procurar em uma longa viagem o futil consolo dos olhos, quando o coração estava sangrando; não: levava um plano assentado e emprehendia um commettimento admiravel na sua idade. Rico, pretendia dotar a sua terra natal com alguma grande industria que a fizesse prosperar rapidamente; como meio de realisação

do seu projecto deliberou estudar no grande theatro da actividade humana como se manejam os instrumentos do engrandecimento de um povo.

Foi por isso que embarcou para os Estados Unidos.

Quando lá chegou, em que tempo, não o disse a pessoa alguma : demorou-se dias, mezes, annos, na Europa ? Não chegam até ahi as nossas informações. Mas estive na Europa, no norte e no meiodia, no proprio Oriente, quem sabe ? Fallava ás vezes nas suas horas de maior expansão, — que eram poucas, — nos costumes orientaes, em tal ou tal edificio de Constantinopla ou do Cairo com muita minuciosidade, e nessas occasiões brilhavam-lhe os olhos com desusado fulgor.

Da Europa foi então aos Estados Unidos e naufragou em viagem perto de S. Thomaz ; com o naufragio perdeu toda a bagagem, incluindo um cofresinho de ferro que a toda a parte o acompanhava. Tinha a roupa do corpo e na roupa do corpo quatro libras.

Tomou passagem em um vapor que o levou com outros companheiros de naufragio até Nova Orleans: ao desembarcar tinha apenas uma libra, escreveu uma carta para o Rio de Janeiro, pô-la no correio, tomou um modesto compartimento numa locanda, e dormiu tranquillo a noite inteira como homem que antes de tudo confia em si.

Demanhã levantou-se e foi offerecer-se como carregador de fardos a um homem que no caes dirigia o trabalho dos seus jornaleiros.

O feitor olhou-o com desconfiança, notou-lhe a roupa de casemira alvadia e perguntou-lhe com certo interesse :

— Porque quer o senhor carregar fardos ?

— Para ganhar de prompto com que subsistir.

— Mas o senhor tem outras habilitações, creio.

— Talvez. Mas agora de que se tracta é de saber si me quer dar trabalho.

Apezar de confiar na compleição robusta do moço, o yankee viu logo que alli havia qualquer cousa mais do que a força physica e conseguiu que o moço dissesse quem era e referisse o que lhe succedêra.

— Então, emquanto espera ordens de sua terra, o senhor que tem dinheiro, visto que o manda buscar, vem pedir trabalho, e trabalho braçal ?

— Naturalmente, disse Agenor com simplicidade, visto que é o primeiro que encontro.

— Tenho ouvido fallar muito da indolencia dos brazileiros, mas pelo que estou vendo fallam do que não conhecem, e quem falla do que não conhece tem licença de dizer tudo.

Com esta maxima levou-o a um armazem onde

durante dous mezes o moço exerceu o seu primeiro emprego na Grande União.

Em terra extranha, privado de todos os recursos de subsistencia, embora temporariamente, Agenor com a sua actividade e energia inspirou tal confiança ao rico negociante em cuja casa trabalhava que, ao receber dinheiro do Brazil, viu-se instado para permanecer no estabelecimento em condições muito vantajosas.

Despediu-se no entanto, procurou o feitor no caes, para dizer-lhe adeus, teve de pagar-lhe cinquenta dollars pelo emprego que lhe arranjàra, e partiu para o Norte.

O que ahi fez, e em que numero de annos o fez, cousa é tambem que ignoramos. Seguiu algum curso regular de estudos? Não o sabemos. E' fóra de duvida que estudou o paiz, as instituições, os costumes; que poz em practica os conhecimentos que adquiriu, e que, tornando ao Brazil no fim de dez annos, si já partira rico, voltou mais rico ainda.

O ultimo anno de estada na America do Norte passou-o em Nova York, com excepção de alguns mezes de ausencia; a ninguem disse para onde fôra, mas ao apparecer de novo na vasta metropole, algumas malas de viagem deram entrada no sumptuoso hotel que habitava, com o indereço impresso: *S. Francisco para Nova York*. A um

conhecido deu como lembrança um vaso fabricado em Yeddo. Teria ido ao Japão? iria além? não passaria da California? São pontos todos estes obscuros na vida do nosso mysterioso heróe.

Ha no Broadway, immensa arteria da poderosa capital, perto de Trinity-Church, um desses estabelecimentos conhecidos sob a denominação de *safe-deposit*, onde, mediante modica prestação, uma companhia aluga cofres ou gavetas de aço numeradas, que entram em grossas paredes de granito como em um armario colossal. Cada locador guarda a sua chave, ultima palavra do officio de serralheiro, complicada, miraculosa, impossivel de ser substituida. Ahi cada qual deposita os seus valores, titulos, moeda, joias. Desses depositos não passa a companhia recibo algum, nem por elles responde; mas o locador póde, quando lhe apraz, examinar a sua caixa, guardada aliás dia e noite por sentinellas do estabelecimento, ou pela propria policia das ruas, pois essas casas fortes estão continuamente illuminadas e pelas grades das amplas portas vê-se-lhes o interior. De uns doze estabelecimentos desse genero, situados no Broadway nenhum foi ainda atacado por ladrões; contra incendios tomam-se tambem tantas precauções e cautelas que é difficil que essas fortalezas de ferro e granito sejam presa das chammas.

Mais de uma vez entrava Agenor no *safe-deposit* perto de Trinity-Church, abria um cofre que alugára, transportava a gaveta para o escriptorio fechado onde não é possível ver o que faz o depositante, e quando, nas vespuras de tomar passagem abordo do paquete da linha do Brazil, lá foi pela ultima vez, levou a um banco sommas consideraveis.

Só uma casa de Boston saccou a seu favor sobre uma casa bancaria de Liverpool quasi meio milhão esterlino.

Não fôra porém quanto aos bens da fortuna que se operára maior mudança na situação de Agenor.

Agenor foi sempre um character são e integro, mas franco, ardente e impetuoso.

Das mãos da severa senhora que durante quinze annos lhe fortalecêra o corpo e o animo, sahira homem feito; feito á feição daquelle coração generoso, sacrario de virtudes antigas, mas isolado da sociedade do seu tempo, e conseguintemente na impossibilidade de preparar o filho para o difficil papel a que o destinava no futuro.

Aos quinze annos o moço tinha uma candidez ingenua, um animo simples e aberto, que lhe deviam apparelhar cruas desillusões.

Nesse estado empreendeu a viagem: quando voltou era outro homem, para não dizermos duplo



homem, pois realmente havia nelle dous characteres distinctos : um fôrmodo pela educação materna, outro formado pela sociedade em que vivêra os dez ultimos annos.

A experiencia da vida, a longa e aproveitada observação das cousas, superpuzeram-lhe á alma primitiva uma alma nova, si assim nos podemos exprimir ; superpuzeram-lhe, dizemos, porque a segunda muito pouco modificára a primeira. Era como se lhe houvessem envolvido o coração ardente em um pericardio de gelo.

E' esse um dos privilegios das almas eleitas : manter a integridade do character, sem modificá-lo ao attricto de characteres varios que deparam no caminho da existencia : almas adamantinas que só se lapidam em contacto com as almas da sua tempera.

No entanto para por si mesmo harmonisar tão oppostos sentimentos, que lento trabalho intimo, que elaboração penosa !

Aquelle coração cheio de affectos nobres e lhanos, aquelle espirito generoso e elevâdo, passou ao certo por alguma crise tremenda, que determinou a nova phase de sua existencia, não de todo extreme de tal ou qual egoismo.

Agenor bebêra nas auras nataes a inspiração poetica ; mais de uma vez as lendas contadas pela

mestiça calaram-lhe no coração e subiram-lhe depois aos labios traduzidas em rythmo fluente ; quando voltou era na apparencia um homem de negocios, positivo, pautado, frio.

Mas essa calma era apenas a neve que cobria o volcão.

Momentos havia, — muito raros, — em que a indole primitiva rompia essa indole artificial, de que parecia usar como si fôra uma mascara, e de tal modo a ella se affizera que constituia já uma segunda natureza.

E' provavel que, si na volta lhe fosse dado abraçar ainda sua mãe, esses corações se reconhecessem quaes se haviam separado ; mas por unico elo que o ligasse ao passado existia a velha mestiça, alquebrada pela idade e pelo infortunio, e a lembrança da companheira de seus primeiros annos.

A mestiça pareceu-lhe quasi idiota ; o que seria feito de Lucia ? nas palavras confusas de Marába haveria por ventura alguma allusão a ella ? ter-se-hia casado ? estaria viva siquer ?

Agenor mergulhado em funda cogitação voívia na mente todas estas perguntas a que não sabia responder.

Mas afinal que lhe importava que Lucia fôsse viva ou morta, que estivesse casada ou solteira ?

Não viera á provincia para sabê-lo : outros e

mais importantes assumptos o occupavam : sahiu com a idéa de dotar a sua terra natal com algum importante melhoramento, só por beneficio do seu berço, e já voltava desejoso de conciliar tão nobre intuito com o proprio interesse, pois não prescindia agora de augmentar a sua fortuna, já avultada. Com tudo isso o que tinha que vêr a lembrança de Lucia ?

Apezar seu, essa idéa voltava-lhe á mente ; dir-se-hia que quanto mais se approximava dos logares em que Lucia estava, mais influia em seu animo a lembrança della. Secretas affinidades da natureza, difficeis de explicar, desconhecidas, negadas, mas reaes !

Recordava com pungente saudade os seus annos de infancia, as alegrias communs, os folguedos innocentes.

Um dia foram junctos ao pomar ; nas grimpas de uma laranjeira secca havia um ninho.

— Sóbe, Nha Lu, disse o menino.

— Sóbe, você, Nhônhô, pediu-lhe a menina.

— Você é mais leve, a laranjeira está secca, póde quebrar commigo, observou Agenor.

— Você é homem, a laranjeira está sem folhas, eu vou ficar despida, e ficar despida é feio, redarguiu Lucia.

Agenor corou, e subiu á arvore : ao descer ap-

presentou á menina o trophéu daquella victoria, de que, como de todas as victorias, resultou a morte de alguns entesinhos, que tremiam ainda implumes.

— Coitados ! disse o menino, si eu tivesse podido subir até ao alto dos galhos donde os visse, não os tiraria. Ficaram sem os seus papaes.

— Eu vou criá-los, disse a menina. Faça de conta que são nossos filhinhos, ouviu, Nhônhô ?

De outra vez Lucia perguntara-lhe :

— Quando a gente faz ninho como os passarinhos, de que tamanho é o ninho ?

— Do tamanho da cama de mamãe, respondeu o menino.

As recordações de todas estas puerilidades acudiam agora a Agenor, risonhas umas, outras pejudas de presentimentos, todas repassadas dessa suave melancholia que desperta no coração humano a resurreição do passado.

De subito o moço, que ia assim transpondo a distancia que o separava da cancella da Fazenda Velha, onde passava a estrada que elle distrahidamente seguia, carregou o semblante e parou.

Porque se embevecia naquellas recordações, lembrando-se dessa menina ? Porventura, si ainda fosse viva, não devia ser agora uma moça ? E devia pensar nella ? podia amá-la ?

Alguma dolorosa cicatriz sangrou-lhe nesse momento, porque os olhos incenderam-se-lhe de colera.

Mas esse movimento foi rapido. A mascara tranquilla cobriu-lhe de novo o semblante. Ainda á noite e naquelle ermo, recebeu trahir-se.

Acabava de ouvir o tropel de uma cavalgada que vinha em sentido opposto áquelle em que elle caminhava. Antes que tivesse podido montar, uma formosa moça vestida de branco e cavalgando uma egua negra appareceu á frente de um grupo de homens que vinham conversando.

A lua batia de chapa no rosto dos cavalleiros ; a moça tinha áquella hora e naquelle logar uns visos de fada.

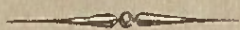
— E' algum viajante, que vae com o animal cansado, disse um do grupo.

— Boa noite, romantico peregrino, saudou ao passar com ar de mofa a cavalleira.

— Menina... disse um velho que veio interpor-se entre ella e Agenor.

Agenor não respondeu.

A cavalgada foi seu caminho.





## VIII

Creio que o senhor não tem razão, Sr. José Alves. Já demasiada liberdade temos nós para o pouco que realmente merecemos, disse Agenor.

— Demasiada liberdade ! demasiada liberdade ! Ora, meu rico amigo, vejo que está muito mal informado ácerca das cousas da sua terra, redarguiu Marialva levantando-se e dirigindo-se para uma janella fronteira.

O dialogo assim travado sobre o incandescente assumpto politico durava havia já uma hora entre os hospedes do commendador Fortunato Alves na sala de visitas da Fazenda Velha.

Na ausencia dos passeiantes que vimos sahir do campo da fazenda a convite de Lucia, que desejou aproveitar o formoso luar dessa noite, e organisou a cavalgada com o pae, o tio e dous hospedes que nesse dia haviam jantado em casa, chegára Agenor ao valle, reconhecêra a casaria e encaminhara-se para lá, onde o acolhêra com muita satisfação e perguntas a Sra. D. Florinda.

Em menos de uma hora a boa senhora pela sua

parte puzera-o ao facto do que ia pela terra, fallara-lhe da filha, do marido, do cunhado, cuja situação Agenor procurava, ignorando o caminho della por aquelle lado, dos dous hospedes que estavam em casa e que eram dous fazendeiros do municipio, dos aggregados, dos camaradas, dos escravos, das mucamas, do gado, das aves, e contara-lhe com ingenua futilidade o que fazia a negregada egua Deborah, e a proposito da egua, quantas ninhadas de pintos tinha já perdido no rego do açude, e a proposito do açude, quantas vezes já tinha sido aberto pela semana sancta para as fartas pescarias, em uma das quaes uma trahira cortára o dedo de um creoulo, e a proposito do dedo do creoulo, todos os despropositos que é de estylo surgirem nessas interminaveis conversações das boas e palreiras donas de casa, eternos Homeros de nugas e miuçalhas.

Quando voltaram os passeiantes, Marialva abraçou com effusão o filho de D. Maria de Andrade, Fortunato recebeu-o affavelmente e appresentou-o aos hospedes, mas Lucia, depois de ouvir com sobresalto a appresentação, acolheu-o com frieza e, pretextando cansaço, retirou-se para o seu quarto ao cabo de poucos minutos.

Agenor ficou um tanto contrariado com aquelle proceder, assomou-lhe aos labios um sorriso des-



denhoso que lhe era peculiar, comparando mentalmente a menina de outrora, cuja imagem conservára, e a moça de então que mostrava tê-lo de todo esquecido, e sem outra demonstração do que lhe ia pelo espirito, puzera-se a conversar com os hospedes ácerca dos negocios e de politica.

— As cousas da minha terra não vão bem, já sei; mas o vicio não está principalmente onde o senhor suppõe, mas em nós mesmos. Olhe, Sr. José Alves, por toda a parte por onde andei o que vi foi isto: sempre que um povo tem energia e actividade bastante, não ha governo que o torne fraco e inerte. O turco vive enervado e vive satisfeito. Quem o poz assim? elle proprio, que acredita que o sultão ainda lhe faz grande mercê em cuidar das cousas publicas emquanto elle se brutalisa no goso material. O francez aspira de contínuo á liberdade, mas não se preparou ainda para ella; tem dado o melhor do seu sangue generoso á causa da emancipação dos povos e o melhor da sua rasão esclarecida á causa da civilisação, mas não se emancipou a si proprio diffundindo a instrucção pelos seus, de modo que a massa ignorante da população faz com que o proprio suffragio universal dê resultado negativo, homologando os golpes de Estado de qualquer aventureiro impudente. Estou convencido de que nós participamos a um tempo

da indole do turco e do francez, ou apodrecemos inertes ou agitamo-nos esterilmente. Os exemplos a seguir são outros. O inglez, menos entusiasta, porém mais practico, si tem ainda a desigualdade de castas, uma aristocracia anachronica, é um povo ativo e energico; tem sabido conquistar e manter as suas liberdades; a sua historia é uma ascensão contínua para a democracia. O norte-americano, esse é o typo do cidadão; nenhuma liberdade lhe falta; está de posse de tudo quanto lhe é necessario para a expansão da sua actividade prodigiosa. Mas porque? porque não ha talvez no mundo cidadão que melhor o saiba ser. A instrucção publica não tem mais severo fiscal, nem mais dedicado contribuinte; escolhe a seu talante o seu culto, possui a fé convicta; paga imposto sem reluctancia, porque o creou certo de que era necessario e porque o vê bem applicado; respeita as leis e as auctoridades constituidas, porque as fez e as constituiu, e não tem escrupulo em reformá-las ou substituí-las quando são ou se tornam más.

— E' o que tambem devemos fazer aqui, porque leis e auctoridades não podem ser peiores, accudiu Marialva que até ahí ouvira attento o seu interlocutor.

— E' verdade, é o que deviamos fazer, mas não fazemos, porque não podemos fazê-lo. Onde está o

povo para isso? os nossos negligentes compatriotas? Causa pasmo tamanha inercia em tamanha nação.

— Deixe que subam os liberaes outra vez, e o senhor ha de vêr si temos ou não reformas, vida, actividade, disse o mais velho dos hospedes, restos da gloriosa phalange dos Feijós e Alvares Machados.

— Hão de fazer o que já têm feito, disse Marialva, isto é, cousa nenhuma.

— Mas os conservadores sempre estão fazendo alguma cousa, observou Fortunato.

— Estão fazendo o que fazem os liberaes, é a mesma gente, parecem-se uns com os outros como as minhas palmas das mãos ou como as duas pontas de uma gangorra, insistiu Marialva. Os liberaes fazem tenentes-coroneis, como eu; os conservadores, commendadores, como o mano. Mas tractarem dos verdadeiros interesses do Brazil, isso nem uns nem outros, importam-se comsigo e com os afilhados, e julgam que já não é pouco. Enriqueçamo-nos, é a palavra do dia. Isto só toma caminho com a revolução: guerra aos exploradores do suor do povo.

— Da apathia do povo, deve o senhor dizer, Sr. José Alves, porque estou convencido de que nós suamos pouco, disse Agenor. O que suppõe o

senhor que vem fazer a revolução? outro povo differente deste que somos? Está enganado. Havemos de acordar os mesmos no dia seguinte, tendo perdido o tal ou qual regimen de ordem que possuimos, sem havermos adeantado um passo.

— Mudam-se as instituições, disse Marialva com calor.

— E os homens mudam ao sabor dellas, bem sei, mas depois de muito tempo e depois de muitas commoções. Até lá os ambiciosos vulgares que se contentam hoje com ser ministros porque não podem pôr mais alto a mira dos seus desejos, quererão todos o mando supremo, a todos franco e patente. E onde está a nação para fazer a escolha, atirar á obscuridade os mercadores politicos e levantar o merito? Pois ha de ser esta mesma que vota no eleitor porque o Sr. tenente-coronel, o Sr. commendador, o Sr. delegado de policia o querem? que vota no deputado porque o Sr. presidente da provincia, o Sr. conselheiro chefe do directorio ou do gremio remetteram-lhe a chapa? que vota com este ou com aquelle lado da camara, porque este ou aquelle ministro lhe nomeia o filho ou o irmão juiz municipal, desembargador ou barão? Não, Sr. José Alves, permitta que não creia na sua revolução.

— Pois foi isso o que o Sr. Agenor de Andrade foi aprender aos Estados Unidos? Para não ser republicano não precisava ir tão longe, bastava ficar na Côrte, que, estou vendo, tem seus encantos para os moços, disse com certa amargura Marialva, passeiando pela sala.

Agenor sorriu com o seu sorriso. Depois continuou:

— A republica, amo-a com o mesmo entranhado amor com que o senhor a ama, porque é a consagração da dignidade humana; mas por isso mesmo, e porque além dos sentimentos republicanos tenho os principios, não os quero vêr burlados. Acho louvavel o seu modo de pensar, applaudo os esforços dos homens que empreendem em nossa terra essa cruzada libertadora; mas julgo que esses esforços são tão generosos quanto estereis. O proprio entusiasmo dos senhores os cega e conturba. Devem começar de mais fundo os alicerces da sua obra, para, no dia em que derribarem o que existe, terem já assentado o edificio que vão levantar. Tractem dos costumes, meus amigos, dos costumes que se não fabricam em um dia como se fabricam leis, para que as leis que fizerem possam ser uma realidade. Educação, instrucção ao povo, deve ser o seu, o nosso motte. A republica norte-americana é grande e prospera, como é gran-

de e prospera a Suissa, porque ambas são morigeradas e cultas.

— Mas dentro d'agua é que se aprende a nadar, redarguiu Marialva que ás vezes expressava o seu enthusiasmo pela idéa democratica com alguma phrase feita, encontrada nas gazetas.

— Quando se não morre afogado, accudiu Agenor, e continuou em tom convicto:— Enriqueçamos, diz o senhor que é a palavra do dia. Pois é uma boa e salutar palavra essa, tomada no sentido em que deve ser tomada por um povo livre. Sim, enriqueçamos-nos, não no mercado das convicções, mas na arena do trabalho; não ao serviço dos que repartem sinecuras, mas no honroso certamente industrial do nosso seculo. Afinal o que é a riqueza? a riqueza é a independencia. E a dependencia é o nosso maior vicio. Dependencia em grande parte voluntaria, mas nem por isso menos real. Enfermamos de preguiça, Sr. José Alves, somos todos uns fidalgos, na má accepção da palavra: as nossas condições sociaes assim nos affeioaram, a escravidão perturbou e perturbará ainda por muito tempo as nossas condições economicas, para isso concorre o clima, influe a raça, vivemos de um parasytismo que desdouraria um povo mais conhecedor do seu proprio estado.

— Isto é verdade, disse Marialva, parando em frente ao moço.

— Isto é uma triste verdade, mas convem ser dita. Quem obtem do escravo uma producção pela terça parte do custo da producção do trabalho livre, não póde querer a immigração. Os horizontes são acanhados, não se mette em linha de conta o damno maior da perversão moral que nos traz o productur barato, e o resultado benefico do cruzamento de uma raça enervada com outras raças activas. Precisamos de novo e mais copioso sangue; não depauperemos o nosso organismo com sangrias como a do Paraguay, e como as da revolução que o senhor invoca. Do conjuncto de todas estas causas nasce a abdicação do nosso povo, habilmente fomentada. E' tão commodo ser dependente quando a dependencia suppõe patrocínio, suppõe o emprego publico, suppõe a ausencia do labor diario, suppõe a providencia de todo o momento que provê ao nosso goso! Imagine agora esta nação inteira convencida de uma grande verdade: que a ausencia da iniciativa do cidadão é a completa negação da sua liberdade. Supponha que cada brasileiro tracta antes de tudo de contar comsigo; que trabalha; que veste o avental nas officinas; que manipula a materia prima nas fabricas; que empunha a enxada e o arado nos campos; que desce contente

aos laboratorios ; que sóbe circumspecto á imprensa ; que examina os mais serios problemas sociaes nas horas veladas do gabinete de estudo ; que se esquece um tanto de si para lembrar-se mais da patria ; que não faz da politica uma carreira mas um dever commum ; que considera a distribuição da justiça aos seus pares não como um onus, mas como uma garantia ; que leva á urna a expressão da sua crença, não o voto de alheia imposição ; que prefere dar aos filhos a educação que lhes eleva o nivel moral, a legar-lhes só os bens da fortuna que podem ser dissipados em um dia ; supponha tudo isto e diga-me, não seriam invejáveis realidades o que agora são formulas vãs ? Diga-me, não prefere esta á sua revolução ?

— E' verdade, não digo o contrario, respondeu Marialva, meio batido nos seus ultimos reductos. Mas para operar-se esta transformação é preciso pelo menos que nos soltem os braços e libertem-nos da centralisação que nos traz jungidos á Côrte.

Todos os circumstantes, desde o liberal historico até o commendador do gabinete de 16 de Julho, deram com a cabeça um signal de assentimento.

— Está bom, não me hão ter como um praguento de tudo quanto é nosso. Chegou a occasião de louvá-los. O perfeito accôrdo em que nos vemos quanto á descentralisação é já um grande passo, e promiss-



sor de magnifico resultado. Vão por ahi que os acompanho. Santos tem já o seu commercio directo, muito bem. A projectada estrada do norte, que nos deve ligar ao Rio de Janeiro, desagrada-lhes, primeiro porque é um erro economico, depois porque é um erro politico, ainda muito bem. Noto em toda a zona da provincia que tenho atravessado um desenvolvimento e uma expansão que me enche de orgulho : dizem-me que por aqui já o trabalho não é desdouro, que vae diminuindo o numero dos bachareis e crescendo o dos industriaes : de que resultará este facto assombroso, negação eloquente de quanto succede no resto do Brazil? Resulta deste accordo de vistas em nos emanciparmos, ao menos para a nossa vida economica, do jugo da capital do imperio : caminhamos para a verdade : o povo que espera do centro plethorico a distribuição da vida para os membros anemicos, é um povo morto. Não ha de ser na Côrte que hão de os politicos descuidados lembrar-se do que carecemos na provincia, porque nem no palacio da presidencia podem saber melhor do que nós o que carecemos no nosso municipio. Mas desde que estamos neste caminho, meus amigos, lembrem-se de uma cousa : tender só á descentralisação politica e administrativa não é tudo : aproveitemos as lições dos povos mais

adeantados do que nós : devemos querer tambem a descentralisação economica, e ainda bem que estou vendo que aqui começamos por ella. Olhem, os Estados Unidos dão lições ao mundo nestes assumptos : quem observa de fóra aquella poderosa nação suppõe que alli o principio descentralizador proferiu a sua ultima palavra : é um erro. A Grande União possui a descentralisação administrativa, possui a descentralisação politica, só em parte possui a descentralisação economica, e essa pequena falha da armadura democratica póde trazer-lhe ainda grave perigo, nada menos do que o enfraquecimento da liberdade de expansão na politica e na administração. Si a capital de cada Estado tem vida propria, todos os Estados são cada vez mais tributarios desse colosso que se chama Nova York. O sul manda-lhe o algodão e o arroz ; a Pennsylvania, o ferro, o carvão, o petróleo ; a Virginia, o Maryland, o Kentucky, o fumo ; o Lago Superior, o cobre ; o Missouri, o chumbo ; o Wisconsin, o zinco ; o Illinez, os cereaes, as carnes salgadas, as madeiras de construcção ; a California, o ouro ; a Nevada, a prata. Pelas mãos de Nova York passa toda a riqueza dos Estados : não haverá verdadeiro perigo no dia em que essas mãos quizerem pesar na balança nacional como duas

manoplas de ferro? Isto vi eu, e isto lhes digo. Felizmente começamos com a lição da experiencia. Mas os que assim começam não podem ser republicanos á franceza ou á hespanhola; devem ser antes de tudo republicanos practicos, Sr. José Alves. Demasiada liberdade temos nós para sê-lo, o que não temos ainda é toda a força de iniciativa que a empresa requer.

— Talvez, disse M arialva e apertou a mão ao moço, reconhecendo quanto mais do que no seu estava radicada naquelle nobre e calmo espirito a crença democratica.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, disse e repetiu tantas vezes quantas eram as pessoas presentes, estendendo successivamente a cada uma dellas a mão aberta, uma mucama edosa, ajudante de ordens da Sra. D. Florinda e instructora das forças sob o seu commando. A ceia está na mesa.





## IX

A convite do commendador os hospedes levantaram-se e passaram á sala de jantar que ficava em um angulo da casa, apenas separada da sala de visitas pela sala de espera e pelo gabinete de Lucia.

Todos os compartimentos da casa de morada do fazendeiro, forrados de papel de padrões dourados e de côres vivas, davam documento de riqueza ostentosa e de máu gosto.

Na sala de jantar dous guarda-louças de mogno tinham por cima, mettidas em ricas molduras, duas gravuras coloridas sem nenhum merecimento artistico, representando duas partes quaesquer do mundo sob a fórma de mulheres em attitudes voluptuosamente ridiculas.

Dous étagères e uma espaçosa mesa de vinhatico contrastavam com as cadeiras americanas de palha e costas pintadas.

Jarras com flôres e fructeiras peçadas de fructos da estação, abundantes em Itú, erguiam-se no meio da mesa profusa e sobrecarregada.

A sala tinha o aspecto de uma sala qualquer de um restaurante da Côrte, modelo que evidentemente se tivera em vista imitar, sem exclusão sequer das cortinas de cassa bordada nas janellas, embora de muito ruim cassa com bordados á machina.

Diga-se em honra da verdade da côr local que em toda a redondeza era o commendador Fortunato Alves o unico que tinha semelhante sala de jantar.

Mas o commendador já estava a par da civilisação do seu tempo, aos olhos da qual essas exterioridades querem dizer tudo.

O lar modesto e roceiro, abrigo dos costumes simples dos nossos maiores, patriarchal como um seio de Abraham e hospitaleiro como uma tenda arabe, esse vae pouco a pouco desapparecendo, modificado, ora pelo bem entendido conforto norteamericano, ora pela macaqueação estulta das vendas européas e peculiarmente francezas.

Já não bastava que a moda pariziense, creada lá para uma estação totalmente diversa da nossa, nos impuzesse o uso de roupas de inverno no verão e vice-versa; era preciso que essa tyrannia da vaidade ou da parvoice produzisse outros e mais clamorosos resultados, conquistando-nos palmo a palmo o proprio lar domestico.

Em Pariz o luxo do segundo imperio obrigou a burguezia a imitar a fidalguia antiga, e os burguezes por terem dinheiro julgaram-se tambem senhores do gosto.

A moda achavascou-se, mas não ficou nisso a decadencia.

As ultimas camadas sociaes da grande cidade, a classe operaria, os mesteiraes, as costureiras, os famulos e as creadas imitaram por sua vez a burguezia; e si esta apenas destacava-se da velha nobreza elegante pelo máu gosto e desaso, as classes inferiores, que nem a riqueza tinham, começaram a empregar no arremedo a fazenda que as suas posses lhes consentiam.

Tomou então incremento a moda para os pobres, mas pretenciosa, e sobre pretenciosa, propagandista.

O estrangeiro de mediocres recursos que passou por Pariz, nos ultimos annos de Napoleão III, viu apenas nos theatros ou no bosque, si é que chegou a ver e não lho disseram, o fausto da aristocracia, e teve inveja; tractou de mais perto a burguezia, e reconheceu que o seu luxo era ainda a ruina; mas encontrou a costureira que lhe asseverou que a seda e o arminho, o foulard e as custosas valenciennes podiam e deviam ser substituidas ahi por qualquer tecido grosseiro de linho, quasi aniagem, e rendas de machina ou tiras estampadas, porque

isso era a moda de quem tinha juizo ; e na volta trouxe a senhora vestida como em Pariz vestem-se as costureiras ou as creadas, suppondo trazê-la vestida no ultimo tom.

Imagine-se agora qual não seria a idéa que do luxo e da moda formava o nosso commendador, que apenas os vira atravez da colonia franceza do Rio de Janeiro e das informações pouco escrupulosas dos leões viajados da rua do Ouvidor e adjacencias.

O gosto natural de Lucia conseguira corrigir muito desconchavo da habitação paterna ; mas nem assim podera dar-lhe feição diversa.

E para que não o havemos de confessar, por mais que nos pese estar a desfazer na nossa heroína, si isto é desfazer ? a propria Lucia, faceira e casquilha como toda a moça bonita, sacrificava nas aras da moda, embora a comprehendesse de modo diverso do pae, e apezar de affastada dos grandes centros de população, cultivava com mais charinho o figurino do que a propria musica, arte em que era excellente.

Devemo-nos, porém, lembrar de que desde o começo do capitulo deixamos a familia e os hospedes do commendador de pé, em volta da mesa da ceia, e quem commette taes descortezias está pouco habilitado a intrometer-se em assumptos de bom tom.



— Chame Nha Lu, Theodora, disse ao seu ajudante de ordens a Sra. D. Florinda.

A edosa mucama dera apenas um passo, quando a esbelta moça assomou no limiar da sala.

Vinha esplendida de belleza : com os olhos langués, a cor das faces um tanto amortecida, formosa com o seu vestido branco, liso, desornado, artistico, e uma como aureola na fronte que dir-se-hia roubada essa mesma noite á scismadora Diana.

Sentaram-se á mesa : a Sra. D. Florinda á cabeceira, Lucia entre Agenor e o tio, Fortunato defronte entre os dous fazendeiros da visinhança.

— Sr. Andrade, desculpe o máu tractamento que lhe podemos offerecer na nossa choupana ; sabe que na roça...

— Bem pelo contrario, Sr. commendador, affigura-se-me que estou em uma das salas do *Metropolitan* de Nova York. Poucas vivendas tenho visto tão sumptuosas como a sua, disse Agenor com fria cortezia.

Lucia olhou-o de esguelha, entre curiosa e maligna.

— O que vem a ser isso de *Metropolitan*, Agenor ? perguntou Marialva com o seu ar bonacheirão.

— Um dos primeiros hoteis de Nova York, meu tio, disse Lucia, antes que Agenor tivesse tempo de responder.

— Muito sabida é esta menina! observou a Sra. D. Florinda compartilhando com o cunhado o afanoso encargo de servir aos hospedes e á familia.

— Pensa que só o senhor tem viajado, continuou a moça dirigindo-se ao visinho, que se recolhêra ao silencio. Quantas vezes não estive na grande cidade, no Parque Central, á hora do passeio. Olhe, sem sahir do meu quarto tenho talvez corrido mais terras do que o senhor; mas realmente a America do Norte agradou-me sobre todas pela liberdade que alli têm as senhoras. Não é verdade, Sr. Agenor?

— Talvez demasiada, minha senhora, respondeu o moço assim interpellado. Ao menos, para o nosso modo de vêr.

— E' que nós vemos mal, accudiu Lucia.

— Sabes lá disso! atalhou Marialva contrariado.

— Si eu sei disso? Só entre nós é que se vê uma moça fechada entre quatro paredes até o dia em que lhe trocam a prisão da casa do pae pela da casa do marido.

— *Abrenuntio!* como estás sahida, disse a Sra. D. Florinda; come, menina, come, que estás dizendo tolices.

Lucia disparou a rir levianamente, com grande escandalo dos circumstantes e geral silencio, só

interrompido pelo riso e pelo tinir dos talheres. Agenor observava a moça, que voltára a comer com soffrivel appetite.

E' de estylo que toda a moça romantica apparente viver de brisas e perfumes, quando se senta a uma mesa, embora lhe fique livre o armario dos dôcês, sinão a porta da cosinha, em que, na ausencia das visitas, principalmente si as visitas pertencem ao sexo forte, desforra-se da forçada abstinencia.

Não queremos que a leitora suppônda a nossa heroína capaz desses artificios, em que as unicas illudidas são as donas dos estomagos pacientes, que por mais delicados que sejam já todos sabem que não podem dispensar seu kilo de alimentação diaria, que ás claras ou ás escondidas, ha de fatalmente ser ingerido.

Lucia, pois, comeu bem.

No entanto ninguem proferia palavra.

— Os senhores esgotaram quanto tinham a dizer com a sua animada conversa ácerca da politica. Oh que abominavel cousa é a tal politica! até já lhes gasta as palavras que teriam para conversar com as senhoras.

Voltou-se para Agenor.

— Nos Estados-Unidos faz-se muito uso de ostras e gêlo... principalmente de gêlo. Quem sabe

si o senhor não come por falta delle? Olhe, eu como bem quando ha gêlo á mesa, ou quando não ha.

E fictou os olhos no moço.

— Acontece commigo o mesmo, D. Lucia. Mas estou agora sem appetite.

— Prove este pecego: já esqueceu os nossos pecegos corados?

— Só os vi eguaes em Damasco.

— Ah! o senhor tambem esteve em Damasco!

— Estive, minha senhora, respondeu Agenor evidentemente colhido em alguma distracção.

— Então foi lá que se converteu, disse Lucia rindo-se.

Agenor empallideceu e corou, mas de uma palidez e de um rubor que succederam-se rapidos como relampagos. Lucia, no entanto, notou-o.

— Com que, o senhor tambem foi ao Oriente!... disse a moça com inquisitoria curiosidade.

— Pois olhe, isso não presta, Sr. Andrade, disse a Sra. D. Florinda arregalando os olhos já um tanto somnolentos e abanando a cabeça. Ainda hontem disse-me o mano que os orientes andavam brigados. Que se entendam para lá, *abrenuntio!* metter-se a gente com pedreiros-livres!

Uma gargalhada geral cobriu a palavra da Sra. D. Florinda que chegou a convencer-se de que havia dito alguma inconveniencia e procurou conse-

lho na cara do estafermo da mucama Theodora, que, sem mover-se, lhe ficára por traz da cadeira, dirigindo com os olhos todas as serventes.

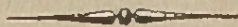
A interferencia da dona da casa salvára Agenor da curiosidade de Lucia.

Tinha-se entretanto servido o chá e o café, levantaram-se todos, e enquanto Marialva distribuia charutos á fila rural, Lucia á meia voz, nesse tom velado e perigoso que é a voz mais harmoniosa da mulher, porque é tambem a voz do coração, perguntou a Agenor á porta da sala :

— Veio a S. Paulo para vêr-me, Agenor?

— Vim a negocio, minha senhora, respondeu-lhe Agenor em tom glacial.

Horas depois parecia dormirem todos na fazenda quando aos raios pallidos da lua que lhe entravam pela janella do quarto, aberta ás brizas do campo, ainda Lucia chorava lagrymas abundantes.





## X

Acompanhado por Marialva e pelo commendador até á porta do quarto que lhe haviam destinado na casa dos hospedes, Agenor, depois de dar-lhes as boas noites, fechara-se por dentro e sentara-se meditativo em uma velha poltrona aos pés da cama franceza, luxuosamente preparada.

Recolhido em si mesmo, a sós e a taes deshoras, o moço desceu ao fundo do seu coração.

Para as almas pungidas de remorsos essa immersão assemelha-se á descida a um poço profundo e lobrego, onde a asphyxia é precedida por medonhas visões.

Para os espiritos placidos quantos palacios encantados, arreados de coraes e perolas, forrados de pedraria scintillante, illuminados pela luz coada atravez das vagas crystalinas, não demoram ahi!

Uns aturdem-se no tumultuar das existencias ruidosas, porque receiam essa hora de concentração; outros atravessam indifferentes por meio das galas e jubilos do viver social, porque têm lá

o seu paço dourado de nababos em que entram sósinhos, a coberto das vistas do vulgo.

O coração de Agenor, porém, não era um abysmo, nem um palacio encantado; era um ermo.

Seductora região da phantasia, quantos te hão visitado aos vinte cinco annos que assim te achassem deserta?

Haviá lá a memoria de uma sancta, lembrada sempre com lagrymas, daquella que lhe déra o ser, adorada imagem em que o moço revia, como á beira de uma fonte limpida, a face boa de sua alma.

Essa memoria surgia-lhe ás vezes como o vultu luctuoso da patria, outras vezes meiga e risonha a recordar-lhe os campos nataes, os annos decorridos na quietude da infancia, presa á lembrança da velha mestica e de Lucia em creança.

Agora, porém, — não sabemos porque, — a recordação de Marába era-lhe quasi odiosa, e a de Lucia afflictiva.

Os tres entes que durante dez annos viveram-lhe associados no espirito, notava o moço com surpresa que já o não estavam.

Que revolução se lhe havia operado no animo tranquillo que assim lhe perturbava o mais intimo recesso de seu coração?

Nessa interrogação deteve-se Agenor largo tempo.



Porque mudará-se-lhe o antigo affecto pela ama de sua mãe ? pela velha escrava que lhe guiára os primeiros passos no caminho da imaginação ? Não nascêra também della a sua alma ?

E porque o torturava a tracto lento a lembrança de Lucia ? Pesava-lhe porventura a indiferença com que o recebêra ? Magoava-o a leviandade com que lhe fallára ?

Indifferente ou leviana, o que podia exprobrar-lhe ?

Então outra lembrança, mas essa dolorosa, cruciante, transpareceu-lhe na fronte.

Agenor amára uma vez na sua vida. Tinha então apenas dezoito annos. O desejo de instruir-se, a necessidade de alargar os horisontes do espirito com as viagens, a aspiração para o desconhecido, uma phantasia de moço, levara-o da Europa ao Oriente.

Desembarcára em Beyrouth, resolvido a visitar o berço da humanidade a que o chamavam naquellas regiões renascidas os velhos monumentos. Era um espirito investigador : alguns annos de estudos serios trouxeram-lhe essa predilecção.

Uma tarde num bazar turco viu uma mulher, menos do que uma mulher, uma escrava.

O que entre elles se passou, o que disseram um ao outro, não é difficil adivinhar, sabendo-se que

a idade de ambos prefazia trinta e cinco annos e que em Agenor accentuava-se apenas a belleza viril e na captiva floria já o esplendor da mocidade que despontára ao sol da Circassia.

Um velho mercador recebeu do moço uma bolça fornida e as aves candidas voaram. Tiflis, Elisabethpol e afinal Damasco receberam-nos a ambos, e Agenor durante um anno esqueceu o sanscripto por uma lingua nova.

Ao cabo do breve praso, — como são fugazes os dias de ventura ! — o moço tornou a embarcar em Beyrouth : trazia comsigo um cofrezinho de ferro que o oceano dahi a mezes lhe roubou, trazia no braço esquerdo um bracelete tambem de ferro que lhe ficou sempre proximo ao coração, e no sacrario de sua alma a memoria do seu primeiro, do seu unico amor, cujos despojos lá lhe ficaram ás faldas do Libano.

Si algum dia a phantasia levar-nos a esses logares, testemunha desses amores, contá-los-hemos ás leitoras, cuja imaginação supprirá por agora com immensa vantagem a lacuna que aqui deixamos.

Que não foram amores ephemeros, prova-o um só facto : no ultimo anno em que estivera na America do Norte, Agenor fôra a S. Francisco e de S. Francisco ao Japão, em demanda desses mergu-

lhadores, famosos desde os mais remotos tempos pelas victorias alcançadas aos abysmos do oceano.

Andam nas collecções dos mais raros objectos da Asia uns vasos de porcellana incrustados de ostras e vegetações marinhas, arrancados ao fundo do mar pela mão do homem. A' procura desses pescadores de *maatsubos* foi o moço. Assignalára os bancos de formação de coral juncto a S. Thomaz onde naufragára, e tinha esperanças de reaver o cofrezinho que guardava as ultimas reliquias do seu amor.

Conseguiu rehavê-lo? no decurso desta historia sabê-lo-hemos.

Ora, é da alma humana, — quem sabe si tambem do organismo? — que a um amor succeda outro amor, e que quanto mais fervida for a paixão, mais depressa se consumma e se gaste. Um grande poeta, — e nestes assumptos os poetas têm maxima auctoridade, — Alfredo de Musset, já chegou a mostrar como ha corações que nutrem a um tempo dous amores, ambos reaes, veracissimos ambos, doutrina commoda para muita gente, mas physiologicamente pouco explicavel. Em todo o caso porém, o que não é menos certo é que o primeiro affecto que põe em correspondencia dous corações, é um affecto indelevel, si chegou realmente a ser o

sentimento humano que mais approxima a creatura do Creador.

A indifferença com que Lucia o tractára, apenas por momentos sentiu-a Agenor. Leal ao sentimento profundo que ainda lhe enchia o coração, chegou a estimar que assim fosse.

Por que razão a menina que lhe houvera quando muito despertado o amor fraterno que lhe negára a natureza, havia de occupar-lhe o sanctuario de suas affeições?

Tentara-o, porém, ella? Era evidente: as palavras á meia voz á porta da sala, a pergunta ousada, contrastavam com o seu proceder anterior.

Amá-lo-hia? porque? desde quando?

Agenor com toda a lucidez do seu espirito não perguntou a si proprio qual a razão e qual o tempo que lhe foram precisos para amar a captiva circassiana.

O facto pareceu-lhe novo no coração da moça.

Encontrou-lhe um movel, mas ao encontrá-lo, repelliu-o nobremente. Amá-lo-hia por ser um homem rico?

E' da indole dos corações generosos pagar com usura toda a injustiça que fazem. A esse pensamento suspeito succedeu no espirito de Agenor uma reacção demasiado benevola.

Alli, no remanso daquelle lar, sob as vistas

da mãe extremosa e do honrado Marialva, havia desabrochado aquelle mimo de belleza, casto, puro, alvo como a açucena do campo.

Era porventura menos avisada alguma vez. Quando teve porém a innocencia refulhos?

Eis como pensava o moço.

E como corre espontaneo o coração atraz de excusas para uma moça bonita!

No berço da escholastica bastou a Phrynéa des-cerrar o cendal que lhe cobria a estatua animada, para ganhar a sua causa ante o tribunal dos anciãos.

Tractava-se lá de anciãos, tracta-se aqui de um moço: quem lhe atirá a primeira pedra, si chegarmos a dizer que Agenor julgou como os gregos?

Si a pergunta, já reputada ousada, viesse algumas horas mais tarde, certo não teria a resposta glacial, que só o amor á verdade nos obrigou a escrever.

La adeantada a noite quando o moço voltou da viagem ao seu coração.

Si lá lhe ficára atirada alguma semente que lhe transformasse o ermo em vergel, é por ora difficil dizer. O que já não é segredo é que o calmo semblante do moço illuminou-se apoz essa noite velada.

De subito estampou-se-lhe porém no rosto a impressão de nojo que se sente ao ver alguma cousa asquerosa.

O raio visual de Agenor cahia sobre a orla do tapete rente com a cama, de sob a qual parecia sahir uma mão grosseira, coberta de lodo.

O moço abaixou-se e com a ponta do pé puxou para o tapete uma luva amarella.

Apanhou-a com asco, abriu a janella e atirou-a ao terreiro.

Os gallos entoavam fóra o seu primeiro psalmo. O campo estava coberto de neblina e luar. Por entre a neblina viu Agenor desenhar-se um vulto que mais se lhe affigurou uma enorme ave nocturna que uma creatura humana.

Fechou a janella, deitou-se, e ao entretecer as ultimas cogitações com as primeiras sombras do somno, no momento em que o espirito embarca-se para esse oceano sem fim que forçosamente approxima o homem do nada, ouviu com sobresalto uma risada estridente, semelhante ao rir das corujas por horas mortas da noite.

A's sete horas da manhã, depois de se haverem retirado os dous fazendeiros visinhos que pernottaram em casa de Fortunato Alves, emquanto a Sra. D. Florinda recomeçava a sua lida de cada dia, Marialva entrou no quarto de Agenor que já estava levantado, e convidou-o à passeiar.

No terreiro Lucia e o pae os esperavam.

— Muito bom dia, D. Lucia. Sr. commendador..., disse Agenor cumprimentando-os.

Lucia estendeu-lhe a mão com frieza.

— O mano foi talvez incommodá-lo, observou Fortunato apertando a mão ao moço.

— Qual! já estava de pé e vestido, disse Marialva e tomou da mão de um creoulo dous mangoaes, com que na roça costumam ir a passeio os fazendeiros quando sahem a pé, tendo como fineza offerecê-los tambem aos hospedes.

Por casquilha e delicada condescendencia para com o pae, a quem o arrimo era indispensavel pelo seu estado de quasi hydropesia, a propria moça apoiava-se graciosamente a um fino e lustroso mangoal.

— Então quer o senhor que justifiquemos o dito de D. Lucia hontem ao encontrar-me. E para onde é a nossa romaria? perguntou Agenor em tom bem diverso daquelle em que na vespera respondêra á moça.

Lucia notou-lhe a differença e observou-o.

— Para onde quizer, disse o commendador.

— Vamos até o açude, disse Marialva.

E a principio seguiram junctos todos quatro pelo terreiro.

Lucia tinha ainda o desalinho encantador da moça que se não vestiu e penteou para apparecer ás visitas. O cabello solto cahia-lhe basto e revoltado sobre o collo agasalhado com um roupão de casemira. A familia, vendo-a assim, tomára a negligencia por affectuosa semceremonia para com o antigo companheiro de infancia; mas a realidade era outra, a moça não desejava ser agradavel aos olhos de Agenor e, vencendo a propria e innata faceirice, fazia um dos maiores sacrificios que póde fazer uma mulher: deixar de junctar á belleza natural o adorno da arte.

— Devem ser muito divertidos para o senhor estes passeios pela roça, disse Lucia ao moço. Para um homem que só tracta de negocios, de serios e importantes negocios, que côm tem a vegetação?



Agenor deitou á moça um olhar entre confuso e supplice, e adeantou-se para segui-la.

O commendador deu com o cotovello no braço do irmão.

— O que vale é que a natureza tambem não olha para todos com os mesmos olhos, accrescentou Lucia. Tanto é assim que uns a acham bella, outros lhe são indifferentes, e outros até a desprezam.

— Para mim foi sempre alvo de admiração, disse o moço já de par com ella e álgumas braças distante dos velhos.

— Quem?... a natureza? perguntou a moça assustada e estugando o passo sem olhar para o companheiro.

— Como vão depressa! observou satisfeito o commendador, chamando pela segunda vez a attenção do irmão.

— Pois então o mano pensa que elles têm as nossas pernas? respondeu Marialva sorrindo.

— E os nossos corações, deve você accrescentar. Estão no seu tempo: é aproveitar, que não dura muito, disse sentenciosamente o commendador encaminhando-se com Marialva para a porta do engenho. Vão indo, vão indo, nós lá vamos ter, accrescentou em voz mais alta para ser ouvido pelo formoso par que dirigia-se para o atterro do açude.

Lucia e Agenor voltaram-se interrompendo o silencio que por momentos guardaram.

— Vamos indo, o senhor é pouco obediente ás ordens dos mais velhos, disse a moça a Agenor que parára.

Atravessaram o atterro. A neblina interceptava-lhes quasi totalmente a vista da casa do engenho.

— Lembra-se daquelle ipê? perguntou Agenor apontando para uma arvore secular que se lhes erguia em frente, e sob a qual havia uma lage coberta de musgo, quasi á beira do açude.

— Pois o senhor lembra-se destas cousas? disse Lucia voltando-se para elle mais attonita e mais assustada.

— Porque me não hei de lembrar? Si alli brincámos tantas vezes quando eramos creanças, disse Agenor, e tinha na voz a modulação melancholica da saudade.

Lucia carregou as sobancelhas e olhou para o moço de modo indescrptivel.

— Que homem é então o senhor? perguntou-lhe tomando-o bruscamente pela mão.

— Um malaventurado que até hontem julgou ter no coração um ermo, porque suppoz perdidos todos os seus mais sanctos affectos; mas a quem a tua presença, Lucia, restituiu o passado que julgava morto. Um desditoso que em dez annos pa-

deceu e soffreu quanto póde padecer e soffrer um homem para julgar-se, não já privado da felicidade, mas até da esperança, e a quem uma palavra tua restituiu á vida.

A moça ouvia-o de pé, estupefacta, transida.

— Olha, continuou o moço, com crescente vehemencia, quando estive ausente de ti, guardei na mente e no coração a tua lembrança, ligada á memoria de minha mãe ; em longes terras, distante de tudo quanto havia amado, foste o meu pensamento mais charo ; depois, Lucia, a tua imagem seguiu-me a toda a parte, e no meio da lucta porfiada em que entrei commigo mesmo, tu venceste. Venceste, e vim ver-te. Quanto mal me fizeste com a indifferença com que me recebeste ! Si soubesses, — nem eu mesmo sabia, — quanto amor te guardava ainda commigo ! Sim, amo-te com esse affecto que começou sob os olhos de minha mãe e que sinto, e que vejo renascido agora. Amo-te com todos os extremos de que é capaz um coração ardente, apaixonado, impetuoso.

Agenor tinha o semblante demudado : o olhar, de ordinario calmo, estava scintillante : a physionomia illuminara-se-lhe : a lava rompêra os gelos que occultavam a cratera do volcão.

Lucia, cujo pasmo se trocára em afflictiva admiração, estava inclinada para o moço, querendo

às vezes atalhá-lo, deleitando-se depois com o tom ardente do seu discurso, e não ousando afinal interrompê-lo.

— Queres saber como eu me lembro? A ultima vez que aqui estivemos, — ha dez annos, — estava esta arvore vestida com as suas flôres côr de ouro. Uma por uma corriamos a apanhar as flôres que cahiam, e eu compuz com ellas uma corôa com que ornei os teus cabellos. Como te foste mirar ufana á beira d'agua! Como estou sentindo reviver agora o meu coração desse tempo, cheio de ti, cheio da felicidade, cheio dos dias risonhos que não voltam! Mas tu és a mesma, tenho-te juncto de mim e amo-te! Porque não hão de voltar? Correremos pelo campo atraz das mesmas flôres, far-te-hei as mesmas corôas, mirar-te-has na mesma agua, mirar-te-has em meus olhos, como eu me mirava nos teus, e tu, — travessa creança, — os fechavas para me prenderes dentro delles, lembra-te? Iremos á Casa Verde, onde minha mãe nos levava, e tornaremos a ver bebendo no rio sob o véu de neblina, desta mesma neblina que agora nos bafeja o rosto, os casaes de veados, que comparavas comnosco quando corriam junctos, e cujo olhar tens, Luçia. Oh minha mãe! como as tuas bençams descem ainda sobre teu filho, que assim vem encontrar metade da sua vida, a alma irmã da sua,

que receiou perder! Lucia, olha para mim, a criminosa ausencia aqui venho remir. Ter-me-has a teu lado, e ter-te-hei sobre o meu coração. Offendi-te, mas não foi minha alma que fallou, foi o meu amor que receiou ver-se esquecido, preferido talvez por outro amor. Perdoa-me, Lucia, perdoa-me.

— Oh! Agenor! disse a moça com um grito augustioso que parecia desferido pelas fibras mais intimas do coração ao estalarem, e procurava fechar-lhe a bocca com ambas as mãos mimosas e tremulas e contorcia-as depois, pallida, titubante, como si n'alma lhe estivesse travada a lucta extrema da vida e da morte.

— O que tens? inquiriu o moço, sentando-a na lapa e devorando-a com o olhar. Estás pallida! tremes? Fazem-te mal as minhas palavras? Então tu não me amas? Então foi meu coração que adivinhou que já amavas outro?

E a cada pergunta scintillavam-lhe os olhos como si a rasão estivesse prestes a abandoná-lo.

— Oh! Agenor! nada me perguntes, que nada posso dizer-te, respondeu a moça com voz quasi apagada.

— Entendo, acenou o moço com a cabeça; entendendo. Já no teu coração não ha logar para mim; aninha-se dentro d'elle alguma lagarta nojenta

que o vae carcomendo. Mas olha, á custa da minha, da tua vida, hei de esmagá-la; porque o homem que acaba de rojar a teus pés, foi hoje fraco pela primeira vez, pela primeira vez, ouviste ?

O tom da voz era surdo e ameaçador: dir-se-hia o refluxo do mar revolto pela tormenta, recolhendo-se ao seio mysterioso da sua immensidade antes de exalçar de novo a coma raivosa.

— Agenor! amo-te, e não posso, não devo amar-te, disse Lucia com voz flebil e quasi indistincta. Mas pela memoria sancta de tua mãe, pelas nossas recordações de creança, juro-te,—e ia-lhe nas palavras o accento altivo da verdade,—juro-te que a ninguem mais tenho em meu coração!

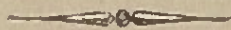
— Não pódes, não deves então amar-me? perguntou Agenor entre o jubilo e a suspeita. Si não amas a outro, que cegueira é a tua, que demencia é a minha, para que não me vejas louco de paixão, e da paixão recalcada no peito que rompe afinal, céga, fatal, immensa como a natureza que nos cerca, eterna como a luz de teus olhos que eu vi por toda a parte, e que eu não sei traduzir-te em minhas palavras, porque as minhas palavras não podem dizer o fogo em que me abraço, porque sou talvez ridiculo deante de ti quando quizera abrir-te todo o thesouro de minha alma, rica de affectos,

cheia de ambições, só por ti, Lucia! Que obstaculo, que barreira infernal é esta que se levanta entre nós?

— Não podes sabê-lo. Oh! mas não me odeies, porque eu tambem te amo e muito, Agenor, oh! muito!

E o pranto e os soluços embargaram-lhe a voz.

Na extrema opposta do atterro do açude os vultos de Marialva e do irmão desenhavam-se atravez da neblina, encaminhando-se para o logar em que se achavam os moços.







## XII

Ao approximarem-se o tio e o pae, Lucia fez violento esforço para occultar-lhes o pranto. Agenor estava taciturno.

Fortunato e Marialva comprehenderam e traduziram diversamente o que se acabava de passar.

O pae, doutor em paixões, viu logo que entre os moços se havia dado alguma dessas scenas de amor, em que as lagrymas são como as chuvas de estio, precursoras de sereno e limpido horizonte. Mal pôde conter a satisfação de vêr a filha, mais cedo ou mais tarde, unida ao moço millionario.

O tio, homem de pouca practica em taes assumptos, mas de principios severos, achou o facto extranho e não soube o que pensar de tudo aquillo; mas o que é verdade é que não ficou satisfeito.

Voltaram para casa, trocando apenas palavras banaes e fallando de tudo, excepto daquillo que evidentemente a todos occupava.

Na mesa do almoço Marialva declarou que ia á Fazenda Nova, Agenor disse que o acompanhava, Fortunato e a Sra. D. Florinda pediram que se

não demorassem lá, que os esperariam para jantar. Lucia nada disse, mas ao despedirem-se os dous, apertou a mão de Agenor com tal expressão que cooulhe no sangue nova e mais intensa chamma.

Quanta palavra, quão extensos discursos resume ás vezes um aperto de mão! Como as paixões todas fallam nesse encontro na apparencia tão simples! Como sellam' duas mãos a promessa mais sancta ou a traição mais negra!

No amor então a palavra póde ser deficiente, o proprio olhar póde não dizer tudo, mas raro é guardarem as mãos o segredo que a bocca e os olhos não se atrevem a revelar.

Quanto affecto profundo e timido cerra os labios ou faz baixar a vista, mas não póde vencer esse contacto, elle mysterioso da alma que se reconhece compartida por dous corpos!

Agenor e Marialva montaram a cavallo: seguia-os o mesmo pagem que vimos, em começo desta historia, ir buscar Amancio á estação da estrada de ferro: em caminho mal pôde o moço manifestar o intento de conversarem a sós.

Chegados á casa da Fazenda Nova, que no alto de uma collina, rodeada de palmeiras, sahia do viso do monte como uma flor monstruosa, Marialva fez Agenor sentar-se em uma velha cadeira de espaldas de jacarandá, cujo modelo hoje se re-

fugia nas sachristias e consistorios ou em algumas bibliothecas de convento, e reclinou-se defronte d'elle em um antigo catre de sola, ornado com os bordados e lavores que realçavam as sellas paulistas, em que os homens de certo tractamento se appresentavam nas feiras de Sorocaba ha bons cincoenta annos.

Marialva tinha a fronte carregada quando Agenor principiou.

— Sr. José Alves, disse o moço, ha de talvez parecer-lhe extranho o assumpto da nossa conversação. Mas desculpe-me: pela primeira vez em minha vida sinto-me irresoluto, e não é este um estado que se compadeça com a minha indole. Tenho de pedir-lhe um conselho, mas antes d'elle careço de toda a sua nobre franqueza. Diga-me: sua sobrinha é uma moça honesta?

Marialva ergueu-se como impellido por uma mola e poz-se de pé deante do moço. Agenor conservou-se sentado e calmo.

— E porque se atreve a fazer-me semelhante pergunta? disse o velho com voz austera e tremula.

— Eu lho digo. Deve ter notado que esta manhã alguma cousa extraordinaria passou-se entre mim e Lucia. Quando os senhores chegaram ao açude ainda ella chorava. Quer o senhor, quer o

pae calaram-se: porque calaram-se? O que se passou foi bem simples: amo-a, disse-lho. E em mim não é esta uma paixão de momento: já nos amavamos antes de eu partir...

Marialva sorriu.

— O senhor não acredita que se possam amar duas creanças; pois amam-se a seu modo, e si mais tarde encontram-se, dez, treze annos de ausencia transpõem-se com uma palavra, com um olhar. Foi o que succedeu. Ella é livre, eu livre sou: por que rasão, declarando amar-me tambem, recusa acceitar o meu amor, e nega-se e explicar-mo?

— Eu sei lá! respondeu Marialva começando a passeiar na sala, e associando o facto ao modo brusco e incomprehensivel com que a sobrinha despedira Amancio havia mezes. Já a duvida entrara-lhe ha muito no espirito. Mas ter-se-hia Lucia esquecido do que a si propria devia? Essa idéa confrangia-lhe o coração. Notára nos quatro ultimos mezes alguma mudança na sobrinha: surprehendera-a ora meditativa, ora nervosa e desassocegada, mas com uma tristeza e com uma impaciencia que não lhe eram naturaes. A lembrança dos annos passados no collegio, sob a acção desmoralisadora da educação que recebêra, as tramas das preceptoras que tinha por perigosas, o desejo

de permanecer no meio dellas, mil pensamentos associados acudiram-lhe de tropel.

— Acredito que o senhor não possa explicar-me o facto, porque eu mesmo não lhe acho explicação. Mas o que acredito também é que poderá pesar melhor do que eu, que estive ausente, todas as circumstancias da vida de Lucia, e aconselhar-me francamente nesta occasião.

— O que o senhor me pede, Agenor, é mais difficil do que parece, disse Marialva sentando-se de novo no catre. Com mulheres não me sei haver, nunca soube. Realmente, si o senhor a ama, si ella ama ao senhor, não posso atinar com o motivo por que se não entendem.

— Lucia nunca teve pretendentes, Sr. José Alves? Moça, formosa, rica, não é possivel ter chegado aos vinte annos sem lhe apparecerem casamentos.

— Moça e formosa é ella, Agenor; rica, não; e o senhor sabe que só isto é hoje bastante para que as proprias bellezas fiquem para tias. E' verdade que até o anno passado poucos sabiam do estado da casa do mano. Mas ainda assim não sei de nenhum pretendente á mão de Lucia.

— Ella esteve sempre sob as suas vistas?

— Nada, antes estivesse! O pae mandou-a educar na Côrte.

E narrou a Agenor os episodios dessa educação. O moço ouviu-o pensativo.

— E depois que voltou, — desculpe-me, Sr. José Alves, tracta-se do meu e do futuro della, e desde menino respeito-o como amigo de minha familia, — depois que voltou notou-lhe alguma inclinação ?...

— Para metter-se freira ou pelo menos irmã de charidade, meu amigo ; foi uma campanha demovê-la do intento.

O moço reflectia : pallido raio de satisfação luziu-lhe no semblante.

— Tem continuado a achar-lhe inclinação religiosa ?

— Nenhuma.

O rosto de Agenor annuviou-se de novo.

— Mas dentre os hospedes de seu mano nestes ultimos annos a nenhum viu a quem ella dêsse attenção ?

— Nestes tres annos o unico a quem deu attenção foi para caçoar com elle ; si vinha atraz de banhos de egreja, apenas levou um banho de lama. E que famosa peça que esse era ! Fê-lo cahir do cavallo no tejuco. Si visse como ficou todo barreado ! calças, paletot, chapéu, luvas !...

— Luvas ?... perguntou Agenor distrahido, lembrando-se da luva de pellica amarella que

na vespera encontrára no tapete do quarto em que dormira. Como se chamava esse malaventurado?

— Amancio Norrisson, filho de um honrado inglez, negociante de grosso tracto, casado com uma comprovinciana nossa. Mas olhe que o filho sahio um paspalhão!

— Norrisson... um rapaz louro, que vae quasi todos os annos a Pariz enterrar a fortuna que herdou?... encontrei-lhe a fama quando lá estive, e em logares que pouco o recommendavam. Mas como veio parar esse homem aqui?

— Ora, como veio parar? como param as aves de arribação; vôou, pousou, foi-se embora com a passagem da estação. Mas foi convidado! disse Marialva com um riso amarello.

— E Lucia não fallou mais nelle? Não lhe notou differença depois que se foi?

— Si ella propria o despediu de casa! disse Marialva incommodado com aquelle interminavel interrogatorio.

— Porque?

— Porque?... por massante, por pretencioso, por mettido a conquistador ridiculo.

— Oh meu amigo! não avalia quanto bem me fazem as suas palavras. Si soubesse como amo Lucia!

— Pois tem a faca e o queijo na mão; peça-a e case-se.

— E si ella não quizer?

— Não é possível. Afinal não ha de querer outra cousa.

— Então aconselha-me... Olhe, Sr. José Alves, appello para o senhor como para a propria honra; o que me aconselhar, faço-o.

— Homem, faça o que entender, disse Marialva com visivel embarço. Isto de mulheres, isto de mulheres... nunca fui casado, porque nunca soube me haver com ellas. Tudo é uma historia, tudo é uma vontadezinha, são umas enjoadas. A mim já não incommodám. Lá o senhor faça o que quizer. Estou convencido de que esta reluctancia de Lucia não passa de algum capricho de moça bonita. Olhe, Agenor, póde cegar-me o amor que tenho a esta menina; mas creio que afinal o senhor fará della uma boa mãe de familia. E dá-me licença que lhe peça uma cousa? Não repita mais essas perguntas suspeitosas ácerca do seu character: tudo póde ser, menci uma moça deshonesta. O senhor ainda não conhece a altivez daquella alma!

Estas palavras que o velho paulista proferiu a principio com certo constrangimento, depois com abundancia de coração e generosa nobreza, derramaram no animo de Agenor suave balsamo.



O moço abraçou-o com effusão e sahiram a ver os trabalhos da fazenda. Ácerca do melindroso assumpto parecia estar dita a ultima palavra, e no entanto dahi a uma hora pensavam ambos na mesma cousa.

À tarde voltaram para a Fazenda Velha.

Agenor ia contente, Marialva pensativo: o pagem passára adeante para abrir a cancella do campo, juncto da qual estava sentada e com as pernas estendidas na estrada, Marába.

— Sahe do caminho, bruxa! disse o pagem.

A velha levantou o rosto, olhou para os dous cavalleiros que se approximavam, riu-se, abanou a cabeça e escondeu-se na cerca.

— Agenor, quer saber o que mais? disse Marialva de subito, colhendo as redeas do animal em que montava; não dê passo algum sem que eu tenha fallado a Lucia.

Arrancado assim ao seu enlevo pelo novo pensamento de duvida que parecia surgir no nobre animo de Marialva, o moço encarou-o com dolorosa expressão.

— Então sempre eu tinha rasão em fazer-lhe a pergunta que lhe fiz?

— Não sei, disse o velho asperamente. Ora, que hei de eu andar sempre mettido em boas! Uns vão-se embora, outros entregam a filha nas mãos

do demonio, e no fim de contas o Sr. José Alves que se aperte !

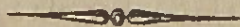
Evidentemente contrariado, Marialva tocou de novo o animal : Agenor viu que o austero velho era o primeiro a não ter confiança no conselho que dera.

Ao cabo de alguns instantes, e quando já vingavam o accidente de terreno por onde se estendia o terreiro, Marialva disse a Agenor :

— Que eu sou um homem de bem, posso asseverar-lhe; lá quanto á honra dos outros nada sei, ouviu? Ora, muito bem.

Respirou, como si lhe tirassem de cima dos hombros alguma mole de Atlante.

E apeiaram-se.



### XIII

Correu o mez de Maio.

Agenor não adeantára um passo, e permanecia em absoluta incerteza ácerca do proceder de Lucia. Baldaram-se-lhe todos os esforços para obter da moça uma explicação. O que, porém, mais confuso o trazia era a contradicção contínua em que a via da acção á palavra.

Marialva não foi mais feliz : o coração de Lucia cerrou-se-lhe como a sensitiva ao minimo contacto. E illudia a confidencia que o tio provocava, com taes meiguices, com taes gatimanhos, que o velho desistira della afinal, e não só desistira, sinão fôra dia a dia ganhando inteira confiança na pureza de affectos da sobrinha. Essa confiança reflectia-se já no espirito de Agenor. E a propria austeridade do tio impedia-o de exigir a explicação desejada : como tocar-lhe no melindroso assumpto em tom de autoridade ? como discernir a graça natural, com que lhe respondia, do artificio mais requintado ? O generoso velho já se recusava a admittir tamanha perversão.

Fortunato e a Sra. D. Florinda, encarecendo in-

cessantemente o excellente partido, não pouparam conselhos á filha, que lhes parecia esquiva para com Agenor.

Esquiva!

O mysterio do seu coração só ella o sabia, e recalrava-o no peito com tamanha angustia e com tamanha energia que dir-se-hiam incompatíveis com um animo feminil.

Antes de tornar a vêr Agenor não tivera por assim dizer consciencia da sua quéda. Fraqueára? mero accidente de temperamento, de acaso, de predestinação. Os seus principios pouco solidos, si merecem o nome de principios os devaneios românticos de uma cabecinha exaltada, não lhe davam a medida da sua culpa.

Mas desde a hora em que ouvira o pae apresentar Agenor aos hospedes, passara-se nella um phenomeno extranho. Decrescêra a seus proprios olhos na rasão inversa do abalo subito para logo tornado em paixão ardente, que, ao vê-lo, lhe brotára instantanea n'alma.

Nos seus sonhos de moça era aquelle o ideal que para si formára. Formara-o realmente? ou já o tinha na mente desde creança? E' difficil dizê-lo. Em parte reminiscencia, em parte fructo da sua imaginação, o que é fóra de duvida é que o moço pôz-lhe de improviso deante dos olhos, em todo o

esplendor da realidade quando é incarnação de um ideal, o typo completo do homem qual o imaginára.

Agenor foi, pois, para ella uma dupla revelação : reconheceu-o e conheceu-se.

Medindo pela primeira vez o fundo abysmo em que se précipitára, venceu aquella fascinação e conseguiu acolhê-lo com simulada indifferença.

Quando antes da ceia recolheu-se á camara, fechou a porta apoz si, como si descesse a lage do tumulo em que sepultasse o seu coração.

Com o ouvido collado á porta, ouvira o largo discretear na sala, e tivera a intuição da nobreza daquelle character, e o que é mais, dos extremos apaixonados que se occultavam sob aquella calma apparente.

Como lhe voltava o companheiro de infancia, bello, generoso, rico, cercado de uma como aureola luminosa, e como lhe restituia ella a companheira a quem elle outrora chamava — minha noiva!

Chorou de raiva, rebellou-se contra si, contra a força desconhecida que a fizera succumbir.

Depois vestiu-se com o singelo vestido branco com que a vimos voltar á sala, e impallideceu ao vesti-lo, e caminhou para juncto da felicidade perdida como a hostia para o sacrificio.

A' mesa quiz zombar com a dor que a dominava,

mas a natureza triumphou e deixou que o coração fallasse.

Si a sua voz dispertasse no coração do moço um accorde da sua, quem sabe si teria valor para vencer a si propria?

A resposta, porém, de Agenor, que fê-la velar uma noite em pranto, firmou-lhe n'alma uma resolução : sobrepujar a propria paixão, embora o esforço a matasse.

Felizmente, pensou comsigo, só ella amava. A idéa de inclausurar-se no seu coração ulcerado, de recolher dentro d'elle como em um sacrario o seu amor impossivel, ignorado, sancto, sorria-lhe á consciencia ultrajada e remia-a aos olhos della.

Com que affecto profundo, immenso, poderoso, acreditava poder resgatar a fraqueza affouta que em um momento lhe despedaçára o futuro !

Mas no dia seguinte, quando nos olhos de Agenor, no gesto, na voz, viu o effeito das palavras que lhe entornára no ouvido como o veneno corrosivo que lava e damna o cerebro, teve medo. A explosão apaixonada do moço fôra o ultimo golpe.

Sentir-se amada, e amada com a paixão ardente que adivinhára, que sentia tambem em si, que a dominava e vencia, que era a um tempo o seu ideal e o seu tormento ; ficar suspensa dos labios que lhe derramavam n'alma o calor da vida e os gelos

da morte; que lhe promettiam um paraíso, povoado de todos os sonhos da infancia, coberto do roscio da manhã, risonho com as suas flôres douradas, azul e placido como o proprio céu, e ver-lhe a entrada cortada pela fauce lobrega do inferno, e não poder transpô-la, e volver para traz os olhos e deparar a terra coalhada de lodoso paul e o horisonte merencorio e funebre como o olhar de um precíto; conhecer que a prendia ao solo a sua falta, quando o formoso archanjo estendia-lhe os braços e convidava-a á celeste jornada !...

Oh! porque o não aguardára?

Reviu saudosa os annos innocentes; teceu de novo a alva capella com que ornára a fronte na primeira communhão, lembrando-se já de que devia mais tarde trocá-la pela grinalda de noiva; recordou o temor com que approximára as duas corôas, a confissão ingenua que disse fizera ao sacerdote.

E agora como via lugubres as flôres dessa grinalda! como lhe pendiam murchas e fanadas da fronte abatida!

Sim! a virtude não era uma cousa vã, a rosa de um dia que se desfolha ao vento por um arrufo ou capricho de moça, brinco inutil, bagatela dispensavel, porque a fazia soffrer tanto!

Lucia resolveu sacrificar-se a si, mas nunca ao

homem que a amava e por quem ella daria a propria existencia.

Depois da conversa no açude, o que esperava? Esperava o que esperam os malaventurados: perder a propria esperança. Afinal Agenor deixá-la-hia, esquecê-la-hia talvez, seria porventura feliz nos braços de outra que fosse digna delle.

Quanto a si... morreria!

Mas podia morrer quando a vida toda refluia-lhe para o coração? Podia morrer quando vivia de amor? Morrer, não seria esquecê-lo?

A todos os sacrificios estava prompta, menos a apagar da mente aquella imagem adorada, aquelle ser unico para o qual nascêra, do qual agora respirava e vivia.

Nessa lucta tremenda passaram-se-lhe os dias, lentos, angustiosos, entrevendo do fundo da sua masmorra silenciosa a luz dos olhos de Agenor, ouvindo-lhe a voz amorosa sem poder responder-lhe, sentindo a mesma agonia do corpo cataleptico dotado dos sentidos da vista e da audiçãõ e privado dos orgams delles.

Afinal,—foi em uma noite de Junho,—á janella da sala de visitas ao lado do moço, meio occultos ambos pelas cortinas brancas, envolta em um roupão de lã guarnecido de arminho, em que ella arrufava o buçosinho sedoso, movendo a cabeça



em contínuo aceno negativo, Lucia poz inconscientemente termo á posição embaraçosa em que por mais de um mez permaneceram todos.

Agenor, que duas vezes se retirára com Marialva para a Fazenda Nova, resolvido a regressar para a Côrte, embora no dia seguinte quebrasse o propósito e voltasse á casa do commendador, tentava nessa noite o ultimo esforço.

A todas as juras respondia a moça com o gesto costumado.

De subito Lucia deixou a janella e sentou-se ao piano. Agenor voltou-se para a sala e conservou-se no mesmo logar. A discreta familia deixava-os quasi sempre a sós : apenas Marialva, sentado em uma cadeira de balanço na saleta de espera, lia os seus jornaes e blasphemava contra a esterilidade dos partidos monarchicos, percorrendo as discussões da camara.

Com profundo sentimento artistico ergueu-se de sob os dedos de Lucia esse breve e apaixonado hymno de amor, conhecido pelo dueto de Pery e Cecilia no final do primeiro acto do *Guarany*. Não soavam as cordas do sonoro instrumento, eram as proprias fibras do coração de Lucia que desferiam aquellas inspiradas phrases musicaes de Carlos Gomes.

Interrompendo-as para logo e olhando para o moço sem levantar do teclado as pequeninas mãos,



## XIV

Um dos vapores de Santos trouxera á Côrte, no mez de Junho, Agènor, que viera dispôr os seus negocios no intuito de fixar residencia na antiga fazenda do Capitão-Mór, Lucia e o tio que vinham fazer as compras do enxoval, e o commendador Fortunato que não quizera perder a occasião de divertir-se e passeiar, apesar do seu precario estado de saude. Só a Sra. D. Florinda ficára na roça preparando facto novo para a escravatura e tomando as demais providencias que o proximo casamento requeria da trefega dona de casa.

A familia Alves foi hospedar-se em casa do amigo onde Marialva costumava parar.

Quanto a Agenor vamos encontrá-lo na pictoresca vivenda que, ao chegar dos Estados-Unidos, comprára nas Larangeiras.

Em um lindo gabinete com janellas para o jardim, mobiliado com quatro cadeiras, uma poltrona e uma secretária de *vieux-chêne*, por cima da qual havia um antigo baixo-relevo suspenso á parede sob um retrato da mãe de Agenor, pintura a oleo de Regnault, estava elle sentado á secretária

e tinha aberto deante de si um cofresinho de ferro.

O cofresinho, obra prima de algum artista do Oriente, coberto externamente de finissimo arabesco, era pela parte interna polido e luzente como um espelho e dir-se-hia cheio de alva pennugem, tão candido e leve era o tecido que delle sahia.

Com a fronte apoiada na mão esquerda parecia o moço alli estar a muitas horas em fundo meditar.

Afinal, interrompendo a reflexão, metteu a mão no fundo do cofre e tirou delle um *kandjar* do Caucaso, um comprido véu e duas longas tranças de cabello.

Collocando dentro do cofre vasio um castiçal de bronze com uma bugia accesa, levantou com a ponta do *kandjar* o véu e começou a queimá-lo; fez em seguida o mesmo com os cabellos que ia destranchando, e quando dentro do cofre havia apenas um monte de cinza em torno da luz, Agenor encostou a fronte na mesa como sobre a pedra de uma ara e moveu os labios como si estivera orando.

Quem o visse assim curvado, ainda com o *kandjar* em punho, e deante delle aquella luz mortica que o lustre de gaz do aposento eclipsava, e aquelle cofre cinerario, di-lo-hia algum crente pagão celebrando uma cerimonia do seu rito.

Quando Agenor ergueu a cabeça, duas lagrymas corriam-lhe pelas faces.

Tirou do cofre o castiçal, deitou dentro delle a arma caucasica, fechou-o, sumiu-o no fundo do amplo vão da secretária, viu as horas, abriu a porta do gabinete, tocou um timpano e pediu o carro.

Minutos depois apeava-se á porta do Lyrico Fluminense e entrava sósinho no camarote de bocca da primeira ordem á direita da sala.

Estreitava nessa noite uma companhia hespanhola de zarzuela com *Os diamantes da corôa* de Barbieri.

A vasta sala regorgitava de espectadores : a platéa estava litteralmente cheia, e adornadas de formosas toilettes, e ainda mais formosas donas, as duas primeiras ordens de camarotes.

Um só dentre elles conservava-se vasio na segunda ordem proximo á tribuna imperial.

Por mais de uma vez Agenor olhára impaciente para aquelle lado.

No fim do primeiro acto, pouco antes de cahir o panno, a porta desse camarote abriu-se e uma moça acompanhada por dous homens assomou na sala.

Agenor voltou para lá instinctivamente os olhos, que até ahi tinha fictos em scena, onde o côro de

salteadores transformados em monges prendia-lhe a atenção.

Lucia estava radiante de mocidade e belleza. Um comprido vestido de seda côr de rosa com rendas brancas de Malines dava-lhe ao talhe esbelto toda a elegancia de cysne das moças altas ; um diadema de brilhantes, obra prima das officinas de Farani e primeira dadiva do noivo á « princezinha », coroava-lhe a fronte senhoril.

Quando Marialva approximou a cadeira da bocca do camarote, descia o panno. A moça não sentou-se, correu a sala com a vista, fixou-a no camarote de Agenor, e furtou-se á curiosidade publica, que já de todos os pontos da sala lhe assistava os binoculos.

No Rio de Janeiro onde o circulo dos frequentadores desse theatro é limitado, o apparecimento de uma familia desconhecida é um acontecimento.

Apezar da sua prosapia de grande capital, a Côrte não passa ainda de uma grande aldeia, salvo a innocencia dos costumes.

Todos se conhecem, uns aos outros commentam-se e completam-se, cultivam-se em larga escala as grandes sciencias das terras pequenas — a bisbithotice e o mexerico.

Afinal póde alguém suppôr que tão variado e elevado entretenimento acaba por fatigar a pacien-

cia dos seus melhores apreciadores. Engano. As gerações succedem-se ás gerações, e a palestra dos ociosos é sempre a mesma, acidulada com mais este ou aquelle episodio escandalizador, unica distracção da boa, pacifica e sisuda população fluminense.

Os mesmos homens, sem alteração de uma luva, montam diariamente guarda á porta dos alfaiates da rua do Ouvidor, ou na calçada juncto aos mostradores, no fluxo e refluxo desse mar de pernas limitado pelo largo de S. Francisco de Paula e rua da Quitanda, e alimentado ou exaurido pela linha de bonds do Jardim.

O que se dá com a cidade, dá-se com o seu theatro. Um *dilettante* fluminense, depois de uma viagem á Europa, em que se demorou mais de anno, chegando ao Rio de Janeiro e vendo annunciada para essa noite a mesma opera que ouvira na vespera da sua partida, foi ao theatro e encontrou lá a mesma gente, occupando os mesmos camarotes, que occupava um anno antes.

A presença, pois, da formosa paulista, quebrando a inquebrantavel monotonia, encheu de curiosidade os espectadores, e de inveja, dêem-me as leitoras licença, as espectadoras.

— Quem será? — Não conheço. — Alguma hespanhola. — Estão na moda. — Os homens são roceiros. — Um. — E isso o que importa?

— E' argentina. — Ou isso. — E' linda. — *Genre* Mathias. — E' casada. — Qual casada! — Pois não vêes? — E' filha do barbaças. — Qual filha! — Então, sobrinha. — Si elle fosse vigario... — Vigaria parece-me ella! dizia o sexo feio.

O outro fallava noutro tom;—O que é aquillo?... —Eu sei lá!—Que delambida!—Que pretenciosa! — Bonita moça, prima! — Ora, primo, que máu gosto! — Quem lhe cortaria semelhante vestido? — Ficava muito mais bonito com o avental de fendas pretas. — A cintura parece que não é feia, mas que talho sem graça o do corpinho! — E que penteado!—Serão della aquelles cabellos?—Qual! — O diadema é bonito. — E' rico. — Que sobranças mal pintadas! — Si o buço fosse natural...

Nesse momento Agenor entrava de visita no camarote de Lucia.

A moça estendeu-lhe a mão graciosamente, e elle depois de fallar com o commendador e com Mari-alva, sentou-se ao lado della.

Choviam em derredor os commentarios. Já não era pouco desconhecerem a moça; mas verem-lhe no camarote um moço elegante e egualmente desconhecido, era demais.

— E' o sujeito que estava no camarote só-zinho! — Estava á espera. — Tem ares de ricaço. — Algum perdulario. — Mas lindo homem! —



Um tanto gordo, observou um pretexto para andar vestido, destrançando as pernas cujos joelhos lhe furavam a casemira das calças.

— E aquelle moço? — Nunca o vi... Ah! creio que o vi passar duas vezes para as Lorangeiras. — E' riquissimo. — E bonito! — O que será daquella mysteriosa? — Algum primo. — Companheiro de viagem. — Talvez noivo. — Noivo!... horror! disse uma mocinha nervosa.

Si os noivos soubessem o que conversam as senhoras ácerca de sua interessante pessoa, era mais facil confessarem-se incursos na maior pena do codigo criminal do que descobrirem-se. Antes uma deportação ou uma reclusão episcopal em qualquer fortaleza do que expor-se um homem, tido e havido por noivo, aos olhos de uma assembléa feminil.

O que é verdade é que emquanto na sala todas as attencões estavam presas no camarote dos desconhecidos, alguma cousa passava-se alli que não deixará de interessar-nos a nós que estamos mais adeantados que o publico.

Olhando por sobre o corrimão de velludo para a orchestra, onde o regente acabava de dar o signal aos professores, Lucia viu assestado para si um enorme binoculo, e por traz do binoculo uma cabeça loura que a fez empallidecer.

Agenor, que olhava por entre as grades na mesma direcção, estava exactamente vendo aquelle binoculo que servia como de mascara áquella cabeça, cujo corpo o soalho do camarote lhe occultava, mas que se lhe affigurava conhecer.

Com o movimento que Lucia involuntariamente fez, retrahindo-se, Agenor voltou-se e viu-a ainda pallida. Sobresaltou-se por um momento, mas bastou olhar de novo para ella para serenar-se-lhe o animo.

— Vão sempre amanhã á casa do desembargador? perguntou-lhe.

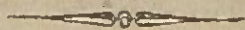
— Si me promettes ir...

— Basta que o desejes. Vae começar o segundo acto. Até logo.

— Já? e apertou-lhe estreitamente a mão.

Agenor, ao sentar-se no seu camarote, viu repotreado na primeira fila de cadeiras um homem louro, a quem pertenciam a cabeça e o binoculo que avistára do camarote de Lucia. Calçava luvas amarellas, que, sem saber pelo que, lhe recordaram a luva enlameada que encontrára na fazenda do commendador.

Talvez por amor dessa associação de idéas, voltou involuntariamente a vista do moço a quem não conhecia, mas a quem achou repulsivo.



No dia seguinte quando Agenor sahia á noite de casa e dirigia-se para o carro, ainda nos degráus da pequena e elegante escada de marmore da entrada, recebeu de um dos famulos uma carta, que acabavam de entregar ao porteiro.

Antes de abri-la, parou, leu o endereço, quiz mettê-la no bolso, hesitou e afinal rompeu o involucro.

A' luz do candelabro que alumiaava o patamar leu o seguinte :

« Amigo Agenor,

« Sei do teu casamento : aviso-te de que fazes a mais rematada asneira. Tenho as minhas razões para te dizer isto. Pergunta á tua noiva por certo passeio romantico ha seis mezes. E si ella nada disser, tracta de encontrar-te com

*O feliz mortal que. . . »*

Agenor não conhecia a lettra : o papel era evidentemente de mulher, pequeno e perfumado, mas a lettra era de homem, pesada, feia, irregular.

Uma nodoa de vinho maculava a alvura do papel por baixo das poucas linhas que continha.

— Felizmente estás assignado, pensou Agenor comsigo mesmo, e foi dilacerando o escripto em pequenos pedaços.

Mettendo-se no carro, mandou seguir para a chacara do desembargador, que o convidára a ir lá passar a noite em familia.

Em caminho pensou no aviso anonymo e, apezar seu, encommodou-o aquelle insulto grosseiro, atirado por certo ao seu pundonor por alguma inveja mesquinha, no meio de alguma ceia equivooca depois do espectaculo da vespera.

Era um reptil nojento que se insinuava no florido vergel dos seus amores; mas nem porisso deixava de contrariá-lo.

Quando apeiou-se, pois, no portão da chacara, cujo parque inglez, illuminado profusamente, substituia as fogueiras de S. João dos bons tempos, Agenor ia pensativo.

Uma varanda que dizia para o parque estava cheia de damas e cavalheiros que nesse momento acabavam de dansar uma quadrilha de contradansas.

A reunião do desembargador fôra um tanto além do programma estipulado: era mais do que uma reunião de familia, era quasi um baile.

A dona da casa, senhora de seus quarenta annos inconfessaveis, costumava aproveitar a vespera de S. João para reunir em casa escolhida sociedade, e isso pelo simples pretexto de chamar-se Joanna.

O marido, que preferia ter visitas em casa a ter a senhora de visita por casa de outrem, abria nesse e em outros dias as suas salas a boa copia de convidados.

O dia, porém, de mais folguedo na chacara do desembargador, respeitavel provinciano, talvez demasiado edoso para poder sê-lo, era exactamente a vespera de S. João.

O convite para essa festa em familia era invariavelmente feito para comer batatas e cannas assadas na fogueira e queimar algum fogo de artificio. Os malevolos attribuiam a primeira parte do programma ao marido e a segunda á mulher.

O que, porém, afinal era duvidoso era que houvesse fogueira, a não ser nos brilhantes olhos de D. Joanna.

Quando Agenor entrou, foi saudado com esse murmurio de admiração e inveja que costumam despertar as moças bonitas e os homens felizes.

Em uma sala proxima foi o moço encontrar o dono da casa e sua digna esposa, além de um grupo de convidados, muito interessados todos

em alguma importante discussão, a julgar pelo calor com que fallavam.

Lucia, sentada em um sofá, juncto á uma antiga companheira de collegio, ouvia attenta a animada conversação.

Depois dos cumprimentos costumados, reatou-se o fio do dialogo um momento interrompido.

— O Sr. Dr. Agenor ha de dar-nos a sua opinião, disse a esposa do desembargador.

— Com muito prazer, minha senhora ; mas de que se tracta ?

— Tracta-se de um assumpto importante e melindroso, respondeu o desembargador. O senhór já leu um opusculo de um escriptor francez que ahi ha, filho de Alexandre Dumas, no qual se arrasôa...

— E se desarrasôa tambem, interrompeu um sobrinho do desembargador, rapaz mettediço.

—... No qual se arrasôa, proseguiu o desembargador olhando de esguelha para o rapazola, ácerca da conveniencia de matar ou perdoar á mulher que se torna infiel ao marido ?

— Ainda não li, Sr. desembargador. E qual é a opinião de Dumas Filho ?

— A minha ! accudiu o desembargador : que se deve matar !

E disse-o tão melodramaticamente que pedia

meças aos melhores movimentos dos nossos tyrannos de theatro, contemporaneos da *Nova Castro*.

O côro dos matadores apoiou-o vivamente.

D. Joanna olhou para o sobrinho do marido com olhar tão incredulo que ficou patente que o desembargador pelo menos da palavra á acção deixava que corresse anno sobre anno.

Lucia, postoque o occultasse, estava pendente dos labios de Agenor.

— Pois eu penso de modo inteiramente diverso, Sr. desembargador. O auctor da *Dama das Camélias* poderá ter hoje boa razão para modificar as opiniões que o levaram a iniciar a propaganda da reabilitação da mulher; mas a não ser em épochas obscurantistas e em costumes barbaros e anachronicos não sei onde terá ido buscar fundamento para a sua nova doutrina.

— Nos principios de honra, Sr. doutor! disse com enthusiasmo o amphitryão.

— Os principios de honra são umá cousa muito digna de respeito, Sr. desembargador, mas os principios de humanidade não lhe são somenos. O que é o casamento? um contracto para o qual, como para todos os contractos, é indispensavel a annuencia das partes: deve dissolver-se pura e simplesmente como se dissolve outro contracto

qualquer. Cessa o accôrdo, cessa a sociedade feita entre os conjuges...

— Para o fim da procreação, não? perguntou maliciosamente um dos circumstantes. Sei onde o senhor vae ter.

— Para esse e para fins mais elevados, meu charo senhor. Parta a infidelidade de onde partir...

— Ah! si partir do marido, não tenha receio: ficam as cousas na mesma. Os senhores estão de melhor partido, atalhou a companheira de collegio de Lucia, mocinha iniciada desde largo tempo em todos esses assumptos.

A Lucia affigurou-se ver no semblante de Agenor um lampejo de contrariedade, e com a mão que tinha entrelaçada na mão da amiga pediu-lhe que se calasse.

— Parta a infidelidade de onde partir, minha senhora, porque não argumento com o abuso, si não com o direito que creio dever pertencer com egualdade a ambos os sexos...

— Utopia!... observou um moço recentemente casado, para quem a mulher olhava significativamente. Isso é lá possível!

— Parta a infidelidade de onde partir, a mulher em taes casos só tem um caminho a seguir—o da casa paterna.

Lucia baixou a fronte meditativa.



— Tudo o mais é incomprehensivel, e além de incomprehensivel, pouco practico. Como questão prejudicial, declaro que nego formalmente ao homem o direito de matar ao seu semelhante, desde o combate singular até ás batalhas campaes, resultado de mal entendido amor-proprio, ou de outro principio de mera cónvenção, hoje acceito como um principio natural — o patriotismo.

— Está convencido disto, Sr. doutor?

— Tão convencido quanto é possivel estar, Sr. desembargador. Basta uma observação, e isto para não levarmos esta sala á cathegoria de cenaculo de philosophos ou de pedantes. Em qual dos sexos predomina a sensibilidade? no feminino. Pois bem: em qual delles predomina o sentimento de patriotismo? no masculino. Ora, já vêem que si fosse um sentimento natural devia começar pelas senhoras, que, salvo circumstancias excepcionaes, não podem querer para si a gloria de haverem legado á historia maior numero de patriotas que o sexo forte.

— Doutrina de communista! observou em voz baixa ao dono da casa um bacharel da ultima formada, a cujos olhos ao entrar na vida practica fulgurava com mil seducções uma nomeação de promotor publico.

— Mas não nos desviemos do nosso assumpto.

Creio firmemente que a maior punição que se póde inflingir á mulher que falta aos seus deveres é repudiá-la.

Lucia estremeceu. A amiga interrogou-a com os olhos.

— Si a mulher apenas transviou-se da senda do dever por uma falha de educação, de indole, de temperamento, esse castigo é o mais proficuo, porque recorda-lhe perpetuamente a falta commettida; porque, si deixou ermo o lar conjugal, abre-se-lhe tambem o vacuo no proprio espirito; porque póde reflectir, e quando não possa rehabilitar-se, tem ao menos no futuro a esperança, os braços de um filho que podem ser a sua transfiguração.

Lucia abafou um suspiro, intimo, doloroso.

— E si na mulher, continuou o moço, estão de todo obliterados os nobres sentimentos que a elevam ácima do homeni, em que aproveita a punição brutal?

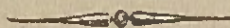
— Como exemplo aproveita! observou o futuro promotor.

— Qual exemplo! Sr. doutor, disse a dona da casa movendo negligentemente o leque e proseguindo mentalmente na explanação do seu conceito. Muito bem, Sr. Dr. Agenor; é tambem opinião minha que se deve perdoar.

— Desculpe-me V. Ex. Sou de opinião que se

não mate, mas também que se não perdôe. O que se deve é remover de casa a parte contractante que faltou ao contracto.

Lucia levantou-se com a amiga. Já-se dansar uma valsa. As ultimas palavras de Agenor haviam-na traspassado como uma lamina de aço.





## XVI

Cerca de uma legua ao oeste da cidade de Itú, o rio Tietê, depois de descrever o arco gigante que começa em Mogy das Cruzes e vae terminar na «fidelissima» povoação paulista, intromettendo-se por estreito canal, apertado entre duas muralhas de granito, despenha-se da altura de trinta pés com todo o peso de suas aguas caudaes e com fragor horrisono.

E' o Salto.

Na sua lingua cheia de onomatopéas chamou o indio á catadupa — Itú, e a catadupa veio a dar o nome á cidade.

Nos dous diferentes planos, cortados de improviso pela quéda formidavel, correm as aguas mansas e tranquillias, no plano superior traiçoeiras como uma cilada, no plano inferior socegadas como o repouso de uma alma apoz violento abalo.

Emcima e álgumas braças da catadupa ha uma ponte assentada sobre pegões naturaes, por onde se entrava na pequena povoação do Salto que demora á direita do rio, antes que a linha ferrea Ituanã lhe abrisse accesso por essa parte.

Abaixo da ponte ha um rodomoinho vertiginoso a que o povo chama *o funil* e a que se prendem mil tradições e lendas.

Quasi a cavalleiro do *funil* o jardim de uma pictoresca vivenda, construida juncto á ponte e á entrada da povoação, debruça-se sobre a torrente.

Do mesmo lado e a espaços estendem-se as casas do commercio, e em uma eminencia a poetica e velha capella de Nossa Senhora do Monte Serrate olha para o pequeno burgo encerrado entre a collina e o rio.

Na mesma margem e sobre uma rocha alterosa erguiam-se no anno em que se passou a veridica historia que ora contamos aos leitores, as esguias ogivas de enorme fabrica, nesse tempo difficil de dizer si destinadas álgum castello senhorial, capricho de algum fazendeiro millionario, si ao monumento da industria alli hoje levantado pela energica perseverança da iniciativa individual.

Na margem opposta e abaixo da catarata, assentado em uma penha lisa, um rancho de sapê com as beiras no chão simulava uma enorme ave aquatica.

Em torno pequenas collinas, quasi todas descobertas ou apenas ouriçadas de capoeiras batidas, correm em varios sentidos.

A natureza parece haver concentrado toda a sua pujança na catadupa tremenda.

Grandes moles de gránito alli sobrepostas umas ás outras por braços titanicos de alguma tribu de gigantes, negros monolithos entremeiados ás moles, dão ás muralhas do canal um aspecto ameaçador e torvo.

De dia a quédia da torrente parece ir arrancar das entranhas do solo os mais ricos mineraes, mil gemmas preciosas, para atirá-las, espadanando, de encontro ás fragas, alas de reis velhos contemplando o abysmo, coroados com as esmeraldas da vegetação e envoltos no arminho das espumas: barathro e assembléa, ira e conselho, sitio de pavor e de meditação.

A' noite, ouvem-se mugidos e estertores, queixas e lamentos como a sahirem de uma voragem medonha. Dir-se-hia haver alli ao alcance do olhar humano a entrada de um dos cyclos apenas sonhados pela fervida imaginação do divino poeta. Vultos indistinctos agitam-se e estorcem-se naquellas trévas meio alumiadas pela luz que se não sabê de onde vem, si do proprio barathro, si do firmamento constellado.

Si, porém, a lua ergue a pallida imagem ácima da catadupa, ás aguas revoltas em caixões cobrem-se com o disco luminoso do arco-iris, e pou-

sando nelle a planta subtil envolve-se em um véu de nevoas a fada Mãe-d'Agua, no dizer singelo do povo, e sobe ácima do Salto até voar nas azas do vento.

O viajor que é colhido de surpresa por tamanha maravilha, embalde tenta arrancar-se á seducção daquelle espectaculo.

Ao cahir da tarde, bandos de andorinhas, descendo ora em espiras, ora em chusma compacta, pousam na muralha da parte esquerda do rio. A muralha é cortada a pique: as avesinhas seguram-se á penha e conservam-se de pé até á alvorada, mas tão unidas, tão conchegadas e em tamanha cópia que parece haver alguma mão mysteriosa coberto a lapa com um sudario negro. Os naturaes do logar chamam *tapêrás* ás avesinhas singular es que alli vão dormir.

No fim do mez de Junho de 1872 o rancho de sapê, pousado á beira rio, tinha morador.

Era a tóca da *coruja do Salto*, como já chamava o povo dos arredores á velha mestiça que havia cerca de dous mezes para lá fôra habitar.

Quem tem viajado pelo interior do Brazil e conhece as abusões e crendices que ainda enchem os nossos sertões, com grave detrimento da nossa civilisação, mas com verdad eiro proveito para os raros col leccionadores das nossas tradições popula-



res, farta seara litteraria que mal começamos a segar ; terá reconhecido que o typo universal da bruxa ou feiticeira conserva-se entre nós em toda a sua primitiva belleza ou hediondez.

Tomada de ordinario á má parte, a locução exprime quasi sempre o genio máu de uma casa, de um sitio, ás vezes de um sertão inteiro. Mixto, porém, da superstição indigena e da tradição européa, algumas vezes a feiticeira representa para as nossas atrasadas populações ruraes a fada propicia, sem que ainda assim a imaginação do vulgo a dispa do obrigatorio aspecto terrífico.

Sabendo que Marába demorava-se na fazenda, a boa Sra. D. Florinda mandou-a espreitar. Foram dizer-lhe que á noite andava-lhe em redor da casa, ora resmoneando, ora rindo-se ás gargalhadas, e a pia senhora, depois de mandar chamar uma comadre que lhe rezou de máu olhado a casa e tudo quanto estava dentro da casa, com as competentes aspersões de agua benta e ramo de arruda, ordenou que puzessem fóra a bruxa, ameaçando-a de atirá-la ao açude com uma pedra ao pescoço, si lá tornasse a pôr os pés.

A Sra. D. Florinda era compassiva para com os desvalidos, mas a bruxa era bruxa, e não podia tractá-la sinão como tal.

Si lhe morriam os pintos, era a maldicta Marába que os matava com os olhos.

Si o gado estava com bicheira, era Marába que lha punha, porque si ha olhos que a façam cahir, tambem os ha que a produzam.

Si a propria filha, depois da chegada de Agenor, andava inquieta e preocupada, cheia de fastio e de nervos, era necessariamente quebranto que lhe puzera a mestiça.

Esta observação foi decisiva. No dia seguinte a misera foi procurar abrigo no rancho esburacado á beira do Salto.

A povoação não se mostrou mais complacente do que a Sra. D. Florinda; chrisinou-a logo de coruja, e predisse que alguma desgraça estava para acontecer no logar.

Depois de repellida de porta em porta, Marába entrava pelas capoeiras atraz de algum fructo sylvestre ou acocorava-se juncto de algum rancho de tropas para apanhar o feijão ou o milho entornado do caldeirão ou dos bornaes.

Não havia duvidar: era pelo menos da familia dos lobishomens.

Afinal, acossada por toda a parte, pelos velhos, pelas mulheres e até pelas creanças, a coitada limitava-se a sahir á noite. Coube-lhe então com inteira propriedade o nome da ave nocturna.

Morador do logar que chegava á beira do rio, não se dispensava de atirar-lhe ao menos um pedrada ao fragil tecto, por cujos buracos entrava de dia o sol e a chuva, de noite a chuva e o frio, mas a toda a hora a misericordia do Creador.

Nessas noites de inverno Marába junctava gravetos e accendia fogo para aquecer-se.

Dias inteiros passava-os a malaventurada sentada na penha, cabisbaixa e soturna.

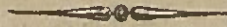
Aquella alma de todos desprezada tinha em si um thesouro de affeições: amava estremecidamente Agenor, o filho de sua filha. Esse amor, naquella idade e naquella desdita, tinha toda a vehemencia de uma idéa fixa, de uma monomania.

Adivinhára o projectado casamento do moço: quizera para logo demovê-lo desse passo, e permanecia no proposito de tudo dizer-lhe ácerca do passado de Lucia. O destino puzera-a no caminho dessa moça no dia da sua quéda. Como occultá-la aos olhos do filho bem amado, em quem o amor atára a venda consagrada?

Uma noite, na ultima sexta-feira do mez, resolveu ir á procura de Agenor.

Sahiu do rancho de sapê ao levantar da lua, o em vez de subir a ribanceira que fechava de

lado esquerdo a torrente, trepou pelo fraguedo e desapareceu em uma furna escusa que se abria poucos pés ácima d'agua.



## XVII

No outro dia a luz d'alva veio encontrar Marába ainda no Salto, sentada á porta do rancho de sapê, com as faces encovadas repousando nos pulsos descarnados e os olhos fectos na torrente.

Uma toada monotona sahia-lhe dos labios seccos como os de uma mumia.

Teria desistido do intento de ir em busca de Agenor? Lembrar-se-hia siquer da resolução da vespera ?

Como adivinhar a marcha do pensamento naquelle cerebro que se diria extincto a não luzir-lhe a alma no olhar?

De subito a mestiça ergueu os olhos para a riba fronteira, como si a chamára para alli instinctiva força.

Agenor passára pela volta da estrada que segue a margem direita do rio e logo ácima da fabrica intromette-se pela povoação.

Marába levantou-se, desceu pela margem esquerda, vingou uma senda estreita, voltou na direcção da ponte e dahi a poucos minutos estava com o moço.

A pequena povoação andava havia dias alvoroçada: pesados carros de bois, carroças e cargueiros descarregavam no pequeno largo juncto á ponte, em frente á pictoresca vivenda cujo jardim debruçava-se sobre o rio, volumes diversos, que encerravam custosos moveis, ricas alfaias, baixella esplendida.

Um batalhão de operarios e artistas, que alli appareceram acompanhando as primeiras cargas, havia já transformado a casa, pintado tectos e paredes, pendurado quadros e cortinas, engradado o jardim, removido plantas, tudo com esse gosto e essa simplicidade que só as naturezas privilegiadas sabem consorciar.

A todos esses trabalhos presidia com maximo desvelo um moço artista por ordem de Agenor.

Aquella era a casa destinada á lua de mel dos nossos noivos.

No logar soube-se logo do motivo da transformação por que estava passando a modesta vivenda; boquejou-se, commentou-se o facto, mas accommodaram-se com aquelle capricho de gente rica, que afinal sempre tem razão.

Quando Marába chegou ás casuarinas que se levantavam no largo, Agenor via pela primeira vez como estavam sendo cumpridas as suas ordens. Tinha já percorrido toda a casa e

voltava satisfeito e prasenteiro, quando avistou a mestiça. Não pôde de improviso occultar a má impressão que lhe causou a velha.

Um rapaz perguntou-lhe :

— O senhor quer que enxote esta bruxa ?

Marába entrára nesse momento na casa e com riso alvar olhava para os ricos adornos e apalpava os moveis estofados.

— Deixe-a, disse Agenor.

E entrou para o interior da vivenda. Todos os operarios retiraram-se.

O moço parecia evitar a presença da mestiça : foi até ao jardim do fundo e sentou-se em um banco de ferro á sombra de uma latada. Dahí a pouco o vulto de Marába desenhava-se no limiar da porta de um aposento que abria para o jardim.

— O filho de minha filha foge deante daquella que' pela primeira vez o trouxe ao collo a este mesmo logar. Mas desde esse dia quantas vezes tem a lua passado por cima da Mãe-d'Agua e quantas vezes tem Marába chorado a morte da filha dos seus seios! . . .

A' evocação da memoria de sua mãe, o moço levantou-se, deu a mão á mestiça e fê-la sentar juncto de si.

— Não fuja o filho da mulher forte ; trago-lhe o aiapana que o ha de curar da flecha hervada

com que o feriram. Não vae o filho de minha filha casar com a filha dos filhos da emboaba?

— Vou casar-me, ama, vou; e has de vir morar em nossa casa, has de voltar á Casa Verde, e tornarás a contar-nos aquellas historias que me contavas em creança, disse-lhe o moço com affago.

— Mais depressa seccará o pinheiro grande da fonte do que irá Marába para a casa da mulher forte, depois que nella entrar a filha dos filhos da emboaba!

— Que mal te fez Lucia? inqueriu Agenor.

— A Marába? .. nenhum; mas quer fazê-lo ao filho de minha filha, e o coração de Marába aperta-se como o cerne do ipê ferido pelo machado.

A velha ergueu a cabeça e olhou para as duas janellas do angulo da casa, em molduradas pela parte de fóra por bastos festões da liana indigena dos campos paulistas, chamada scientificamente *tecoma venusta*, chrismada não sabemos com que nome de marqueza hespanhola, e a que em S. Paulo chamam *flôr de S. João*, por florescer em Junho e ornarem com ella os mastros que em quasi todos os terreiros se levantam em honra do sancto.

A trepadeira estava em plena florescencia; as grandes paniculas terminaes formavam vistosas



grinaldas de côr vermelha alaranjada, a contrastarem com a folhagem verde-escura.

— Quer Agenor ouvir uma historia semelhante áquellas que Marába contava ao menino formoso, agil como o veado catinga?

— Quero, respondeu o moço, em cuja alma renasciam as suspeitas atrozes que tanto o haviam já torturado.

Quem sabe si ao contacto daquella rasão bruxoleante não se illuminaria a sua?

Quanta vez a mente do louco desfere 'ampejos de incrível sabedoria?

— Quem amarrou áquellas janellas a trepadeira que falla? perguntou a mestiça, apontando para as flôres.

— Quem pôz alli aquella trepadeira? não sei, já alli estava.

— Os grandes espiritos costumam fallar pela bocca das plantas, pelo rumor da agua, pelas fendas da terra. Ouça Agenor a historia da flôr de S. João e pense no que vae fazer.

Quando a grande taba dos brancos, que agora alteia as torres das casas do Pae de todos os homens, era uma taba pequena, havia para as bandas da pedreira negra com que hoje ladrilham a beira dos caminhos da taba grande, um homem branco mais rico que o avô de minha filha.

Quanto podia andar um guerreiro guayanaz desde que o arco da lua começava a virar-se de um para outro lado até que se virava de todo, tudo lhe pertencia.

O Tietê criava o melhor peixe para elle, as florestas a melhor caça, a caça as melhores pelles.

A terra deu ao emboaba muito ouro, tanto ouro que as cuias em que elle bebia o succo da uva e a propria agua da fonte, eram de ouro tambem.

Vestia finos tecidos que vinham de longes terras, atravessando as grandes aguas, e, quando apparecia no terreiro, os escravos tapavam os olhos para não ficarem cegos com o seu esplendor, tão vivo como o do sol quando o céu está limpo.

Nem assim pôde vencer a morte. A sua alma voou-lhe do corpo, como demanhã voam as tape-rás daquella pedra, e a carne apodreceu-lhe como a de um cão leproso.

Deixou duas filhas, criadas em ninhos macios, como os ninhos de coitella, forrados de algodão por dentro e de musgo por fóra.

Muitos brancos foram á taba do emboaba para casar com as filhas, e muitos brancos voltaram sem que vissem ao menos si ellas tinham os cabellos da côr da alvorada ou da côr da noite.

Veio um branco do outro lado das grandes aguas, trazendo fechados e escondidos o ouro e as pedras

que os outros brancos trazem descobertos, carregando-os ás costas para trocar pelo ouro em pó tirado da terra, e por tantas tabas andou que foi ter á taba da pedreira negra.

Não sei si foi encantamento. A filha mais velha do emboaba casou com o branco das terras que ficam além das grandes aguas; quando entrou na casa do Pae de todos os homens, tanto ouro e tantas pedras trazia que brilhava como o sol quando o céu está limpo.

Passaram-se algumas luas e a bocca do homem disse á bocca do homem que o novo dono da taba da pedreira negra ia casar com a irmã daquella cuja alma voára como as taperás da pedra, quando rompe o dia.

Passaram-se mais algumas luas e a bocca do homem disse ao ouvido do homem que o novo dono da taba da pedreira negra tinha sido amarrado pelos brancos que têm officio de matar, porque assim tinha mandado do outro lado das grandes aguas o pae e dono dos homens brancos, que tinha o mesmo nome do sancto em cujo dia se descobrira que o novo dono da taba da pedreira negra matára a filha do emboaba com quem tinha casado, para casar com a irmã.

Quer Agenor saber como fallaram os grandes espiritos?

Fallaram pela bocca desta trepadeira, a que os brancos chamaram dahi em deante flôr de S. João, em lembrança do sancto e em lembrança do pae dos brancos emboabas.

A filha mais moça do emboaba da taba da pedreira negra chorou tanto a morte da irmã que não teve tempo de rir-se para o marido della depois que a irmã morreu.

Sahia com a alvorada para o pomar, e ia sentar-se perto da fonte que todos os dias se ia enchendo com as suas lagrymas.

Uma manhã olhou para uma lorangeira que ficava perto da fonte, e onde apanhára as flôres cheirosas com que fizera a grinalda para a irmã casar, e viu a lorangeira coberta de flôres vermelhas, botões e flôres abertas côr de sangue, só diferentes das flôres do casamento na côr que nunca tivera, no comprimento que arremedava as suas lagrymas.

Sahiu escondida e foi á grande taba contar tudo o que vira, e quando lá foram ver, cavaram a terra juncto da lorangeira que dava flôres de sangue, e acharam o corpo da irmã com a cabeça cortada, e ainda os ossos guardavam o vestigio do ferro.

Flor de S. João, flor de S. João! descubre a feia chaga do feio coração.

E Marába calou-se, recolhendo-se dentro em si mesma.

O moço ouvira com deleite a lenda da mestiça que lhe recordava outros tempos, bem outros, felizes, descuidosos.

Tomando-lhe a mão, Marába levantou-se e levou-o para juncto da flor.

— Vê o filho de minha filha? estas folhas são como as folhas da laranjeira, estas flôres e estes botões são como os botões e as flôres perfumadas que enfeitam a cabeça das noivas. Mas nestas janelas annunciam a desgraça; fuja, fuja destes logares Agenor, porque Marába vê os espiritos máus ao redor do seu lar.

O moço procurava tranquillisá-la sem que a si proprio conseguisse aquietar.

— Ainda hontem, á hora em que pela bocca da terra tambem fallam os espiritos, Marába entrou no seio della e escutou o negro vaticinio. Fuja o filho de minha filha, fuja, que Marába está vendo a colera do grande espirito trovejando sobre a sua cabeça.

— Mas não me fallarás de modo que eu te entenda, velha maldicta! exclamou o moço com gesto irado, travando violentamente do braço descarnado da mestiça.

— Pois bem, Agenor ficará, já que esqueceu a

lingua do seu berço ; mas ha de chorar tantas lagrymas quantas gotas de agua passam agora entre as pedras do Salto !

E sinistra como o véu da noite que occulta um infanticidio, sahiu do jardim e da casa.



## XVIII

Uma tarde, — ia em começo o mez de Julho, — cobria-se o sol poente na orla do horizonte com ricos brocados de ouro e purpura, quaes nunca os sonhára Rubens, e dispunham-se em linha as naves brancas do espaço que vogavam impellidas pela viração de léste, como para um combate aereo a que devesse assistir da sua tribuna de chammas o rei do dia.

A face do rio arrugava-se ao vento, fervia a catadupa, reinava em torno o silencio.

Sentado juncto á grade do jardim que estendia-se até á extrema da pedra debruçada sobre a torrente, na casa do Salto, Agenor revolvía na mente a onda de pensamentos nessa hora em que a natureza convida o homem á meditação.

Mais do que nunca, soberano e irresistivel, imperava em sua alma o amor de Lucia.

As primeiras suspeitas que lhe surgiram, ainda encontraram o calmo espirito, experiente e avisado, que lhe dictou a conferencia com Marialva.

E' porém da propria natureza do amor crescer com o obstaculo, dobrar de intensidade depois de removê-lo, e senhor dos animos, fracos ou varonis, que a todos equipara e domina, cégrá-los com tal demencia que não deixa logar á rasão.

Desde que no moço firmou-se a crença de que Lucia não passava de uma menina romantica, a quem os mimos dos paes haviam enchido de caprichos, tudo nella se explicava de modo satisfactorio para o investigador pouco exigente.

Em contacto com a sociedade fluminense, notou-lhe Agenor a perversão dos costumes, a mesma que havia observado na sociedade nova-yorkense, com a hypocrisia de mais.

Certa desenvoltura do character da moça affigurava-se-lhe natural, comparada aos usos norte-americanos, cuja influencia ainda experimentava, e, em todo o caso, si não era natural, era preferivel ao mentido recato do falso pejo.

O que havia assentado de si para si era que, si a sociedade brazileira estava falseada em sua base pela ausencia da educação da mulher, a escolha não podia ser duvidosa entre os grandes centros de população e a vida retirada das familias roceiras.

Toda a presumpção de innocencia de costumes era a favor da roça, onde em verdade se aninha ainda hoje a virtude antiga da familia, mas aonde



tambem o vicio, quando se insinúa, dispensa todos os artificios da moda e da existencia galvanizada da Côrte, para occultar-se aos olhos da virtude a que é egualado.

Consequencia : si a Côrte tem mais hypocrisia, a roça tem mais astucia.

Para Agenor, no entanto, taes reflexões não passavam do engano d'alma argucioso, porque a sua escolha estava feita, e já não havia argumento capaz de demovê-lo.

Embalde revoavam-lhe na mente tenues receios; embalde o bilhete anonymo, durante a curta estada na Côrte, despertara-lhe os zelos; embalde a conversação com a mestiça, depois que voltára, puzera-lhe no espirito involuntario alvoroço.

Quer a leitora saber como tudo isso se lhe varreu do animo ?

Agenor áquella hora da tarde via correrem as nuvens : puxou pelo relógio e disse : — Si todas aquellas nuvens se gruparem dentro de dez minutos é que nada devo temer, é que Lucia só a mim ama, só a mim amou. E cinco minutos depois como as nuvens todas formavam um cumulo dourado pelos ultimos raios do sol, Agenor sorriu satisfeito, levantou a manga da sobrecasaca, desabotoou a da camisa, abriu o bracelete de ferro que lhe cingia o braço esquerdo na altura do coração,

deitou-lhe um ultimo olhar e, deixando pender o braço para fóra da grade, deixou tambem cahir o bracelete no rio.

O élo derradeiro que o prendia á memoria da circassiana acabava de romper-se.

Ai, triste! Quem vae romper com o passado, cousa unica que é dado ao homem conhecer na vida! Pois a experiencia de que te ufanavas não te ensinou que a felicidade do homem é tão fugaz que elle apenas a conhece depois que é já perdida?

Nesse momento o rapido tropel de um cavallo atravessou a povoação, e o moço viu surgir algumas braças deante de si e a toda a brida um cavallo negro e uma moça de branco.

Agenor deu um grito e transpoz de um salto a grade lateral do jardim: reconhecêra Lucia, e reconhecera-a suspensa á beira do abysmo, onde parecia ir precipitar-se com Deborah.

Chegando á aresta da penha fronteira á fabrica, a egua empinou, voltou sobre os pés e, antes que Agenor houvesse transposto a distancia que os separava, atirou com a cavalleira no panno de relva que borda o caminho. Depois, escancarando as narinas e nitrindo de terror, coberta de suor e de espuma, correu á disparada pela estrada afóra, voltando a espaços a cabeça para o lado do Salto.

Correr para Lucia, tomá-la nos braços, con-

duzi-la para casa, foi para Agenor obra de um momento.

Dahi a pouco, rodeada por algumas pessoas do logar que todas secundavam os esforços do noivo, Lucia tornou a si.

Olhou assustada para quantos a cercavam e, dando com Agenor, travou-lhe da mão e desatou em pranto.

O moço procurava acalmá-la, sem conseguir acalmar-se a si mesmo do sobresalto em que o puzera o subito desastre que lhe ia roubando a felicidade.

Emquanto certificam-se de que a quédia nenhum damno produzira além do panico, vejamos como Lucia fora alli ter.

Desde a noite passada na Côrte em casa do desembargador, na vespera de S. João, Lucia decidiu evitar a todo o transe o casamento contractado.

Não tinha porventura ouvido da propria bocca de Agenor a sentença que a esperava?

Pôde, sorprendida pela felicidade e arrastada pela paixão victoriosa, ceder do seu proposito e assentir tacitamente em que Agenor pedisse a sua mão.

Uma voz intima, a voz da consciencia, dizia-lhe que não era tão criminosa como a principio sup-

puzera; que a negligencia dos paes havia mais do que tudo concorrido para que ella se perdesse.

Porque não lhe perdoaria Agenor, desde que a visse resgatar a culpa mais do seu temperamento que do seu coração, a culpa de uma hora, com o amor dedicado de uma existencia inteira?

Quantas vezes deante do perigo eminente cerramos os olhos e procuramos illudir-nos a nós mesmos!

A sentença severa de repudio veio de novo aclarar-lhe o abysmo, e apoz largas cogitações a unica solução que achou foi o suicidio.

Com que dolorosa angustia acceitou dahi em deante as juras apaixonadas do moço, ouviu-lhe os mil projectos de futuro, visitou com elle e com o tio a casa do Salto, destinada a testemunhar as scenas de uma ventura impossivel!

Ainda nessa manhã Agenor fallara-lhe do temeroso assumpto.

—Havemos, si fôr do teu agrado, passar um anno inteiro no Salto. Como é pictoresco aquelle logar! De lá iremos quando quizeres á fazenda, para nos lembrarmos das nossas travessuras. Duvindo, porém, que a casa esteja prompta em menos de um anno. Prometteste-me modificar parte do desenho della: para quando fica o cumprimento da

promessa? Depois da nossa viagem á Europa, sim, havemos de achá-la acabada. Demais hão de vir vindo os filhos,—como havemos de ser felizes, Lucia, quando tivermos um, muitos anjinhos para quem tambem vivamos, quando te fizerem festinhas com as mãos de cherubins e te chamarem mamãe!— e si nós mal cabemos no nosso ninho do Salto, não cabe lá mais ninguem. Si a nossa felicidade é já tamanha!

Lucia ouviu as palavras do moço, dobrou de amoroso charinho nesse dia, e quando Agenor disse que ia a Itú, de combinação com o sogro, dar as ultimas providencias para o casamento que devia effectuar-se na semana proxima, apertou-lhe a mão com as mãos ambas, reteve-o, infundiu-lhe a alma toda no olhar, com effusão tamanha que o moço quasi adiou a viagem; fechou-se depois no quarto donde apenas sahiu á hora do jantar, feito o que convidou o tio para irem ao encontro do noivo, e, cerca de uma legua distante do Salto, depois de correr varias vezes para esperá-lo adeante, pôz Deborah á toda a brida em direcção á catadupa.

Antes de entrar na povoação fustigou a egua com desusada violencia: o feroso animal sahiu á desfilada e só o poderoso instincto de conservação fê-la voltar rapidamente nos pés no momento em

que a catarata espumante surgiu-lhe de improviso de sob as patas.

Lucia, ao tornar a si, viu-se fatalmente encaideiada á vida e nos braços do ente adorado de quem se havia despedido para sempre.

A' sua conhecida imprudencia e ao ardor de Deborah attribuiram todos o incidente, que com a eminencia do desastre veio augmentar a adoração do moço.

Momentos depois Lucia, Agenor e Marialva que trouxera a egua á dextra, voltaram para a fazenda; uma acurvada á força do destino e entrevendo porventura na miraculosa salvação secreto designio da Providencia, os outros sobresaltados ainda, mas accordes ambos nesta resolução: a egua negra recebia pela ultima vez a honra de ser montada pela senhora.

Nessa noite a Sra. D. Florinda accendeu duas velas de libra á Nossa Senhora do Monte Serrate, unica a quem se devia o milagre. Na sua opinião fôra a sancta quem lá do seu altar colhêra as re-deas do endemoninhado animal.

---

## XIX

O dia do almejado e temido enlace chegou afinal.

Desde o amanhecer a Sra. D. Florinda, seguida do seu ajudante de ordens, a mucama Theodora, passára revista ás forças do seu commando.

Tres differentes corpos de exercito, além das forças auxiliares de reserva, deviam operar conjunctamente nessa inolvidavel jornada.

O primeiro compunha-se das duas divisões de pagens e mucamas, que tinham de servir nas salas durante a acção.

O segundo era formado com a infantaria pesada da cópa, da cosinha e do pateo, de guarda á bagagem e ás munições.

O terceiro constava da cavallaria ligeira de serventes, destinada a manter as communicações entre a vanguarda e a retaguarda do campo, além do serviço extraordinario de destacamento, rondas e patrulhas.

Nunca raiou para a dona da casa sol mais promissor. Nesse dia, — e nisto vae a prova da excepcional importancia em que o tinha a Sra. D. Florinda, — a economica, a mesquinha senhora,

abriu uma só vez a gaveta da commoda e a porta da dispensa, porque tomou a heroica resolução de não fechá-las desde a manhã até á noite para maior commodidade do affanoso empenho.

Tambem o caso era extraordinario.

Era um gosto vê-la rodopiar no interior da habitação, em perfeito moto contínuo, approximando-se quasi da divindade, — quem o diria! — no dom da ubiquidade.

Abria os amplos gavetões, e tirava as ricas toalhas adamascadas e os guardanapos de linho; ia ao guarda-louça, e mandava passar de novo em agua quente a louça já de antemão lavada, e de novo limpar os luzentes talheres.

Distribuia roupa nova a toda a escravatura; carapuças vermelhas para os escravos e lenços vistosos para as escravas.

Assistia ao morticinio do pateo, onde além dos leitões, perús, patos e marrecos trucidados na vespera, cahiram nesse dia quarenta cabeças de galinhas.

Ia inspeccionar o aquecer do forno, a limpeza de bandejas e tigelinhas de folha de Flandres para os manoês e bolos de arroz, a dos tachos para doces de calda, a unctura das latas para broinhas e brevidades, e a das fôrmas para tortas, podins, massapães e bolos, tudo ao mesmo tempo, ralhando



por monosyllabos para a todos poder contemplar na divisão das pragas e esconjuros.

Fulana não lavára bem a panella para bater o pão-de-lot, Beltrana deixára cahir uma cesta de ovos das poedeiras de maior capacidade, Sicrana deixára a calda da cocada tomar ponto de bala, Sancha de tanto mecher fizera desandar a calda do doce de laranja, Martinha cortára muito grossas as rodellas de limão que é de estylo pregarem-se em algumas peças de assado.

E os fiambres tirados de mais ao sal? e as flôres de papel amarrotadas? e as flôres naturaes murchando fóra d'agua, á espera das alentadas jarras de porcellana ainda presas no guarda-louça? e o amolador mechanico que não dava pela manivella? e os camarões da agua doce que não appareciam para o tradicional cuzcuz, cuja farinha molhada já seccára duas vezes? e as cascas de ovo furadas que não queriam soltar os fios amarellos na calda que já ia passando do ponto? e as cebolas que eram todas pequenas para recheiar? e os miudos e forçuras que ainda não estavam refogados para os ditos recheios e para as tigeladas paulistas?

Fôra um nunca acabar, enumerar aqui os trabalhos de Hercules da Sra. D. Florinda nesse dia memoravel.

Quando commetteu-se a transcendente empreza

da arrumação da mesa, já a trefega senhora punha a alma pela bocca e, apesar seu, que tudo queria feito pelas proprias mãos, inspecionava o serviço sentada na sua cadeira de sola, que apenas sahia dos aposentos internos nas grandes occasiões.

Posta a mesa, já abarrotada de iguarias, procedeu-se á abertura dos frascos de conserva de varios doces, destinados a servir de termo de comparação com os doces de casa, satisfação de vaidade com premeditação, e assestou-se toda a artilharia indigesta com que a Sra. D. Florinda costumava desbaratar os francezes.

Ao passo que tudo isto tomava o tempo á mãe de familia, uma pardinha, mucama prendada e cria de casa, era a unica que dispunha a toilette da noiva.

Agenor conversava com Marialva na sala de visitas, onde recebia cumprimentos e felicitações dos convidados, que desde cêdo iam chegando á fazenda.

Lucia estava encerrada na sua camara e não se mostrára ainda durante todo o dia.

Fortunato, que se prevenira de vespera para o jantar, anciava talvez mais por elle do que pela realisação do casamento, que na sua opinião bem podia ter sido demanhã.

Ruidosos vivas da escravatura acolheram no

terreiro, ornado de arcos de folhagem e palmeiras, o vigario da freguezia que vinha celebrar, ladeado por dous bojudos padres attrahidos pela boa chira, os quaes todos foram recebidos á porta por Marialva e pelo velho fazendeiro contemporaneo da regencia, ambos testemunhas do feliz consorcio, na phrase sacramental dos convites distribuidos.

A's cinco horas da tarde Agenor sahia do seu aposento, gravemente vestido, e Marialva ia buscar a noiva, a quem já faziam companhia varias conhecidas da visinhança, ingenuas flôres sylvestres que olhavam admiradas para o aspecto perturbado de Lucia.

No andar patenteou-se a deusa, como diria o poeta. Ao entrar na sala todos os olhares foram presa desse esplendor do bello, destinado ao feliz Agenor.

A moça vinha pallida como as roupas brancas que vestia, mas de ssa pallidez de Phebe que é realce da formosura, e torna ideaes as louras e divinas as morenas.

Acharam todos muito natural aquelle pallor e só Marialva carregou os sobrolhos.

O longo vestido decotado de *moire antique*, o comprido véu, a grinalda de flor de lorangeira, alta como um diadema de imperatriz, os ramos da mesma flor que lhe colhiam artisticamente a

saia, o fio de grossas perolas que lhe acariciava o collo, os grandes brincos, mimo de ourivesaria, duas perolas enormes suspensas por vinte fios de pequenos brilhantes da melhor agua, a destacarem-se do abundante cabello negro, penteado á grega, davam-lhe um aspecto de fada ou de visão de um sonho de poeta.

Os convidados formaram alas e abriu-se ao fundo da sala a porta do oratorio, que, desde o tempo do finado bispo Mello, tinha regalias de capella e uma licença annexa para a celebração de todas as ceremonias religiosas, graças á conhecida devoção da Sra. D. Florinda.

Pelo braço das testemunhas passaram adiante os noivos e dirigiram-se para o altar, onde já os esperava o sacerdote.

A dona da casa e o commendador passaram em seguida e apoz elles approximaram-se todos.

No limiar da capella, Marialva, tendo deixado Lucia juncto da almofada em que tinha de ajoelhar, chegou-se para perto de Agenor, tomou-lhe a mão com fervor e disse-lhe ao ouvido:

— Agenor, não se case! . . .

— Porque? perguntou-lhe o moço á meia voz.

— Não sei, mas ainda é tempo: não se case! . . .

não sei o que me diz o coração . . .

Por unica resposta o moço olhou para Lucia que

viu tremula e de olhos baixos, sorriu e collocou-se defronte della.

A cerimonia foi rapida: para laço indissolúvel atou-o com muita presteza a egreja, ou o appetite do celebrante que em vez da graça divina parecia ter na mente alguma succulenta posta de carne.

Quando sob a estola a mão de Lucia uniu-se á mão de Agenor, o moço sentiu-a gelida como a mão de um cadaver.

Quando ajoelharam, Lucia fê-lo machinalmente. Estava pedindo a Deus, ao martyr crucificado que tão ardentemente adorára quando era pura e casta, que alli mesmo a fulminasse.

Benzeram-se e trocaram-se os anneis da alliança, frageis cadeias que bem raro symbolisam a verdade.

Ao sahirem dos pés do altar, depois das palavras sacramentaes, Lucia atirou-se nos braços de D. Florinda.

— Minha mãe! e desatou em pranto.

A triste senhora limitou-se a abraçá-la e a chorar tambem, sem que no entanto aquelle grito angustioso da filha lhe despertasse na alma o minimo écho intelligente.

Fortunato abraçou-a tambem, depois de abraçar o genro, e tocou successivamente a vez do parabem a cada circumstante de um e outro sexo.

Momentos depois seguiram para a mesa.

Agenor, aproveitando o ruído do banquete e depois de consultar Lucia e Marialva, tractou de dispôr a sahida para a casa do Salto.

Lucia foi procurar a mãe para despedir-se e embalde tentou despertá-la ; a boa senhora dormia com esse somno de pedra que a natureza inflinge a todo o abuso das forças phisicas. Si levára o dia inteiro em uma roda viva ! Deante do leito materno ficou a moça parada um momento a contemplar aquella que nunca a entendêra, e uma lagryma, sancta como uma lagryma de Magdalena no sopé da cruz, deslisou-lhe pela face.

Ao deitar os olhos para a sala, quando passou por ella, viu o pae ebrio e recusou-se a approximar-se d'elle.

— Vamos, Agenor, disse ao marido que a esperava no terreiro, e abraçou por largo tempo o padrinho que se despediu dos dous entre jubiloso e inquieto.

Lucia e Agenor metteram-se na caleça que os esperava, e ao dobrarem a ultima volta da estrada da fazenda, ainda lhes chegou aos ouvidos, entremeiada com o ruído do banquete de noivado, a tristonha toada do jongo dos escravos.

---

## XX

Os campos que atravessaram na ligeira caleça, tirada por fogosa parelha de cavallos, boleada pelo cocheiro inglez de Agenor, cobriam-se de neblina a que a lua nascente dava um tom argenteo.

A's vezes o carro parecia rolar sobre nuvens.

Agenor, em muda contemplação, ia absorto nesse extase supremo das almas apaixonadas que vêem descerrarem-se deante de si os umbraes do paraiso.

Lucia, envolta em uma ampla capa de seda cõr de rosa, cujo capuz a assemelhava a um dominó, conservava-se calada como um mysterio.

Quando o carro vingou a ladeira ao lado do Salto e, depois de traçar na areia do pequeno largo dous circulos correctos, parou á porta da poetica habitação, dous creados brancos abriram, um a portinhola do carro, o outro a porta central da casa, que fechou-se apoz os noivos.

O carro desceu a ladeira, affastaram-se os raros curiosos que haviam sahido á rua ou aberto

as janellas para verem chegar o ditoso casal, os creados recolheram-se para o interior da venda na parte proxima á ponte, e das duas janellas que diziam para o jardim do fundo sahiram dahi a pouco duas resteadas de luz, eclipsadas pelo luar, fóra da zona de sombra que a casa projectava.

Eram as janellas do aposento dos noivos, emolduradas pela flor de S. João.

Recusando o auxilio da creada, que tornou para dentro, Lucia pediu a Agenor que fechasse a porta da camara onde levantava-se um rico toucador, e que, com o aposento do angulo da casa, ficava assim totalmente separada do resto da habitação.

A moça collocou-se de costas deante do marido e pediu-lhe que a desembracasse da capa.

Descalçaram ambos as luvas e com os braços entrelaçados entraram na camara nupcial.

Sobre o leito de erable, e nas alvas rendas que cobriam a fina colcha de damasco, a mesma, a enlameada luva de Amancio que Agenor atirára ao terreiro da fazenda e que Marába apanhára, maculava a alvura do thalamo. Lucia foi a primeira a vê-la, a essa mão fatal que a esmagava, e cobrindo-a, ao passar, com o lenço de noivado, levou o moço para a janella do angulo do jardim.

Tenues vapores brancos erguiam-se da face do rio, as estrellas rutilavam, do lado do poente uma



nuvem negra semelhante uma enorme asa phantastica fechava o horizonte.

Embaixo da catadupa o vulto do rancho de sapê desenhava-se na sombra das penhas, alumado pelo fogo allí acceso, cujo reflexo immergia n'agua como a escada da visão do israelita, voltada das alturas do céu para as fauces do abysmo.

Apezar do luar, a paizagem era sombria.

— Anjo, disse Agenor, tomando as mãos de Lucia com mimoso charinho, porque choraste hoje tanto, porque tens ainda agora no semblante a nuvem de tristeza que te empana o brilho dos olhos, si me pertences, si sou teu, teu só?

— Tira-me esta grinalda, Agenor, sinto que me peza.

Agenor tirou-lhe a grinalda de flôres de laranjeira, e beijou-lhe os cabellos.

— Tira-me este véu, que não me deixa abraçar-te.

O moço desprendeu-lhe o véu de fina gaze e beijou-lhe o collo macio e perfumado, um collo de Venus, voluptuoso, pagão, onde, sob a estreita renda do corpinho, desenhavam-se a medo as curvas graciosas em que Amor se aninha.

— Deixa desatar-te estas perolas, que estão encobrendo aos meus olhos parte do teu collo.

E o fio de perolas seguiu a grinalda e o véu.

— Porque me amas tanto, Agenor? perguntou a moça, fixando no marido seus languidos olhos de corsa.

— Porque te amo? Pergunta a estas flôres porque abrem agora os seus calices perfumosos, que de dia fecharam ao sol; pergunta a estas nevoas porque só a esta hora affagam a face da corrente; pergunta a esta aragem branda, que balouça os calices das flôres e arrasta as nevoas da noite, para quem leva os perfumes e o véu candido. Porque te amo? Pois não és a preferida de minha alma, o amor de minha infancia, a minha saudade da ausencia, a minha resurreição ao tornar a ver-te?

Feliz, inebriada, Lucia ouvia, como uma harmonia divina, as palavras do moço. Engolfada no jubilo celeste deixava-se a misera levar na corrente dourada da ventura, sem forças para lembrar-se sequer de que contemplava uma miragem.

— Olha, um dia, longe de ti, bem longe, pareceu-me vêr tua imagem nas feições de outra mulher, e isso foi bastante para que eu repousasse nella os olhos cansados de procurar-te em balde no espaço e a alma que anciava por tua alma. Deus que tudo vê, arrancou-me dos braços aquelle phantasma da tua belleza, para restituir-me aos teus braços. Memorias que dessa breve hallucinação me ficaram, entreguei-as ao fogo e entreguei-as

áquella torrente. Digo-to para que me perdões, porque, ao apertar-te em meu peito, quero que saibas que sou todo teu, que o fui sempre.

O olhar de Lucia luziu com estranho fulgor. Ia fallar, o moço continuou.

— Que me importam os laços mentidos que prendem dous seres ao pé de um altar! A união está nas almas: está em uma alma só que se reconhece dividida em dous entes, que podem separar-se, metter de permeio o mundo inteiro, gemer no duplo captiveiro, reunidas ás vezes accidentalmente pelas conveniencias da familia e da sociedade a seres discordes; mas si alguma vez se encontram, já as leis dos homens não podem separá-las de novo, porque a lei da affinidade sancta, natural, impelle-as uma para outra atravez de todos os obstaculos. E eu encontrei-te, socia de minha alma, e perguntas porque te amo tanto?

— Agenor! suspirou a moça.

— Pousa a tua cabeça em meu peito. O que ha aqui dentro, todos os anceios desta minha alma, todos os zelos do meu coração, toda a minha ambição de futuro, a vida, a honra, tudo, tudo tens em tuas mãos. Entrego-tos como ao meu anjo da guarda, como á divindade do meu lar. Que jubilo supremo me invade! minha, só minha! eu todo teu! Teu, dos teus, dos meus filhos, sangue das

nossas veias, almas das nossas almas, alegria da nossa mocidade cheia de ardor, consolo dos annos morosos da velhice ! Abraçar-te hoje e sempre, chamar-te minha, enlevar-me no som da tua voz, nunca mais nós deixarmos, seguirmos um ao outro unidos atravez dos caminhos da vida, rir-me com o teu riso, chorar com as tuas lagrymas, não saber já si eu ou tu fallamos, si por mim respiras, si ouço, si vejo por teus olhos, oh Lucia ! como póde a existencia humana encerrar esta ventura que me parecia a vida dos archanjos !

Lucia que reclinára a fronte no peito de Agenor, sorvera-lhe syllaba a syllaba a apaixonada effusão.

Vendo-a com os olhos banhados na luz dos seus olhos e as faces incendidas, o moço collou os seus aos labios della, e largo tempo aquellas duas almas, que a mão do destino assignalára com o sello lethifero, trocaram no primeiro beijo todo o amor com que se amavam, como si a invisivel clemencia do Creador, que a tudo preside, quizesse alli resumir o futuro inteiro daquellas duas naturezas amantes.

O primeiro beijo !

Que ineffavel mysterio, que abysmos e que paraizos não abrem de par em par as suas portas lobregas ou douradas a essa troca de effluvios criminosos ou sanctos em que se fundem as almas !

O primeiro beijo !

Que veneno lethal e que cordial de vida cõa esse contacto dos labios em seres humanos !

O primeiro beijo !

Torpôr de todos os sentidos, summa de todos os gozos, o primeiro beijo de Lucia e Agenor foi tambem o derradeiro.

Arrancou-os áquelle divino enlevo a gargalhada estridula da velha e hedionda mestiça, acocorada na deserta riba fronteira, como a ave nocturna cujo nome lhe dera o povo.

Aquelle riso tinha a crueza da fatalidade.

Lucia arrancou-se dos braços de Agenor, tremula e transida.

O moço estremeceu reconhecendo o riso de Marába.

— O que tens, Lucia ? Porque te aterra o riso daquella idiota ?

— Porque ella lembra-me que, antes de unir-me a ti, devêra ter-te revelado um segredo ; que guardei-o porque amava-te, porque te amo, como talvez se não tenha amado no mundo ; porque não tive forças para dizer-to.

Secreto instincto sobresaltou o moço.

— Oh, falla ! disse ancioso e desassocegado.

— O amor que te votei, que te consagro, Agenor, oh ! esse é immaculado como o amor com

que se deve amar no céu; nasceu sob os olhos de tua mãe, guardei-o no meu coração virgem e casto, dei-to puro e sancto. Mas desde que voltaste, tornou-se-me tormento e angustia de todas as horas, porque eu, Agenor, sou indigna de ti! disse Lucia com suprema resolução.

Os olhos de Agenor saltaram-lhe quasi das orbitas.

— Si a alma está virgem, e tem ainda valor para esta confissão horrivel, o corpo... esse manchou-o um homem, um verme nojento...

Com os cabellos hirtos, o gesto demudado, as mãos crispadas, o moço recuára espavorido.

No seu cerebro produziu-se o rumor pavoroso de um futuro inteiro que rue por terra.

Qual na selva amasonica o jaguar ferido lança-se sobre o imprudente agressor, os olhos de Agenor chammejaram, tremeram-lhe os labios sem proferir um som, e com um salto felino atirou-se sobre a misera, e estrangulou-a.

Fóra, a lua merencoria escondia a face sob a asa da nuvem procellosa, o sino enforcado na torre da capella oscillava ao vento, mugia a catadupa coberta pelo sudario de nevoas, e cortava a calma profunda da noite a toada da mestiça, monotona, funerea, lugubre.

FIM.



























